

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO**  
**MESTRADO EM LETRAS**

**JEFFREY MARLEY DA SILVA MIRANDA**

**NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE:** literatura, memória e  
identidade na percepção de quilombolas da Ilha de São Vicente

Imperatriz - MA

2023

**JEFFREY MARLEY DA SILVA MIRANDA**

**NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE:** literatura, memória e identidade na percepção de quilombolas da Ilha de São Vicente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, na área Estudos Literários e Estudos Linguísticos e na linha de Literatura, Diálogos e Saberes.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima

Imperatriz - MA

2023

M672n

Miranda, Jeffrey Marley da Silva

Narrativas que educam para a ancestralidade: literatura, memória e identidade na percepção de quilombolas da Ilha de São Vicente. / Jeffrey Marley da Silva Miranda. – Imperatriz, MA, 2023.

151 f.; il.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Lilian Castelo Branco de Lima.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2023 - Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Narrativa. 2. Comunidade Quilombola. 3. Memória. 4. Literatura.  
5. Ilha de São Vicente - TO. I. Título.

CDU 82-3:94(81).027(811.7)

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: Jéssica Santana Lima CRB13/894

JEFFREY MARLEY DA SILVA MIRANDA

**NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE:** literatura, memória e identidade na percepção de quilombolas da Ilha de São Vicente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

APROVADA EM: 31 / 01 / 2023

**BANCA EXAMINADORA**

*Lilian Castelo Branco de Lima*

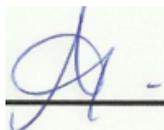
---

Profa. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima (Orientadora)  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

*Herli de Sousa Carvalho*

---

Profa. Dra. Herli De Sousa Carvalho (Examinadora externa)  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA



---

Profa. Dra. Raffaella Andrea Fernandez (Examinadora interna)  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

## AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado contou com apoios e incentivos importantes, sem os quais esta não se teria tornado uma realidade, e aos quais estarei eternamente grato.

À Professora Doutora Lilian Castelo Branco de Lima, pela sua orientação, total apoio, disponibilidade, pelo saber que transmitiu, pelas opiniões e críticas, total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho e por todas as palavras de incentivo.

À Uemasul, universidade amada, à coordenação do mestrado em Letras, Professores Gilberto Freire de Santana e Maria da Guia Taveiro Silva; aos docentes, pela sua participação e colaboração, porque sem eles não seria possível a realização deste trabalho. E aos meus colegas da primeira turma de Mestrado em Letras da Uemasul 2019.2.

Aos quilombolas da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, pela disponibilidade e generosidade. Sinto-me honrado pela oportunidade de contar um pouco mais de sua história. Aproveito para agradecer também à Maria de Fátima Batista Barros (*In memoriam*), da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, militante e profunda conhecedora da luta quilombola, que me inspirou e foi de suma importância, sobretudo no início desta pesquisa.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, Lucineide Miranda, e minha avó materna, Maria de Jesus (Dona Dijé), por suas constantes orações, cuidado e apoio incondicional. Ao meu pai, Valdo Pereira, meus irmãos, Jennyfer Airan e Walber Pereira; e aos sobrinhos e sobrinha, Arthur, Lorenzo, Theo, Theodoro e Aisha, por todo amor e carinho, o que me trouxe muita leveza durante todo esse processo. Obrigado por acreditarem em mim! Essa vitória também é de vocês!

Aos meus amigos que contribuíram e me inspiraram direta ou indiretamente nessa caminhada: Aline Botelho, Samera Dias, Marlúcia Vitalina, Thenille Santos, Rebeca Magalhães, Jefferson Sousa, Socorro Franco (Help), Daniela Oliveira, Adriano Augusto, Nayane Januário, Maria Bandeira (Neguinha), Fabrício Evangelista, Renan Chaves, Prof. Dr. Reginaldo Carvalho, Letycia Oliveira, Nelson Gentil e Eduardo Neto, entre outros que estiveram ao meu lado durante esta

fase, pelo companheirismo, força e apoio nos momentos difíceis.

Fogo!... Queimaram Palmares, nasceu Canudos.

Fogo!... Queimaram Canudos, nasceu Caldeirões.

Fogo!... Queimaram Caldeirões, nasceu Pau de Colher.

Fogo!... Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando.

Porque mesmo que queimam a escrita, não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos, não queimarão os significados.

Mesmo queimando o nosso povo, não queimarão a ancestralidade.

(Antônio Bispo dos Santos, conhecido como “Nego Bispo” – Quilombo Saco-curtume em São João do Piauí/PI - na obra Colonização, quilombo – modos e significações, 2021, p. 33).

## RESUMO

Este trabalho tem o intuito de apresentar vozes quilombolas presentes na região do Bico do Papagaio, por entender os silenciamentos impostos à cultura afro-brasileira nesta região. Tendo como objetivo geral analisar juntamente com três mulheres quilombolas da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente em Araguatins – TO, as temáticas presentes em duas obras afro-brasileiras, e com isso conhecer, a partir de suas narrativas orais (ALBERTI, 2013; BOM MEIHY 1996), as suas vivências, os saberes tradicionais (LIMA, 2016; HAMPATÉ BÂ, 2010) que carregam consigo, suas memórias coletivas e individuais (HALBWACHS, 2006), para a preservação e registro dessas narrativas ancestrais que educam. E de forma específica, identificar os aspectos relacionados à memória e identidade (HALL, 2006; CANDAU, 2012) nessas vivências relatadas pelas entrevistadas. As obras examinadas nesta pesquisa são de mídias diferentes: A primeira é o livro infantil “Bucala - A pequena princesa do Quilombo do Cabula” (NUNES, 2019) e a poesia-*slam* presente no vídeo “Calma, senhor” (2018). Para isto, são utilizados os fundamentos teóricos da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1969). Esta pesquisa possui natureza qualitativa, em relação aos objetivos esta pesquisa é exploratória-descritiva e os instrumentos utilizados na pesquisa de campo (MARCONI; LAKATOS, 2003) foram um questionário e uma entrevista com roteiro semiestruturado. Os principais resultados deste trabalho mostram que as entrevistadas despertaram para sua identidade quilombola após o despejo que ocorreu na comunidade e desde então passaram a entender suas práticas e tradições a partir de uma perspectiva ancestral, o que ocasionou um processo de construção identitária que se estende até hoje.

Palavras-chave: Narrativas; Comunidade Quilombola; Identidade; Memória; Literatura.

## ABSTRACT

This work aims to present quilombola voices present in the Bico do Papagaio region, by understanding imposed muzzlings on Afro-Brazilian culture in this location. The main objective was to analyse, together with three quilombola women from the Quilombola Community Ilha de São Vicente in Araguatins - TO, the topics present in two Afro-Brazilian works, and therefore to know, from their oral narratives (ALBERTI, 2013; BOM MEIHY 1996), their personal experiences, their traditional knowledge (LIMA, 2016; HAMPATÉ BÂ, 2010) which they carry with them, their collective and individual memories (HALBWACHS, 2006), in order to preserve and register these ancestral narratives that provide education. Specifically, to recognize the related aspects concerning memory and identity (HALL, 2006; CANDAU, 2012) among the interviewees' experiences. The pieces examined in this research are from distinct media: The first one is the child book "Bucala - A pequena princesa do Quilombo do Cabula" (NUNES, 2019) and the slam-poetry that is present in the "Calma, senhor" (2018) video. For this purpose, are used the theoretical fundamentals of the Aesthetics of Reception from Hans Robert Jauss (1969). This research has a qualitative nature, regarding the objectives this research is explorative-descriptive and used tools in the field research (MARCONI; LAKATOS, 2003) were a questionnaire and a semi-structured script interview. The principal findings of this paper illustrate how the interviewees had awakened to their quilombola identity after being evicted from their own territory. From then on, they started to perceive their practices and traditions taking into account an ancestral perspective, resulting in an identity construction process that has lasted up to today.

Keywords: Narratives; Quilombola Community; Identity; Memory; Literature.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Placa na entrada do Quilombo .....	37
Figura 2 - Mesorregião Bico do Papagaio .....	40
Figura 3 - Percurso para chegar ao município de Araguatins, cidade que abriga a comunidade .....	42
Figura 4 - Localização da Ilha de São Vicente .....	43
Figura 5 - Plantação de Banana .....	44
Figura 6 - Colheita de Mandioca .....	45
Figura 7 - Canteiro .....	45
Figura 8 - Criação de galinhas .....	46
Figura 9 - A pesca .....	46
Figura 10 - Folhas de Babaçu para cobrir as casas .....	47
Figura 11 - Carvão de coco Babaçu .....	47
Figura 12 - Azeite de Babaçu .....	48
Figura 13 - Lamparina acesa com óleo diesel .....	49
Figura 14 - Pátio da Comunidade, onde foi realizado o Encontro de Pesquisadores/as .....	50
Figura 15 - Capa da obra Bucala – A pequena princesa do Quilombo do Cabula ..	66
Figura 16 - Países da África Ocidental, no oeste africano .....	68
Figura 17 - Personagem Bem-preto-de-barbichinha-bem-branca .....	69
Figura 18 - A mãe de Bucala, trançando seu cabelo .....	72
Figura 19 - Lacabu, mãe de Bucala, colocando missangas em seu cabelo .....	73
Figura 20 - Escravocrata representado no livro .....	80
Figura 21 - Capitães-do-mato representados no livro .....	80
Figura 22 - Bucala em seu quilombo .....	83
Figura 23 - Fátima Barros .....	85
Figura 24 - Placa de Rua Fátima Barros .....	88
Figura 25 - Capa da primeira versão .....	90
Figura 26 - Capa da segunda versão .....	91

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
ANQ	Articulação Nacional de Quilombos
APA	Áreas de Proteção Ambiental
ASMUBIP	Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio
BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal e Nível Superior
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FCP	Fundação Cultural Palmares
FN	Florestas Nacionais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFTO	Instituto Federal do Tocantins
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INCTI	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.
MA	Maranhão
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MDS	Ministério da Cidadania e do Desenvolvimento Social
MIQCB	Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu
ONU	Organização das Nações Unidas
PA	Pará
PAMBP	Plano de Ação da Mesorregião Bico do Papagaio
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
POLAMAZÔNIA	Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia
POLOCENTRO	Programa de Desenvolvimento dos Cerrados

PPA	Plano Plurianual
PT	Partido dos Trabalhadores
PTT	Produção Técnico-Tecnológica
REx	Reservas Extrativistas
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
SAI	Sala de Aula Invertida
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SP	São Paulo
TO	Tocantins
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UEMASUL	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNB	Universidade de Brasília
UNITINS	Universidade Estadual do Tocantins

## SUMÁRIO

1	"O CONTRÁRIO DE CASA GRANDE NÃO É SENZALA, É QUILOMBO!" - CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	15
2	NA CONFLUÊNCIA DAS ÁGUAS DO RIO ARAGUAIA E TOCANTINS - A COMUNIDADE QUILOMBOLA ILHA DE SÃO VICENTE E OS CAMINHOS TRILHADOS NESTA PESQUISA .....	31
2.1	Percurso metodológico pelos caminhos e saberes do quilombo da Ilha de São Vicente .....	33
2.2	Das narrativas e vivências do/sobre o quilombo Ilha de São Vicente .....	37
3	NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE .....	51
3.1	“Somos um arsenal de bombas” – Análise da poesia-slam .....	51
3.1.1	“Você não se sente protegido de jeito nenhum” – A violência do estado..	54
3.1.2	“Vamos reunir todos os artefatos históricos’ – O despejo e o despertar	56
3.1.3	“Esse direito é nosso, porque negaram os estudos aos nossos antepassados” – O acesso à educação .....	60
3.1.4	“Tentam me dar um script do que eu vou falar” – Preterimento .....	64
3.2	Bucala – Análise do livro .....	66
3.2.1	“A gente tá sempre aprendendo com eles” – Os griôs .....	67
3.2.2	“Eu era mais aceita, recebia muitos elogios” – Identidade negra .....	71
3.2.3	“Eu sou filha de um descendente direto de africano escravizado.” – Identidade quilombola.....	76
3.2.4	“Sinto sempre aquela sensação de que estou sendo olhada, que posso ser atacada.” – Os algozes .....	79
3.2.5	“Quando tomo banho nas águas do rio me sinto abraçada” – Espiritualidade .....	83
3.2.6	“Fátima presente, Fátima semente!” - Maria de Fátima Batista Barros .	85
4	RELATO METODOLÓGICO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-TECNOLÓGICA .....	89
4.1	PPT - NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE: Propostas para aulas de Literatura. ....	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	131

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE A – TEXTO CALMA, SENHOR, NÃO ATIRA. NÃO SOU</b>	<b>142</b>
<b>BANDIDO, SOU ARTISTA, POETA, CANTOR... ..</b>	
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA .....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO A - PASSO A PASSO DA TITULAÇÃO DE TERRITÓRIO</b>	<b>150</b>
<b>QUILOMBOLA .....</b>	

## 1. "O CONTRÁRIO DE CASA GRANDE NÃO É SENZALA, É QUILOMBO!" - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Início com a afirmação acima do sociólogo piauiense Clóvis Moura e antes de tudo, como um homem nordestino, LGBTQIAPN+<sup>1</sup> e herdeiro do povo negro, pedindo licença ao povo quilombola, especialmente, às mais velhas e aos mais velhos, porque este estudo se enreda pelo contexto histórico dos Quilombos até os dias atuais, ressaltando a importância desses territórios como guardiões dos saberes tradicionais que sustentam os Brasis plurais. Para começar é válido lembrar que o sistema escravocrata no Brasil perdurou por quase quatrocentos anos, de 1550 a 1888, 4/5 da história do país, iniciando-se com os povos de origem africana sendo retirados de forma brutal e violenta do seu convívio familiar, trazidos ao país de forma desumana e já na Colônia foram expostos à exploração sexual, ao preconceito, à desqualificação como ser humano (SOUZA, 2012, p. 82).

Ademais, tiveram seus direitos usurpados juridicamente, pois o Estado se utilizou do seu aparato legislativo para promover a desigualdade social. No entanto, onde houve escravização e injustiça, houve também resistência a tantas barbaridades oriundas desse longo período escravagista. E foram muitas as formas com que os escravizados protestavam, dentre elas: o suicídio, o aborto, o infanticídio, o banzo (extrema saudade da terra natal que levava à depressão letal), fugas individuais, assassinato contra senhores e feitores, a subserviência fingida, a capoeira, rituais do candomblé, entre outras ações.

Outra forma de resistência são os Quilombos que se tornaram refúgios contra a violência do escravismo. De acordo com os registros históricos, o primeiro quilombo brasileiro teria surgido a partir de 1575 (CHIAVENATO, 1999, p.65). Para esse local de refúgio, o termo mais usado no Brasil até o século XVII era "mocambo"<sup>2</sup>, que em quimbundo e em quicongo significava "pau de fieira", uma espécie de suporte usado para erguer choupanas, a moradia desenvolvida pelos escravizados fugidos nos

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre a sigla consultar o Glossário da Diversidade (2021), elaborado pela UFSC, disponível em: [https://saad.paginas.ufsc.br/files/2017/10/Glossario\\_versaointerativa.pdf](https://saad.paginas.ufsc.br/files/2017/10/Glossario_versaointerativa.pdf). Acesso em: 11 set. 2022.

<sup>2</sup> Na Venezuela eram conhecidos como *Cumbes*, na Colômbia eram chamados de *Palanques*, no Caribe Francês de *Marronaje*, em Cuba e Porto Rico de *Cimarronaje* (GOMES, 2018, p.372)

acampamentos – que na maioria das línguas bantas<sup>3</sup> da África Central se chamavam – Quilombos (GOMES, 2011, p. 58).

Quilombos são, portanto, territórios étnico-raciais com ocupação coletiva, baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias; com regularização fundiária garantida pela Constituição Federal de 1988. Eles expressam a resistência a diferentes formas de dominação, são uma das primeiras experiências de liberdade nas Américas com valores culturais africanos e organização democrática, constituindo assim, um modelo econômico contrário ao colonialista (NASCIMENTO, 2002, p. 202).

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Quando os chamados de escravizados fugidos<sup>4</sup>, aqueles que buscavam liberdade fugiam das fazendas, casas e locais de trabalho. De acordo com Freitas (1980, p. 43), conforme citado por Moura (1988, p. 43-44), haviam, pelo menos sete tipos de Quilombos:

a) os agrícolas, que prevaleceram por todas as partes do Brasil; b) os extrativistas, característicos do Amazonas, onde viviam de drogas do sertão; c) os mercantis, também na Amazônia, que adquiriam, diretamente de tribos indígenas, as drogas para mercadejá-las com os regatões; d) os mineradores, em Minas Gerais, Bahia, Goiás e Mato Grosso; e) os pastoris, no Rio Grande do Sul, que criavam o gado nas campanhas ainda não apropriadas e ocupadas por estancieiro; f) os de serviços, que saíam dos Quilombos para trabalhar nos centros urbanos; e finalmente, g) os predatórios, que existiam um pouco por toda parte e viviam dos saques praticados contra os brancos. Nos seis últimos tipos, a agricultura não estava ausente, mas desempenhava um papel subsidiário.

É válido mencionar que eles possuíam organização variada, isso porque fatores como o espaço que ocupavam, a quantidade de sua população, a qualidade da terra em que estavam e a capacidade de defesa, eram relevantes para o estabelecimento do quilombo, pois, nas terras quilombolas, “a propriedade da terra era comunitária, e o dinheiro não circulava” (GALEANO, 2012, p. 81). Com a Abolição, os Quilombos deixaram de ser mencionados. Contudo, o Estado brasileiro, seja colonial, imperial e depois republicano, nunca reconheceu a legitimidade dessas comunidades. Dessa forma, sua existência sempre esteve fora dos limites da lei.

---

<sup>3</sup> Descendentes da cultura banto e herdeiros dos ancestrais que vieram do Maranhão e trazidos, principalmente, de países como Angola, Golfo de Guiné e do Senegal.

<sup>4</sup> No ano de 1740, o conselho ultramarino definia como quilombo “todo núcleo que reunisse mais de cinco escravizados fugidos, independentemente de ter ou não qualquer edificação.” (DOMINGUES-LOPES, 2011, p. 67).

E quando a escravização foi abolida o que se esperava é que não existisse mais comunidades quilombolas, pois, via de regra, são comunidades de fugidos da escravização. E se não existia mais escravização, pensou-se então que não haveriam mais os Quilombos, entretanto, como se sabe, não foi isso que aconteceu. Nos últimos anos do escravismo brasileiro, os Quilombos já não eram mais denominados exclusivamente por comunidade de fugidos. Muitos quilombolas já tinham, inclusive, nascido na vigência da lei do ventre livre<sup>5</sup> e por isso não conheceriam teoricamente a escravização.

Então, essas comunidades mistas, de livres e fugidos, passam a ser reconhecidas apenas como camponeses negros<sup>6</sup>, apagando aos poucos a identidade quilombola. No pós-abolição se intensificou o processo de apagamento histórico e geográfico dos Quilombos. Isso porque as políticas públicas, em curso no Brasil Republicano, não enxergavam a existência deles no censo populacional e agrícola. Aos poucos esses camponeses negros, em sua maioria remanescentes de Quilombos, foram transformados em caiçaras, caboclos, pescadores<sup>7</sup> e retirantes, menos quilombolas.

---

<sup>5</sup> “Uma das precursoras da Lei Áurea, a norma determinou que, de 28 de setembro de 1871 em diante, as mulheres escravizadas dariam à luz apenas bebês livres. De acordo com a lei, não nasceria mais nenhum escravizado em solo brasileiro. Os deputados aprovaram o projeto da Lei do Ventre Livre em três meses e meio. Os senadores, logo depois, em apenas três semanas. A lei foi imediatamente sancionada pela princesa Isabel, que dirigia o Império em razão de uma viagem de D. Pedro II ao exterior. [...] Os bebês, na realidade, não seriam livres de verdade. Grosso modo, a Lei do Ventre Livre estabeleceu que os filhos permaneceriam junto da mãe escravizada, vivendo no cativeiro, até os 8 anos de idade. Dos 8 aos 21 anos, continuariam na propriedade do senhor ou, se ele não os quisesse mais, ficariam sob a tutela do Estado. O poder público, contudo, não se preparou para cuidar das crianças que completassem 8 anos. Elas, então, permaneceram nas fazendas, trabalhando como se fossem escravizadas. Na prática, a liberdade prevista na Lei do Ventre Livre só viria mesmo na idade adulta, aos 21 anos. O trabalho que os filhos das escravizadas prestariam ao longo dos anos gratuitamente ao fazendeiro serviria de compensação pelos gastos com a criação (teto, comida, roupa etc.) e também de indenização pela perda compulsória da “propriedade”. Fonte: Agência Senado

<sup>6</sup> Na tese da professora Rita Domingues-Lopes (2019, p. 88) há um apanhado das denominações já recebidas pelas comunidades quilombolas.

<sup>7</sup> “Entende-se por Caiçaras as comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravizados africanos. A palavra ‘caiçara’ tem origem tupi-guarani: ‘caa’ = pau, mato + ‘içara’ = armadilha, ou seja, armadilha feita de galhos e varas entrelaçados, utilizada pelos índios [indígena] que, com o tempo, passou a identificar pescadores que utilizavam esse sistema artesanal de pesca.

Caboclo, mameluco, cariboca ou curiboca é o mestiço de branco com índio [indígena]. Também era a antiga designação do indígena brasileiro. Pode, também, ser sinônimo de caipira. Segundo o Dicionário Aurélio, “caboclo” procede do tupi kari'boka, que significa “procedente do branco”. O tupinólogo Eduardo de Almeida Navarro defende que “caboclo” se originou do termo tupi kuriboka, que, num primeiro momento, designava o filho de índio [indígena] com africana. Mais tarde, kuriboka teria passado a se referir também ao filho de mãe índia [indígena] e pai branco.

Os Pescadores são uma população tradicional espalhada ao longo do litoral, pelos rios e lagos e tem um modo de vida baseado principalmente na pesca, ainda que exerça outras atividades econômicas

Esse processo de apagamento, que era parte da ideologia de branqueamento racial, isolou estrategicamente comunidades negras rurais pela falta de comunicação, educação, saúde e acesso às políticas públicas. E conseqüentemente, ao longo da história, foram estigmatizadas e desencorajadas a assumir sua identidade quilombola. Nesse cenário, apesar de muitas dessas comunidades preservarem suas tradições culturais, aos poucos as palavras Quilombos e quilombolas foram desaparecendo do vocabulário brasileiro.

Ainda no contexto das muitas violências cometidas contra a manutenção das tradições quilombolas, é importante mencionar que depois do golpe militar, para satisfazer as elites rurais, o então presidente Humberto Castello Branco sanciona o Estatuto da Terra, em 1964, que propunha a reforma agrária e o desenvolvimento da agricultura, que nunca se efetivou, entretanto, a agricultura recebeu forte suporte governamental, o que fortaleceu os grandes proprietários de terras e a monocultura e fez aumentar a disputa por terra e território. Com isso as comunidades negras remanescentes de Quilombos foram diretamente afetadas, inclusive, muitas tiveram seus territórios totalmente invadidos e tomados pela ação de grileiros a serviço da especulação (SILVA, 2011, p. 108).

De forma implacável, os 21 anos de ditadura – décadas de 70 e 80 – que sucederam foram extremamente violentos para o campesinato negro, que entendendo a emergência desta problemática relacionada à questão fundiária e da propriedade legítima de suas terras, articula-se com o movimento negro para a inclusão da visibilidade das comunidades quilombolas no texto constitucional de 1988.

E após muita luta no congresso constituinte, o Movimento Negro consegue incluir, no texto da nova Constituição, a criminalização do racismo e o reconhecimento da propriedade dos remanescentes de Quilombos sobre seus territórios. Esses direitos foram importantes conquistas para as comunidades quilombolas, porém é necessário lembrar o que estávamos discutindo há pouco, que muitas dessas comunidades no pós-abolição, foram descaracterizadas na tentativa de apagamento de seu legado quilombola. Então, como essas comunidades receberiam a titularidade de suas terras se o próprio Estado promoveu a tentativa de apagamento de suas identidades? Por isso,

---

complementares, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura, em geral de subsistência” Fonte: Instituto EcoBrasil (s/d).

[...] até o conhecimento do artigo 68 do ADCT<sup>8</sup>, os moradores das comunidades não originadas de escravizados fugidos, não se pensavam como quilombolas. Também, muitos moradores nem sabiam o que era um quilombo. Somente a partir da década de 1990, após debates sobre o conceito de quilombo, e em muitas ocasiões, depois do contato com representantes do movimento das comunidades negras, movimento negro, antropólogos e historiadores, é que estas comunidades passaram a se identificar como quilombolas (FIABANI, 2008, p. 14).

Foi necessário, portanto, um órgão com a responsabilidade de emitir os certificados de reconhecimento das comunidades quilombolas, dessa forma, para esse fim, em 1999, onze anos após a promulgação da Constituição, nasce a única entidade negra de Estado, a Fundação Cultural Palmares (FCP). A partir de então, o Estado só reconheceria como quilombola aqueles que a FCP dissesse que eram quilombolas.

A FCP reconheceu cerca de 1400 comunidades quilombolas de 2003 a 2010, durante os dois mandatos do Lula. A média se manteve parecida com Dilma e Temer. Mas na gestão Bolsonaro, com Sérgio Camargo<sup>9</sup> na presidência, a certificação caiu vertiginosamente com o menor patamar dos últimos 16 anos. Em 2022, foram reconhecidas<sup>10</sup> apenas 2 comunidades quilombolas, o que é pouco mediante as mais de 6 mil comunidades (CONAQ, s.d) que esperam ser certificadas e tituladas em todo território nacional.

Um dado alarmante, que merece destaque para que se reflita e problematize, é que de acordo com a última pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS)<sup>11</sup>, em 2014, cerca de 75% da população

<sup>8</sup> O art. 68 – ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias) - “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir lhes os títulos respectivos”.

<sup>9</sup> Sérgio Camargo é filho de um histórico militante do Movimento Negro, Oswaldo de Camargo, poeta, escritor e jornalista. Foi escolhido para o cargo de presidente da FCP, por Roberto Alvim, então secretário especial da cultura, que protagonizou um dos maiores absurdos midiáticos que esse governo Bolsonaro já produziu, no vídeo de apresentação do que seria o Prêmio Nacional da Arte, com a música preferida de Adolf Hitler ao fundo e utilizando ‘uma citação de Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler na Alemanha nazista.

<sup>10</sup> São seis etapas para a titulação de um território quilombola. A primeira é a autodefinição quilombola, comprovada por intermédio de Certidão de Autorreconhecimento, emitida pela FCP; a segunda é a elaboração do RTID (Relatório Técnico de Identificação e Delimitação), para a comprovação dos limites das terras das comunidades; em seguida a Terceira etapa, consiste na publicação do RTID; a quarta etapa, é a publicação da portaria de reconhecimento no diário oficial da União e dos Estados; a quinta etapa é a publicação de Decreto Presidencial de Desapropriação por Interesse Social, e a última etapa a titulação imprescritível e pró-indiviso à comunidade. Fonte: INCRA (s.d). Nos anexos há um folheto informativo ilustrado com todas as etapas.

<sup>11</sup> A última pesquisa feita por este ministério sobre alimentação e situação das vivências quilombolas no país, foi feita em 2014, quando Dilma era presidenta, tendo a economista do Partido dos

quilombola vive em situação de extrema pobreza, somente 15% dos domicílios têm acesso à rede pública de água e 5% à coleta regular de lixo, e em 89% dos domicílios o lixo doméstico é queimado. Só 0,2% estão conectados à rede de esgoto e de águas pluviais (PINTO, 2014, p. 41). O descaso é um constante enfrentamento da população quilombola, uma das provas disso é que nem mesmo consta como destinatária de políticas públicas específicas no Plano Plurianual (PPA) 2020-2023 do governo Federal.

Outro fator relevante é que, após ser adiado em 2020, por causa da pandemia de covid-19, e sofrer um golpe em 2021 por falta de orçamento, o Censo demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), finalmente aconteceu em 2022 e é a primeira vez que a população quilombola está incluída na contagem, isso é um acontecimento inédito em 151 anos do Censo, essa contagem oficial da população brasileira, que obtém informações que poderão ser usadas no desenvolvimento de políticas públicas. .

Tal exposição do contexto histórico da situação quilombola, apresentado até agora, foi realizada no objetivo de proporcionar o entendimento acerca dos determinantes sociopolíticos que podem auxiliar na compreensão da resistência constante dos quilombolas brasileiros na persistente luta por sua existência e liberdade (DAVIS, 2018). A esse respeito, o mestre quilombola Nego Bispo, destaca que:

Nos Quilombos não tem mendigo. Nos Quilombos não tem gente morando na rua. Nos Quilombos não precisa creche e nos Quilombos não precisa de asilo. [...] Os Quilombos são as organizações contra-colonizadoras mais antigas que se construiu". Por isso, "o nosso conceito de mundo é outro, o nosso conceito de nossa riqueza é outro" (ALMEIDA, 2021, s/p).

Nesse entendimento, pode se afirmar que os Quilombos são os guardiões dos saberes tradicionais que sustentam os Brasis plurais, pois as comunidades remanescentes de Quilombos trazem em sua historicidade e práticas uma carga de memória que representa suas lutas, sua cultura e todo um conjunto de vivências, muitas vezes não registradas em suporte físico, mas transmitidas, em forma de narrativas orais, de geração em geração. Sua memória social é constituída e tecida em suas festas, cerimônias, rituais e em seu cotidiano, deixando vivos seus valores

---

Trabalhadores (PT), Tereza Campello, como ministra. Sendo sucedida pelos médicos Osmar Terra e Alberto Beltrame, ambos do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) na gestão ilegítima de Michel Temer. Em 2019, no bolsonarismo, este ministério foi incorporado ao Ministério da cidadania.

que foram repassados a partir de seus ancestrais (DA SILVA; DOS SANTOS FILHO, 2018, p. 242).

Mas, apesar dessa manutenção, carecem do reconhecimento, desenvolvimento e garantia dos direitos sociais, territoriais, econômicos, ambientais e culturais, respeitando a sua identidade, suas formas de organização e suas instituições. Desse modo, é nesse contexto que nasce esta pesquisa, entendendo a necessidade local da preservação e divulgação das raízes identitárias da região do Bico do Papagaio, por intermédio do registro e divulgação dos saberes imateriais (DA CONCEIÇÃO SILVA; SOCIO, 2021, p. 41) presentes nas narrativas oriundas das comunidades quilombolas da região.

Vale mencionar que a necessidade da divulgação dessas narrativas é tão relevante como essencial, tendo em vista o desconhecimento de um número considerável das pessoas sobre essas comunidades quilombolas. E menciono esse argumento, partindo de minha experiência, pois apesar de morador da região do Bico do Papagaio há quase três décadas e que sempre estudei na região, não sabia da existência de comunidades quilombolas no Bico do Papagaio. E acrescento que isso não me foi transmitido na educação básica regional, nem mesmo quando fiz o Ensino Superior em Imperatriz – MA. Só tive conhecimento sobre a Comunidade quando morei na cidade de Axixá do Tocantins – TO, 42 km de Imperatriz, quando iniciei uma segunda graduação na cidade de Augustinópolis – TO.

Na universidade – Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) – eu fiquei sabendo sobre a existência de uma comunidade quilombola próxima, o que para mim foi uma surpresa e desde então fiquei determinado a conhecer a comunidade, pois à época eu estava no meu processo de descobrir-me um homem negro e me conectando com minha ancestralidade de todas as formas que eu tinha acesso. Quando digo que me descobri negro, relembro das palavras do advogado, filósofo e professor universitário Dr. Silvio Almeida, quando ele destaca na obra *Racismo Estrutural* (ALMEIDA, 2019, p. 40-41):

Desde que comecei a integrar as ações do movimento negro e a estudar a fundo as relações raciais, passei a prestar atenção ao número de pessoas negras nos ambientes que frequento, e que papel desempenham. Nos ambientes acadêmicos e próprios ao exercício da advocacia percebi que, na grande maioria das vezes, eu era uma das poucas pessoas negras, senão a única, na condição de advogado e de professor. Entretanto, essa percepção se altera completamente quando, nesses mesmos ambientes, olho para os

trabalhadores da segurança e da limpeza: a maior parte negros e negras como eu, todos uniformizados, provavelmente mal remunerados, quase imperceptíveis aos que não foram “despertados” para as questões raciais como eu fui. [...] como eu, mesmo sendo um homem negro, só fui “despertado” para a desigualdade racial ao meu redor pela atividade política e pelos estudos. O que me impedia de perceber essa realidade? O que me levava a “naturalizar” a ausência de pessoas negras em escritórios de advocacia, tribunais, parlamentos, cursos de medicina e bancadas de telejornais? O que nos leva – ainda que negros e brancos não racistas – a “normalizar” que pessoas negras sejam a grande maioria em trabalhos precários e insalubres, presídios e morando sob marquises e em calçadas? Por que nos causa a impressão de que as coisas estão “fora do lugar” ou “invertidas” quando avistamos um morador de rua branco, loiro e de olhos azuis ou nos deparamos com um médico negro? (ALMEIDA, 2019, p. 40-41, grifo nosso).

Eu, durante muito tempo da minha vida, naturalizei todo o sofrimento que passei por ser negro, por entender que aquilo seria a minha vida e eu não teria que lutar contra. Quando despertei “para a desigualdade racial ao meu redor pela atividade política e pelos estudos”, eu olhei para meu passado com uma outra perspectiva e entendi meu presente de uma forma totalmente nova e revolucionária e decidi então mudar o meu futuro e dos meus descendentes.

Venho de uma família negra e pobre, com grandes mulheres, muito resilientes e lutadoras auspiciosas, a começar por minha avó materna, Maria de Jesus Miranda, mais conhecida como Dona Dijé, maranhense de São Raimundo das Mangabeiras, filha de lavradores piauienses, que a obrigaram a casar aos 13 anos de idade com um rapaz 30 anos mais velho - Antônio Miranda – meu falecido avô, que minha avó só conheceu no dia do casamento. Logo minha avó engravida de sua filha primogênita, minha mãe, tem de interromper os estudos e em busca de melhores oportunidades, muda para Imperatriz – MA com seu marido e lá torna-se mãe mais onze vezes.

Essa foi a avó que eu mais tive acesso, pois minha mãe sempre me deixava a seus cuidados, quando tinha que trabalhar e não tinha com quem deixar-me. Ela costuma dizer que me criou, inclusive eu até hoje a chamo de Mãe e não de avó, já minha mãe, eu chamo de Mamãe. Minha outra avó, a paterna, que sempre morou distante, na capital São Luís, Noeline Izaurina de Jesus Pereira, que eu sempre chamei de Vó Noquinha, é outra grande mulher, teve meu pai como filho biológico e mais uma filha de adoção, minha tia Vânia. Infelizmente, Vó Noquinha teve uma vida atravessada por violência doméstica por parte de meu avô, que eu nunca cheguei a

conhecer, mas apesar destas marcas de dor, sempre foi um doce comigo e com meus irmãos e sempre se mostrou uma mulher de muita fé, determinada e forte.

Outra grande mulher na minha vida, é minha mãe, Lucineide Miranda, a primogênita de onze irmãos, que ajudava minha avó Dijé na criação de outros filhos, enquanto dividia o tempo entre os estudos, o trabalho e os ensaios da escola de samba, que participava como passista. Sempre quis ser independente e nunca foi muito afeiçoada a tarefas domésticas quando mais jovem, aos vinte anos de idade engravida de seu namorado, motivo de reprovação por parte de minha avó, que a expulsa de casa.

Recomeça a vida com seu namorado, meu pai, Valdo Pereira, um jogador de futebol profissional vindo da capital, e logo começo a construção de sua família. Dias após se apresentar no carnaval de 1989, minha mãe dá a luz a mim, o primogênito de três filhos, dois anos depois, minha irmã Jennyfer chega à família, e em mais três anos meu irmão mais novo, Walber. Lembro de uma infância com algumas privações, nem sempre podíamos comer o que desejávamos ou ir onde queríamos, e eu não podia ter sempre os brinquedos que eu quisesse. Minha mãe sempre teve que trabalhar e meu pai também, então eu e meus irmãos ficávamos muito na casa de minha avó Dijé.

Entre 11 e 12 anos de idade, começo a ajudar minha mãe em casa a cuidar dos meus irmãos e a fazer comida e organizar a casa em sua ausência. Minha mãe sempre levou meus irmãos e eu à igreja católica. Sempre foi uma figura imponente em casa, desdobrando-se em mil serviços para poder pagar o aluguel, fazer supermercado e nos vestir. Meu pai meio relapso e minha mãe sempre atenta e na responsabilidade de fazer aquela família dar certo. Minha avó Dijé semianalfabeta, minha mãe tinha só o Ensino Fundamental, vindo a concluir o Ensino Médio na EJA anos mais tarde, já meu pai não chegou a terminar o Ensino Médio.

Quando adolescente, eu a ajudava a vender espetinho na praia, no período de veraneio da cidade, e então comecei a vender por conta própria picolé na praia, o que me ajudava a ter dinheiro para durante a semana lanchar na escola e comprar meus doces e o que eu desejasse com aquele pouco dinheiro. Éramos uma família de classe baixa, morando em casa com aluguéis baratos em locais centralizados, pois minha mãe tinha pavor de morar em bairros afastados.

O racismo nunca foi uma questão em minha família, inclusive, digo que éramos uma família que reproduzia bastante racismo. Recordo-me de minha mãe alisando o cabelo em casa, depois começa a alisar o cabelo de minha irmã, lembro que minhas tias alisavam também, pois tinham pavor de ficar com o “fuá alto”. E os homens da família, todos cortavam o cabelo bem baixinho e usavam bonés. Não lembro de situações específicas, porém tenho reminiscências que dizem que minha família não gostava de religiões de matriz africana, apesar de minha avó ter uma grande amiga rezadeira.

E desde casa, eu aprendi que meu cabelo era feio, que ser preto não era legal, inclusive fui um adolescente que tinha vergonha de andar com meus pais, pois eles eram negros. Como se eu não fosse também! E minha cabeça uma confusão, pois eu comecei a me entender como gay, em uma família expressamente homofóbica, com meus tios sempre me repreendendo a andar e falar da maneira mais ‘masculina’ possível e a partir da minha adolescência eu começo a performar uma heterossexualidade para que eu não sofresse represálias de ninguém.

Sobre esse momento de descoberta da homossexualidade pelo indivíduo negro adolescente, há algo coerente e que diz muito sobre minhas vivências, na obra *Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades* (2019), presente no artigo “Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta”, que quero destacar aqui sem me alongar muito:

A descoberta da homossexualidade pelos garotos negros, que a partir deste momento do texto chamarei de “bixas pretas”, os faz experimentar uma segunda diáspora, porque os retira novamente da possibilidade de serem integrados e acolhidos, mas de forma ainda mais nociva, haja vista que essa segunda barreira à aceitação se dá em seus próprios Quilombos, ou seja, em sua família, em sua comunidade, e até mesmo nos movimentos negros. Um impasse é colocado frente às bixas pretas: negar a própria sexualidade e aderir à masculinidade heteronormativa, para se proteger e preservar o amor de seus pares ou para afirmar a própria sexualidade e ficar desprotegido, correndo o risco de não ser aceito em seu próprio espaço familiar de pertencimento. Qualquer uma dessas escolhas implica em sofrimento, já que em ambas é o “afeto-diáspora” que comparece desdobrando-se em ansiedade, resignação ou depressão. Desde muito cedo as bixas pretas precisam enfrentar o próprio corpo e o próprio desejo como inimigo em potencial porque podem vir a deixá-las ainda mais desamparadas, como se viver num país onde a cada 23 minutos se mata um jovem negro não fosse terrível o suficiente. Soma-se a isso o fato de o Brasil ser um dos países que mais matam LGBTs no mundo. A cada 28 horas uma pessoa LGBT é assassinada no país. Esses dados, ao se cruzarem sobre o corpo da bixa preta, fazem dela um alvo permanente da violência do racismo e da homofobia. Ao afirmar a sexualidade, muitas bixas

pretas precisam lidar com a não aceitação da família ou de parte dela. Certamente, contar para a família sobre sua sexualidade é uma das decisões mais delicadas e um dos momentos mais difíceis pelos quais a bixa preta passa para poder viver aquilo que se é [...] Muitas optam por não partilhar de si com a família; algumas partilham e acabam sendo rejeitadas; outras, felizmente, falam de si e são acolhidas pelos familiares (VEIGA, 2019, p. 83-84).

Esse foi um sofrimento diário que me acompanhou durante grande parte da minha vida. Eu já era preto e pobre, não poderia ser gay também, seria azar demais! Era isso que eu pensava, na verdade, fui ensinado a pensar assim! Contudo, eu queria ser feliz e queria poder me expressar livremente de alguma forma e obtive isso por meio da música e por influência de meu pai. Isso porque moramos por um tempo no terceiro município mais populoso do estado do Pará, Santarém. À época meu pai estava em temporada pela cidade com o time de futebol que jogava e eventualmente tocava agogô<sup>12</sup> em uma banda de pagode santarena<sup>13</sup> e me levava aos ensaios e apresentações, o que despertou meu interesse pela música.

Aos 11 anos de idade entro no coral da igreja católica, onde minha mãe me levava, a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, vivi ali importantes experiências musicais que me ensinaram muito. O coral tornou-se uma banda, que fez diversas viagens para apresentações pelo Tocantins, Pará e Maranhão e eu me envolvi naquilo, pois era algo que realmente eu gostava, hoje reconheço o quão enriquecedor tudo aquilo foi para mim.

No que diz respeito à minha vida escolar, apesar das memórias serem permeadas de cicatrizes ocasionadas pelo bullying, homofobia e racismo, contudo, estudar era algo que me distraía, que eu gostava e que sempre me destaquei. Estudei sempre em escola pública, a Educação Infantil na Escola Municipal Juracy A. Conceição, meu Ensino Fundamental inteiro na Escola Municipal Tocantins e concluí o Ensino Médio no Centro de Ensino Amaral Raposo.

No Centro de Ensino Amaral Raposo, tive uma experiência marcante, ocasionada por minha professora de inglês, que anos depois tornou-se a minha orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso na graduação, a professora e doutora em Linguística Aplicada, Elizabete Rocha de Souza Lima, da UEMASUL

---

<sup>12</sup> “Instrumento musical da tradição afro-brasileira composto de duas campânulas metálicas unidas por um cabo comum e tocadas com uma vareta. Historicamente um instrumento ritual do candomblé jeje-nagô, popularizou-se com as baterias das escolas de samba cariocas, na passagem dos anos de 1940 para os de 1950”. (LOPES, 2011, p. 53).

<sup>13</sup> Original de Santarém – PA.

*campus* Imperatriz, para mim Professora Bete. A doçura, a forma que conduzia as aulas e o trato com os alunos, foi tudo muito significativo! Eu ficava encantado vendo-a falar em inglês na sala de aula, pois eu não conhecia ninguém que falava inglês e a pessoa que eu tive a oportunidade de conhecer era negra como eu.

Aos 15 anos, passo a frequentar a igreja evangélica por influência de uma grande amiga, começo a trabalhar em uma fábrica de sandálias, logo depois em uma loja de xerox, a seguir como vendedor de plano funerário, depois vendendo carros e então aos 18 anos tenho minha carteira de trabalho assinada pela primeira vez como teleatendente em um *Call Center*. Nessa altura meu pai trabalhava em Loja de Departamento, minha mãe trabalhava como vendedora, faxineira, lavadeira e com o que aparecia; meus tios eram pedreiros, mototaxistas, alguns desempregados, outros garimpeiros, vendedores, todos tinham estudado até o Ensino Fundamental, alguns envolvidos com drogas ilícitas e/ou álcool. Cresci nessa estrutura familiar e entendia que o meu futuro transitaria nestas referências que eu tinha, caso eu não buscasse uma mudança total de vida.

Até então, eu não pensava em fazer faculdade, eu só sabia que eu tinha que trabalhar, pois trabalhar seria importante. Na igreja, que eu fazia parte, sempre que algum jovem passava no vestibular, era anunciado no púlpito e toda a igreja celebrava com grande alegria. Isso me fez despertar, abriu-se um caminho! Decido então prestar vestibular para Letras e após uma tentativa consigo a aprovação no curso de Letras Português/Inglês, no turno vespertino de 2008.2. Naquele momento, eu me tornava a primeira pessoa da minha família a cursar o Ensino Superior.

Na época nem refleti sobre isso, minha preocupação seria conseguir terminar o curso, pois eu tinha que trabalhar e seria complicado a organização dos horários pois o curso era vespertino e eu trabalhava parte da tarde. Durante o curso tive oportunidades de fazer Iniciação Científica, à convite das professoras Bete e Ilza Léia Ramos Arouche (UEMASUL-Imperatriz), mas sempre eu era impedido pela incompatibilidade do horário e/ou pelo vínculo empregatício que eu temia perder. Na metade do curso, tive que trancá-lo, pois eu não conseguiria conciliar a partir dali.

Retorno ao curso, saio do trabalho e começo a estagiar. E então me encanto pela sala de aula, no meu primeiro estágio, já consigo um trabalho fixo na escola, o que me inseriu naquele momento no mercado como professor e passou a ser meu novo trabalho. Esse contato com a sala de aula desde a metade do curso, me

oportunizou viver as experiências que antes, eu só lia e agora passei a vivê-las. Comecei, então, a trabalhar em escolas públicas e particulares, e na minha prática pedagógica, influenciada pela professora Bete, trabalhar o ensino de línguas da maneira mais lúdica e significativa possível.

Nesse resgate da minha trajetória, ressalto que por ser um acadêmico em formação sempre obtive flexibilidade para poder viajar para congressos pelas universidades do Brasil para apresentar trabalhos, o que me fez aprender muito, conhecer pessoas, vivências diferentes e lugares do Brasil. Em uma dessas viagens, algo despertou em mim. Fui a Salvador – BA em 2011, pela primeira vez, e desde então não me senti mais o mesmo, só que ainda não entendi o que era.

Nesse período, comecei a estimular minha mãe a cursar Pedagogia, mas ela se mostrava receosa pela escassez de tempo que tinha, mas após algum tempo decide começar o curso. Nesse mesmo ano, saio da igreja evangélica por entender que minha sexualidade não era um problema ou doença e eu não deveria mais lutar contra aquilo. Decido me abrir para minha família e felizmente obtenho suporte.

Em 2014, eu me torno a primeira pessoa da família a ter uma graduação e no ano seguinte, minha mãe se gradua em Pedagogia. Isso foi uma revolução na minha família, abriram-se caminhos e possibilidades jamais imaginadas. Após a graduação, passo um tempo morando na Bahia, uma temporada de aprendizados, que me motivou a pesquisar mais sobre a temática racial, assistir filmes e documentários para aprender um pouco mais, acredito que despertei minha consciência racial ali.

Algum tempo depois, já morando e trabalhando no Tocantins, em Tocantinópolis, cerca de 200 km de Imperatriz, meu processo de construção racial foi mais intensificado nas minhas vivências com os docentes e discentes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins (UFT), o que me levou inclusive a fazer o curso por alguns períodos. No lugar mais inesperado, foi onde mais cresci e pude me reencontrar com o meu eu, negro, onde me questioneei sobre muitas coisas, reavaliei situações e possibilidades e meu processo de construção identitária toma forma.

Deixo a cidade de Tocantinópolis, por ter sido convocado em meu primeiro concurso público, no qual passo em 1º lugar para professor de inglês na cidade de Axixá do Tocantins, mais próxima da minha cidade natal, cerca de 42 km. E a vida me traz mais experiências e começo a minha transição capilar, uso trança nagô,

faço *nudred*, *dedoliss*, *boxbraid*, *dread*, pinto meu cabelo, corto novamente e deixo crescer. Ressalto que meu cabelo mexeu muito positivamente na minha autoestima, me senti mais bonito, mais conectado. Usei tipos de cabelo que antes eu nunca imaginava usar, pois achava que dava muito trabalho ou que eu não conseguiria fazer no meu cabelo.

Dois anos depois, em 2019, passo em Direito, na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) *campus* Augustinópolis – TO, onde tive a oportunidade de conhecer a Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, em Araguatins – TO. Nesse momento nasceu a primeira semente desta pesquisa. Sendo que, posteriormente, para a ampliação da construção do meu projeto para a candidatura ao mestrado, vou à cidade de Araguatins, buscar informações nas bibliotecas locais para conseguir dados para inserir no projeto.

O primeiro lugar que me dirigi foi ao Instituto Federal do Tocantins (IFTO), ao chegar vou à biblioteca e me informam que a bibliotecária da instituição tinha feito uma recente pesquisa de Mestrado sobre o quilombo, mas não estava na cidade naquele momento, entro em contato com ela e assim consigo a primeira fonte de pesquisa que me guiou na escrita do projeto. A bibliotecária em questão é a pesquisadora Elma Vital da Silva, sua dissertação de mestrado: “Memórias e Trajetórias Formativas de Jovens Universitários da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, em Araguatins/TO”, defendida em 2019.

No mesmo ano sou aprovado na primeira turma do Mestrado em Letras da UEMASUL, com meu projeto voltado às narrativas daquela comunidade quilombola. E então, passo a pesquisar sobre outros trabalhos científicos sobre o quilombo da Ilha de São Vicente, para me situar na discussão do campo acadêmico. Consultei o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal e Nível Superior (CAPES), e na plataforma SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). Após essa busca, encontrei: 1 Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, 14 Artigos, 5 Dissertações de Mestrado, 1 Tese de Doutorado. Além desses trabalhos acadêmicos, é importante mencionar que o site oficial das narrativas da ilha, entre outras reportagens jornalísticas, disponibiliza documentos e vídeos no Youtube.

Este estudo é relevante para o campo acadêmico, pois partindo do fato de que, no Brasil, assim como em outros países que sofreram com a colonização, ocorreu

um epistemicídio dos saberes de povos não-brancos, esse ataque aos saberes se refletiu, igualmente, na constituição identitária e subjetiva desses sujeitos, pois se traduziu na internalização, pelo não-branco, da superioridade da civilização branca (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014, p. 112).

Assim como no passado colonial, a identidade quilombola se constrói, ainda atualmente, como uma identidade de luta e resistência: antes, contra a captura e a escravização; hoje, contra a invisibilidade e a negação da existência desses sujeitos enquanto quilombolas. Perante esses silenciamentos dados à cultura afro-brasileira na região do Bico do Papagaio, assim como em âmbito nacional, este trabalho busca proporcionar visibilidade às narrativas e saberes da comunidade, numa tentativa de documentar e servir como material de pesquisa para a construção identitária dos moradores da região, inclusive fornecendo dados para o entendimento da história regional.

Dessa forma, nesse contexto de produções acadêmicas, diante da relevância que é esse encontro do pesquisador, como também do homem negro, com uma comunidade quilombola, coloquei-me a trilhar os caminhos da Ilha de São Vicente, buscando, em particular, responder a seguinte problemática de pesquisa: Como as pessoas que fazem parte do quilombo Ilha de São Vicente percebem suas identidades a partir de narrativas sobre as ancestralidades afro-brasileiras?

Para alcançar os objetivos propostos, mencionados no item a seguir, esta pesquisa adotou metodologia exploratório-descritiva, de abordagem qualitativa e de cunho etnográfico, baseada nos pressupostos teóricos, que discutem sobre Memória e Identidade tais como Almeida (2019), Candau (2012), De Almeida (2015), Domingues-Lopes (2014; 2019; 2020), Halbwachs (2006), Hall (2006) e Pollak (1992); a Estética da Recepção (JAUSS, 1969) é utilizada para nortear a análise das entrevistas; para Narrativas Orais utilizei Da Conceição Silva e Socio (2021a), Galvão (2005), Histórias Da Ilha (2019) e Silva (2019); para Poesia e Poesia-Slam: Da Conceição Silva e Socio (2021b); para Saberes Tradicionais e Cultura Oral: De Lima (2016) e Hampaté Bâ (2010); para Literatura Afro-Brasileira: Evaristo (2009), entre outros.

Os manuais de história oral de Alberti (2013) e Bom Meihy (1996) também foram consultados para direcionar os procedimentos técnicos a serem executados para o adequado andamento desta pesquisa de campo. Para conceituar as palavras

de origem africana utilizadas nesse trabalho foi utilizado o Dicionário Escolar Afro-Brasileiro (LOPES, 2014) produzido pelo compositor, cantor, escritor e estudioso das culturas africanas, Nei Lopes.

E como já mencionado, para a apreensão dos dados, foi adotada a metodologia da pesquisa de campo (MARCONI; LAKATOS, 2003), que nesta ocasião, devido à pandemia ocasionada pela covid-19, foi realizada por intermédio das tecnologias de comunicação, de forma remota, afim de seguir todos os protocolos de segurança sanitária. O cenário da realização desse estudo é a Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente.

Nas entrevistas, eu examino, juntamente com as três quilombolas, duas obras de mídias diferentes: A primeira é o livro infantil "Bucala - A pequena princesa do Quilombo do Cabula" – Davi Nunes (2019) e a poesia-*slam* presente no vídeo "Calma, senhor" (2018), com o intuito de refletir a partir das perspectivas das interlocutoras sobre as temáticas presentes nas obras e relacioná-las à identidade e ancestralidade negra presentes nas vivências dessas mulheres.

Agora apresento a estrutura deste trabalho, após estas Considerações Iniciais, encontra-se o capítulo, no qual apresento os objetivos e discorro, de forma mais descritiva, o percurso metodológico, no qual apresento as interlocutoras da pesquisa, seus perfis, as obras utilizadas no estudo e a proposta de um produto fruto desta pesquisa. Em seguida apresento uma contextualização histórica sobre a comunidade e a narrativa de como foi minha chegada à comunidade, informações colhidas no I Encontro de Pesquisadores/as promovido pela comunidade em parceria com a UFT e IFTO - *campus* Araguatins.

No terceiro capítulo, encerro com a análise das entrevistas realizadas, dialogando com as teorias da Estética da Recepção e no final deste capítulo apresento uma breve histórico da vida de Maria de Fátima Batista Barros, um dos grandes nomes da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente. No quarto capítulo, há o relatório sobre a construção do Produto desta pesquisa, e o livro de sequências didáticas como produção técnico tecnológica desta pesquisa.

## **2. NA CONFLUÊNCIA DAS ÁGUAS DO RIO ARAGUAIA E TOCANTINS - A COMUNIDADE QUILOMBOLA ILHA DE SÃO VICENTE E OS CAMINHOS TRILHADOS NESTA PESQUISA**

Este capítulo busca situar a leitora, o leitor pelo delineamento e escolhas metodológicas da pesquisa e posteriormente pelo próprio território da Ilha de São Vicente. Para que se compreenda e se fundamente os elementos que apresentamos no próximo capítulo que será de análise dos dados.

Inicialmente, precisamos retomar o problema da pesquisa: Como as pessoas que fazem parte do quilombo Ilha de São Vicente percebem suas identidades a partir de narrativas sobre as ancestralidades afro-brasileiras?

Diante dessa intenção, inicialmente a pesquisa seria de campo e com um número maior de interlocutores e interlocutoras, no entanto, fomos atravessados pela pandemia de covid-19, que nos obrigou a traçar outras rotas e modificar os caminhos metodológicos. Com isso, o estudo que se realizaria na Ilha de São Vicente, presencialmente, passou para o ambiente on-line e as entrevistas foram realizadas via plataforma do *Google Meet*, como também foi necessário reduzir o número de pessoas com as quais iremos estudar.

Obedecendo à necessidade de delimitação, o objetivo geral da pesquisa é analisar, com três mulheres quilombolas da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, as temáticas presentes em duas obras afro-brasileiras, e a relação dessas obras com os saberes tradicionais que carregam consigo, suas memórias coletivas e individuais.

Como objetivos específicos este trabalho busca conhecer, por intermédio das narrativas das três quilombolas entrevistadas, as suas vivências como mulheres negras remanescentes quilombolas da região do Bico do Papagaio. Outro objetivo é examinar, com base na da teoria da Estética da Recepção, os aspectos relacionados à memória e a identidade nessas vivências relatadas pelas entrevistadas.

E, como fruto dessa pesquisa, construir, a partir das narrativas das entrevistadas, uma proposta de sequência didática de literatura infantojuvenil, como recurso didático para o ensino de literatura afro-brasileira nas salas de aula do ensino fundamental da região.

Para a análise das obras desta pesquisa, como citado, tomei como base a Teoria da Recepção, que foi iniciada pelo escritor alemão Hans Robert Jauss e desenvolvida em um movimento concentrado na Universidade de Constance nos anos 1960, representando uma troca do foco, ao invés de ser no autor do texto, muda-se o foco para o leitor.

A teoria da Estética da Recepção é uma versão da teoria literária da Reação do Leitor, que enfatiza em particular a recepção e interpretação de textos literários pelo leitor. Essa teoria rejeita a construção clássica do leitor, ao focar no mundo material dele e busca entender qual a interpretação que ele faz do texto a partir de sua leitura de mundo.

A respeito dessa teoria, a professora Dra. Lois Tyson, no seu Guia de Crítica Literária (2014), compartilha as duas principais crenças dos teóricos da recepção:

(1) that the role of the reader cannot be omitted from our understanding of literature and (2) that readers do not passively consume the meaning presented to them by an objective literary text; rather they actively make the meaning they find in literature (TYSON, 2014, p. 170).<sup>14</sup>

De acordo com essa interpretação, na literatura, a interação entre texto e leitor ocorre dentro de uma estrutura de controle e limites, seja de gênero, som, estrutura, condições sociais, leitor, autor ou paisagem, e essas interações ocorrem por meio de movimento, contemplação, estrutura, tipologia, gênero e som. Assim, a interação do espectador com o texto é mais complexa do que a do espectador passivo e idealizado na teoria clássica do cinema, uma vez que o espectador pode e deve questionar e se opor às ideologias que são apresentadas a ele pela mídia e instituições.

Nessa visão, o público (leitor) também não é uniforme como na teoria literária tradicional, mas heterogêneo e capaz de interpretar a mensagem de texto de diversas formas, com base em fatores contextuais, pois o leitor ou espectador interpreta o significado do texto baseado em sua formação cultural individual e em suas experiências de vida.

---

<sup>14</sup> (1) que o papel do leitor não pode ser omitido do nosso entendimento da literatura e (2) que os leitores não consomem passivamente o significado apresentado a eles por um texto literário objetivo; em vez disso, eles constroem ativamente o significado que encontram na literatura. (Tradução livre nossa).

## 2. 1 Percurso metodológico pelos caminhos e saberes do quilombo da Ilha de São Vicente

Serão apresentados, agora, em detalhes, os procedimentos metodológicos que foram necessários para realização desta pesquisa de campo, a apresentação dos sujeitos da pesquisa e das obras para, em seguida, ser feita a análise das entrevistas realizadas dialogando com os referenciais teóricos selecionados.

Primeiramente cada um das 03 (três) participantes da pesquisa recebeu por e-mail as duas obras escolhidas, e o link da reunião do *Google Meet* com a data e horário de cada entrevista; como também um segundo link do questionário online do *Google Forms*, com questões abertas e fechadas, contendo 08 (oito) questões relacionadas à idade, identidade de gênero, escolaridade, estado civil e religião, para o delineamento do perfil de cada interlocutora.

Após o preenchimento do questionário e a leitura prévia das obras ter sido feita, eu e cada entrevistada em uma reunião *online* discutimos as temáticas das duas obras. Para a condução dessa entrevista utilizei um formulário com roteiro semiestruturado (APÊNDICE A) (MARCONI; LAKATOS, 2003), para apontar os caminhos para que as entrevistadas mencionassem, da forma mais espontânea possível, suas percepções e vivências sobre as temáticas presentes nas obras.

Em um terceiro momento fiz a tabulação e organização dos dados para a análise dos resultados, perpassando pelos direcionamentos teóricos. Por fim, a partir das narrativas de cada participante e do material construído por uma delas, foi feito um material didático com sequências didáticas, como recurso didático para o ensino de literatura, que será disponibilizado para download gratuito na página online do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras – PPGLe da UEMASUL.

O primeiro passo para a realização da pesquisa foi o de definir qual seria o perfil das interlocutoras. Portanto, definimos os seguintes critérios de inclusão: i) Pertencer à Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, especificamente do Bico do Papagaio; e ii) Ser mulher. Como critério de exclusão só estabelecemos um, por ser o único obstáculo que impediria de fato o andamento das entrevistas: i) não ter acesso à internet.

Ressaltamos que o que justifica a opção por mulheres é que nesse contexto de conflitos e lutas acirradas que vêm as interlocutoras desta pesquisa e as escolhemos

por entender a importância do crescente número de lideranças femininas<sup>15</sup> na região, sobretudo nos Quilombos tocantinenses que possuem matriarcas fortes e destemidas.

O que destoa do que o estudo de Miranda e Santos (2014) demonstra sobre as mulheres da região do Bico, às quais foi dado um lugar de fragilidade, sobretudo as que estão situadas na zona urbana, cujos municípios são geralmente pequenos no que diz respeito a sua extensão e tem economia fraca, tendo em vista que não há indústrias nem comércio local forte, resultando em poucas oportunidades socioeconômicas para homens e, conseqüentemente, para as mulheres.

Importante notar que na construção das políticas públicas e dos projetos dos municípios do Bico não contemplam as diversas situações que as mulheres da região passam, entre elas: desemprego, falta de espaços para qualificação profissional, ausência de creches ou mesmo escassez de vagas suficientes, o que prejudica a mobilidade feminina biquense (MIRANDA: SANTOS, 2014, p. 80).

Afim de conhecer um pouco mais sobre elas, elaborei um questionário no Google *Forms* (Apêndice B), contendo os questionamentos presentes no Quadro 1, enviei para o e-mail de cada participante para que preenchessem. Com base no formulário consegui traçar o perfil de cada uma delas para assim, compreender melhor suas narrativas e a auxiliar na análise dos dados. Observe o Quadro 1:

Quadro 1 - Perfil das Interlocutoras

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Religião</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Curso</b>	<b>Profissão</b>
Helisana Barros dos Santos Monteiro	24 anos	Casada	Cristianismo (Protestantismo)	Superior Incompleto	Licenciatura em Computação (IFTO – <i>campus</i> Araguatins)	Estudante e Agente Comunitária de Saúde

<sup>15</sup> Destaque para uma líder histórica da região, Dona Raimunda, liderança das Quebradeiras de Coco, que residia no assentamento Sete Barracas, em São Miguel do Tocantins - TO. Faleceu em 7 de novembro de 2018, mas antes rompeu as fronteiras do país, indo à China, aos Estados Unidos, à França e ao Canadá. A ex-quebradeira de coco também chegou a ser indicada ao Prêmio Nobel da Paz e recebeu o título de doutora *honoris causa* pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) (RACISMO AMBIENTAL, 2018).

Uana da Silva Barros	34 anos	Casada	Cristianismo (Catolicismo)	Superior Incompleto	Licenciatura em Ciências Biológicas (IFTO – <i>campus</i> Araguatins)	Estudante
Jorgelene Ferreira Rocha	42 anos	Casada	Cristianismo (Catolicismo)	Superior Incompleto	Licenciatura em Computação (IFTO – <i>campus</i> Araguatins)	Estudante e Costureira

Fonte: Elaborado pelo autor.

É válido mencionar que são mulheres de gerações diferentes, todas estão cursando o Ensino Superior, são casadas e uma informação dada durante a entrevista é que Jorgelene e Uana já tem filhos e Helisana à época da entrevista estava grávida de 5 meses. Elas moram em Araguatins – TO, com exceção de Helisana, que teve de mudar para Imperatriz – MA, para acompanhar o esposo.

Após ter estabelecido os critérios de seleção das entrevistadas, construí o instrumento metodológico para a apreensão dos dados, um roteiro de entrevista com o objetivo de identificar e compreender em suas falas os seus saberes ancestrais, suas vivências e suas memórias individuais, e posteriormente foi construído um roteiro semiestruturado com questões inter-relacionadas com as temáticas presentes nas duas obras afro-brasileiras selecionadas.

Para construir o roteiro definitivo, primeiramente foi feita a leitura cautelosa e crítica das duas obras, afim de identificar as temáticas existentes para a construção do diálogo. Pode se classificar a análise feita como uma “temática”, já que o foco na utilização das obras, é extrair suas temáticas e por intermédio delas dialogar utilizando a Estética da Recepção como ótica analítica.

As obras foram subdivididas da seguinte forma: A poesia-slam em 05 temas que se inter cruzam: Violência policial, Privilégio branco, Política extremista, Pretos preteridos, e Poder, força e resiliência; O livro Bucala foi subdivido em 5 temas: 1)

Auto estima negra, 2) Relação com a natureza e com seus fenômenos, 3) Os algozes, 4) Espiritualidade e 5) Griôs e seus saberes ancestrais.

A partir desses temas elaborei 6 questões para o livro e 5 questões para o vídeo, totalizando 11 questões no roteiro. Para essa elaboração procurei inter cruzar as questões relacionadas à memória, identidade, história e literatura oral, sob a ótica da Teoria da Estética da Recepção. Essa teoria foi escolhida pelo fato de atender diretamente o propósito deste trabalho, que é apreender as narrativas delas, compreender e analisar suas perspectivas.

Tocamos em pontos relacionados ao despejo ocorrido na comunidade, aos saberes ancestrais apreendidos e ao processo de construção identitária que foi iniciado após o retorno às suas memórias.

A ordem das questões foi pensada de modo que a entrevista transcorresse como uma conversa, apesar de ser *online*. Isso não quer dizer que essa sequência foi sistematicamente seguida em todas as entrevistas realizadas. Pois, caso as entrevistadas tocassem em algum ponto que seria discutido posteriormente, estaria aberta a possibilidade da mudança da ordem predefinida de cada item, para garantir a fluidez da conversa e isso de fato aconteceu. Sendo que as entrevistas foram realizadas como o previsto, pela plataforma *Google Meet*, nos dias 19 e 20 de agosto de 2021.

A pesquisa de campo aconteceu, portanto, de forma virtual, o que foi uma novidade tanto para mim quanto para elas, porém como as entrevistas aconteceram no segundo semestre de 2021, todas elas já estavam adaptadas à plataforma que utilizamos para nosso contato, o *Google Meet*, pois elas estão estudando de forma remota desde 2020, devido à pandemia de covid-19.

Ressalto que apesar de não ser presencial, de certa forma, pudemos estar frente a frente, o que humanizou um pouco mais o processo. À medida que as perguntas iam sendo respondidas, eu percebia que elas ficavam mais à vontade e espontâneas. Pude ver suas expressões faciais, constatar as mudanças no tom de suas vozes, ora emocionadas, ora enfáticas e combativas. Menciono, ainda, que não houve problemas técnicos, como a perda de conexão, assim, as entrevistas transcorreram normalmente.

Sobre o processo de construção da Produção Técnico-Tecnológica desta pesquisa que é um material didático e instrucional (sequência didática), utilizamos as

narrativas deste quilombo presentes em uma obra escrita e ainda não lançada, por uma das entrevistadas. Ao folhear a obra, pode-se identificar vários elementos da cultura afro-brasileira presentes na região. Trata-se de uma história infantojuvenil com narrativas ficcionais baseadas na história da Comunidade Ilha de São Vicente, o título é *Estuda, Zé!* As sequências didáticas construídas funcionam como um guia para o estudo deste livro que conta as narrativas ancestrais deste povo de forma lúdica, informativa e contextualizada.

## 2.2 Das narrativas e vivências do/sobre o quilombo Ilha de São Vicente



Figura 1 - Placa na entrada do Quilombo  
Fonte: Léo Daniel da Conceição Silva (2019)

Neste capítulo apresento o contexto histórico da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente que se intercrusa com a história da cidade de Araguatins e com o desenvolvimento e acontecimentos da/na região do Bico do Papagaio, em seguida, discorro sobre o cenário atual da comunidade.

Contar sobre a história da Comunidade Ilha de São Vicente é também contar a história da criação de Araguatins, que começa em 1867, quando a cidade começa a

ser povoada. No ano seguinte, chega Vicente Bernardino Gomes<sup>16</sup>, que se torna o fundador do município, um militar, vindo de Conceição do Araguaia, no Pará.

Vicente era casado com uma carolinense<sup>17</sup> e tinha sete filhos. Após contendas onde morava no Pará, decide mudar para um novo local. Ele e sua família, acompanhados de mais 13 homens, navegaram pelo rio Araguaia, durante vários sóis e várias luas (DUARTE, 1970), em canoas, chamadas de Montarias<sup>18</sup>, nomeadas dessa forma pois eram canoas modificadas com o acréscimo de pedaços de madeira envoltos em grades, para que a canoa ficasse mais alta, ajudando-os a transportar seus pertences, suas roupas, comidas e animais com mais espaço.

Ao chegar nas proximidades, onde hoje é a cidade de Araguatins, eles se deparam com um local do lado do Pará, na época Grão-Pará, que Vicente nomeou de "O Magnífico", pois considerou um belo lugar e decidiu ali viver, sabendo que não poderia adentrar livremente nas matas, por possíveis represálias dos indígenas, que moravam nas proximidades.

Decidiu, portanto, construir os primeiros casebres, mas logo em seguida devido fortes chuvas, o rio os inundou e ele decide escolher um novo local, então, atravessa o rio com seus homens, sobe o cais do porto de Araguatins, e nota a superfície plana e bem acima do rio, sem risco de futuras inundações, escolhendo esse local para ser sua morada definitiva. Nasce neste momento São Vicente do Araguaia, o primeiro nome da cidade de Araguatins (DOMINGUES-LOPES, 2014).

Em sua trajetória, Vicente conquistou muitas terras, muitas posses e enriqueceu. Abriu a primeira estrada da região, cortando os sertões de São Vicente do Araguaia à Boa Vista do Padre João, hoje a atual Tocantinópolis (DUARTE, 1970, p. 147-148). Tocantinópolis recebeu esse nome em homenagem ao Padre João, uma figura imponente na época, entretanto, hoje visto como anti-herói, pois dominou fortemente a região, catequizando, matando, colonizando e construindo a cidade no seio dos indígenas Apinajé, o que custou muitas vidas desse povo.

---

<sup>16</sup> Considerado o fundador da povoação de São Vicente, em 1868, que, aproveitando-se da existência de árvores frutíferas, de uma boa topografia do terreno, de um ribeirão piscoso e de margens férteis do rio Araguaia, iniciou a exploração econômica na região (DUARTE, 1970; NASCIMENTO, 2007).

<sup>17</sup> Original de Carolina – MA.

<sup>18</sup> As montarias eram canoas menores, obtidas a partir de um tronco escavado em meia-cana com o bojo mantido aberto por bancos transversais e as extremidades afiladas a fogo ou lava e tampadas por uma peça discóide chamada "rodela", sendo que, quando possuíam uma cobertura fixa na popa de palha ou madeira passavam a denominar-se "igarité" ou canoa verdadeira em língua Tupi (NÉMETH, p. 10, 2011).

Em 1869, Vicente Bernadinho teve com Padre João, no intuito de lhe pedir dinheiro, para obras em São Vicente do Araguaia, além de precisar atravessar o rio, para o Estado do Maranhão e ir à Carolina em lombos de burro, juntamente com seus homens, para resgatar valores de dívidas deixadas na cidade de sua esposa. Entretanto, ele estava com poucos homens e decidiu nomear um de seus homens “para ir receber a importância de oitocentos mil réis (Cr\$ 0,80) que lá ficara em mãos de um freguês” (DUARTE, 1970, p. 147-148).

Porém, quando um dos homens de Vicente Bernadinho chegou ao encontro do devedor, ouviu que ele não tinha dinheiro e que “ou pagaria com os escravizados ou marcaria outro prazo para o credor voltar”, acabou recebendo “dois casais, com os filhos, perfazendo oito pessoas em resgate da dívida” (DUARTE, 1970, p. 147-148). Um dos casais era os Noronha – com um filho e uma filha; e a outra família, os Barros – Julião Barros e Serafina Benedita Batista, com dois filhos, sendo que só um foi identificado, Henrique Julião Barros (DOMINGUES-LOPES, 2019, p. 147). O enviado de Bernadinho retornou com os escravizados, explicando ao patrão que eles são o pagamento da dívida, recebendo a seguinte ordem: “Mande-os entrar e os agasalhe [sic]”.

Essas duas famílias de escravizados, então, passaram a trabalhar para Vicente Bernadinho, e construíram, a seu mando, o que hoje é a cidade de Araguatins. Sendo este um fato apagado historicamente, pois grande parte da população atribui a Vicente Bernadinho à construção da cidade.

O que pode, metaforicamente, ser compreendido, tomando como base o seguinte provérbio africano, que coincide com essa situação: “Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça” (COUTO, 2012, p. 6). Logo, é importante ressaltar que a invisibilidade dada à família Barros vem desde esse momento, no qual seu protagonismo na edificação da cidade é escondido.

Depois da assinatura da Lei Áurea em 1888, a Ilha de São Vicente foi doada por Vicente Bernardino aos seus escravizados, para que morassem e lá produzissem seu autossustento. A Família Barros foi para a Ilha, margem direita do rio Araguaia – Tocantins, e a Família Noronha foi para a margem esquerda do rio, localizada no estado do Pará (DOMINGUES-LOPES, 2014, p. 147). Contudo, não há documentos oficiais que comprovem materialmente essa doação, mas há o fato e

a história oral de que a Família Barros está na Ilha de São Vicente desde o final do século XIX.

Nesta confluência das águas dos rios Araguaia e Tocantins, encontra-se a região Bico do Papagaio, que corresponde ao Norte do Estado de Tocantins, Sul do Pará, e Sudoeste do Maranhão (Figura 2). A mesorregião possui 66 municípios – 25 no Pará, 16 no Maranhão e 25 no Tocantins.

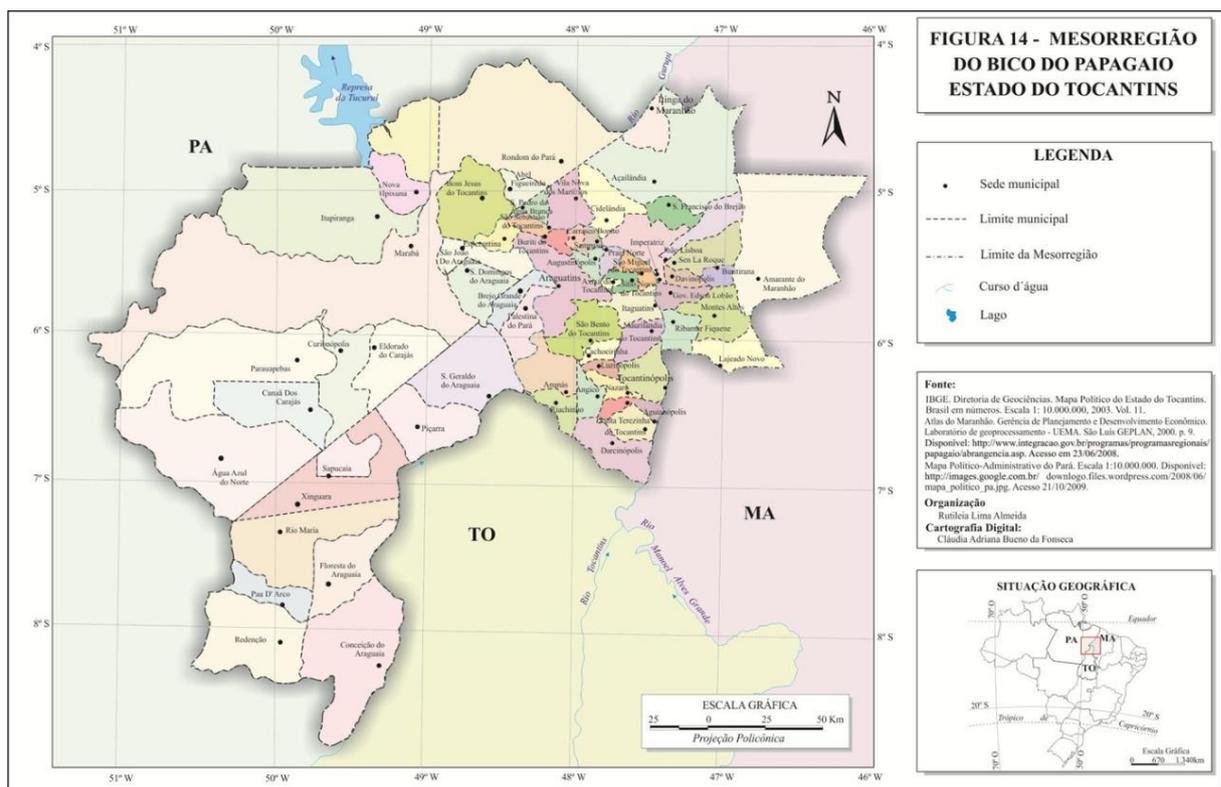


Figura 2 - Mesorregião Bico do Papagaio  
Fonte: Almeida<sub>4</sub> (2010, p. 87).

A região do Bico do Papagaio é conhecida pela enorme diversidade social, pois na região residem indígenas, agricultores familiares, assentados, pescadores, extrativistas, mineradores, artesãos, muitos deles acumulando mais de uma dessas classificações.

Quanto à hidrografia, a região apresenta as bacias dos rios Tocantins, Araguaia, Itacaiúnas, Taurizinho, Sororó, São Martinho, Vermelho, Jacundá e seus afluentes; com 14 áreas de conservação<sup>19</sup>. E são identificadas 10 terras indígenas

<sup>19</sup> Distribuídas entre Áreas de Proteção Ambiental (APAs: Igarapé Gelado, São Geraldo do Araguaia e Barreiro das Antas), Reservas Biológicas do Tapirapé, Reservas Extrativistas (REX: Extremo Norte do Estado do Tocantins, Ciriáco e Mata Grande), Florestas Nacionais (FN: Tapirape-aquiri, Atacaiuna

na região: Arariboia, Apinajé, Governador, Krikati, Las Casas, Mãe Maria, Nova Jacunda, Parakana, Sororó, Xikrin do Rio Catete.

Historicamente, esse território já foi palco de grandes acontecimentos. Sendo que, a partir da década de 1960, a região foi submetida a projetos desenvolvimentistas dos governos militares, “por meio da construção de estradas, rodovias e incentivos fiscais”. O Plano de Ação da Mesorregião Bico do Papagaio (P.A.M.B.P) de 2009, elaborado pelo então Ministério da Integração Nacional, afirma que:

Os programas governamentais implantados nos anos 70, como o POLAMAZÔNIA e POLOCENTRO, promoveram o aumento da fronteira econômica, acelerando o processo de modernização agrícola com a introdução de novas tecnologias, sem, no entanto, alterar a concentração fundiária, disputas de terras e expulsão de pequenos produtores para os centros urbanos (P.A.M.B.P, 2009, p.18).

Essa modernização agrícola estimulou a ocupação da região, tornando-a um cenário de “grandes conflitos sangrentos” (DOMINGUES-LOPES, 2014, p. 67) e com anuência do Estado, que se manteve inerte diante de toda essa problemática. Em consequência, as décadas de 1970, 1980 e 1990, foram preenchidas por conflitos e mortes, e de acordo com o P.A.M.B.P, a Região Bico do Papagaio transformou-se num dos principais focos de tensão agrária do país.

É válido mencionar que um dos marcos que atravessam a história dessa região é a Guerrilha do Araguaia, ocorrida entre 1972 e 1975 no norte do atual Tocantins, no sul e sudeste do Pará e no oeste do Maranhão. O propósito da guerrilha, liderada por militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que desde 1966 já ocupavam a região, era tomar o poder através de um grande movimento vindo do campo, contudo, não obtiveram sucesso e como resultado “59 militantes do PCdoB morreram, além de 19 agricultores que lutaram ao lado da guerrilha. Do lado das tropas militares foram 20 mortos (número estimado)” (RAMOS, 2019, s/p). Nesse cenário,

No início dos anos 1980, como forma de afrouxar as tensões da luta pela terra, o Governo Federal iniciou um processo de regularização fundiária e assentamento de famílias de posseiros na Região. De forma mais intensa a partir de 1994, o Governo Federal assentou milhares de famílias, em projetos de reforma agrária, transformando os assentados em relevantes atores na Região (BRASIL, 2009, p. 18).

---

e Carajás), Parque Estadual (Serra dos Martírios/Andorinhas), além de 3 áreas não classificadas (Fazenda São José Gleba Itino, Fazenda Pioneira e Tibiriça) (BRASIL, 2009, p. 23).

Com esse grande número de famílias assentadas, os trabalhadores rurais passaram a se organizar em sindicatos para “reivindicar políticas públicas para o fortalecimento da agricultura familiar, para ter acesso ao crédito rural e à assistência técnica para agricultura e pecuária” (RAMOS, 2019, s/p).

Então, importantes associações e movimentos organizados começaram a serem criados, entre elas a Associação Regional das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP) e o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB (DOMINGUES-LOPES, 2014, p. 67). Que foram essenciais para a luta por direitos do campesinato como um todo. Nesse propósito em busca de garantias de direitos também estão os moradores e moradoras do território quilombola Ilha de São Vicente.

A partir desse momento do texto, dedico a apresentar o quilombo Ilha de São Vicente. Para situar a leitora e o leitor, para que compreenda o percurso percorrido por mim para chegar até seu território, saindo de Imperatriz, acessei à rodovia estadual TO-201 e TO-404 (Figura 3), em seguida as estradas vicinais de acesso até a cidade de Araguatins, dirigir-me à beira rio desta cidade e então peguei uma embarcação para chegar à ilha. A ida de barco dura cerca de 20 minutos.

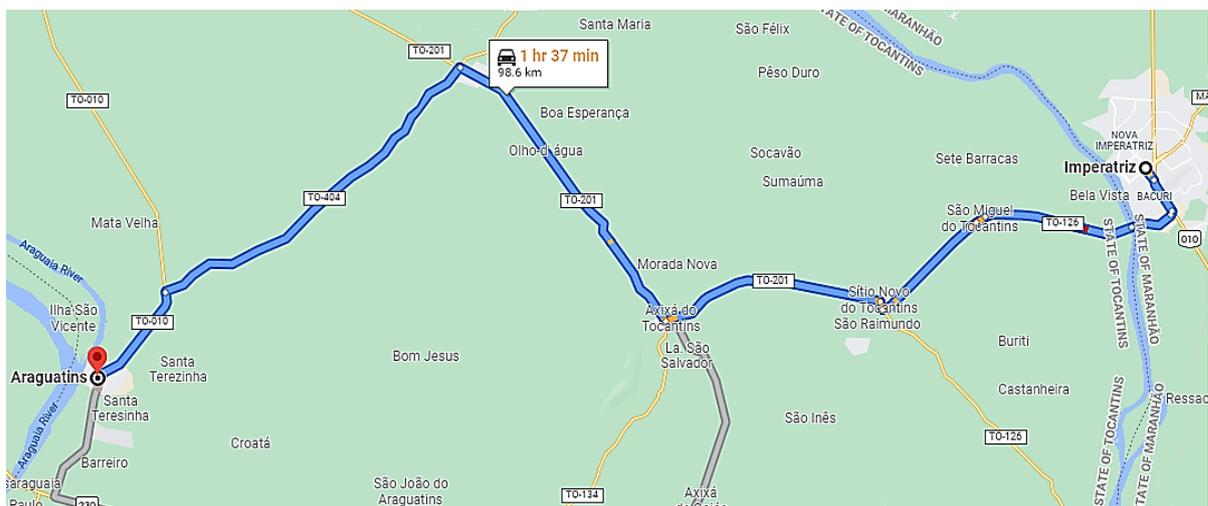


Figura 3- Percurso para chegar ao município de Araguatins, cidade que abriga a comunidade.

Fonte: Google Maps.

No extremo norte do Tocantins, na região do Bico do Papagaio, o rio Araguaia faz a divisa natural do Estado com o Maranhão e Pará, entre os dois se localiza a ilha de São Vicente (Figura 4):

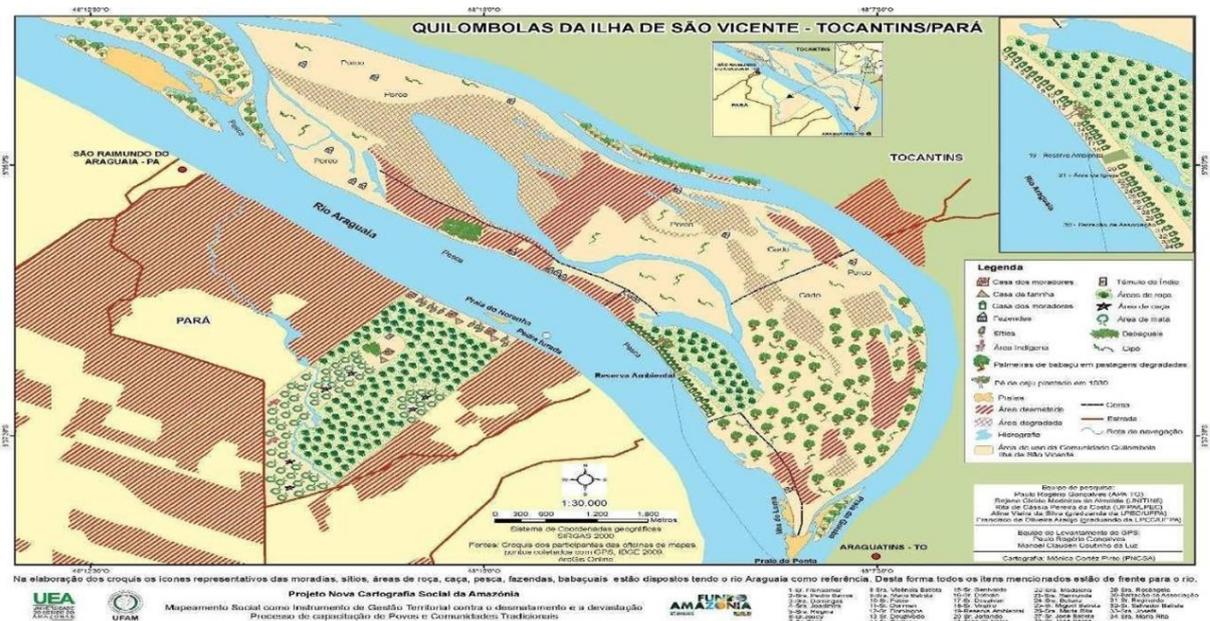


Figura 4 - Localização da Ilha de São Vicente  
 Fonte: Almeida<sub>4</sub> (2010, p. 87).

A comunidade fica na microrregião do Bico do Papagaio, uma das oito microrregiões<sup>20</sup> do estado do Tocantins, composta por 25 municípios, que juntos totalizam uma área de 15.767,856km<sup>2</sup>. O Bico é uma das regiões mais pobres do estado do Tocantins e historicamente foi/é uma região de intensos conflitos por posse de terra, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, como destaca Gerson Oliveira (2010, p. 152):

Tanto a repressão policial quanto o elevado índice de investimentos financeiros facilitaram a presença da grande empresa, provocando uma especulação da terra em todo Bico do Papagaio. Isso levou à intensificação do processo de grilagem de terras e ao aumento significativo dos conflitos envolvendo posseiros, fazendeiros e grileiros.

Nesse ambiente de muitos conflitos agrários e de transição de biomas cerrado e amazônico, remanescentes de ex-escravizados tiram seu sustento e preservam sua cultura e ancestralidade. O TCC sobre o quilombola da Ilha, realizado por Jorlando Rocha (2017), apresentado ao curso de Ciências Biológicas do IFTO,

<sup>20</sup> O Estado de Tocantins possui 139 municípios e foi dividido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em duas mesorregiões – ocidental e oriental – e em oito microrregiões. A mesorregião ocidental é formada por cinco microrregiões: Araguaína, Bico do Papagaio, Gurupi, Miracema do Tocantins e Rio Formoso e a mesorregião oriental é constituída pelas microrregiões de Dianópolis, Jalapão e Porto Nacional (IBGE, 2010).

*Campus* de Araguatins, mostra a riqueza ambiental presente na Ilha São Vicente, na qual há um total de 71 espécies florestais e ainda apresenta um alerta:

[...] algumas espécies florestais que existiam em grande quantidade e de interesse das famílias, já se encontram em extinção no território ou não existem mais, como [...] o buriti (*Mauritia flexuosa* L), bacaba (*Oenocarpus bacaba*) e outras como o estopeira ou cachimbeira (*Cariniana estrellensis*) planta muito utilizada nas embarcações por seus antepassados, atualmente existem poucos exemplares de conhecimento da comunidade (ROCHA, 2017, p. 29).

Na ilha residem 36 famílias quilombolas ocupando uma área de 32,4751 ha. Quanto ao sustento, a comunidade subsiste atualmente por intermédio da agricultura familiar. Em suas roças plantam banana (Figura 5), mandioca (Figura 6), fazem canteiros (Figura 7), criam galinha caipira (Figura 8), utilizam a pesca (Figura 9).



Figura 5 - Plantação de Banana  
Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”



Figura 6 - Colheita de Mandioca

Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”



Figura 7 - Canteiro

Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”



Figura 8 - Criação de galinhas

Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”



Figura 9 - A pesca

Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”

Para alimentação, fazem o manuseio dos produtos da palmeira de babaçu: para cobrir as casas, usam as folhas (Figura 10), para fazer o carvão, usam o coco babaçu (Figura 11), para a venda do paú (que é feito das madeiras mortas) e o

azeite de babaçu (Figura 12), para consumo próprio e para a venda, feito no fogo de forma artesanal. (DOMINGUES-LOPES, 2014 e 2017). É válido mencionar que essa gestão territorial gera a autonomia da comunidade, sobretudo pela proximidade da cidade.



Figura 10 - Folhas de Babaçu para cobrir as casas

Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”



Figura 11 - Carvão de coco Babaçu

Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”



Figura 12 - Azeite de Babaçu

Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”

A Ilha atualmente está em processo de titulação, sendo habitada, além dos quilombolas, por não quilombolas que chegaram na comunidade para explorá-la e assim passaram a viver, situação que gera tensão pela possibilidade de ocorrer um novo conflito (LEVY, 2022, p. 6).

Um outro fator que é preponderante e impulsiona a migração é a escassez de alguns recursos naturais e as limitações da Ilha, o que obriga muitas famílias a buscar morada na cidade de Araguatins ou nos assentamentos pertencentes à família, localizados na região rural da cidade. Como afirma Domingues-Lopes (2019, p. 178):

[...] a “busca por melhoria de vida” como emprego e estudo provocaram uma situação em que alguns moradores da Comunidade mantivessem uma casa na Comunidade e outra em Araguatins, demonstrando a intensa relação entre a Ilha e a cidade, que costumam chamar de rua. “Ir à rua” significa ir à cidade, para dirigir-se à escola, ao hospital, ao banco, ao mercado, enfim, aos serviços básicos que não existem na Ilha.

Até maio de 2018, não havia fornecimento de energia elétrica pública na Ilha, as casas eram iluminadas por lamparinas (Figura 13), e não havia água tratada, por

isso, os moradores do quilombo que estavam na cidade, ao voltarem para a ilha, traziam água potável (DOMINGUES-LOPES, 2019, p. 189).



Figura 13 - Lamparina acesa com óleo

Fonte: Documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”

Eu tive a oportunidade de conhecer a comunidade antes da pandemia, em razão do I Encontro de Pesquisadores/as sobre a Comunidade Remanescente de Quilombo da Ilha de São Vicente - Araguatins – Tocantins, que aconteceu no território quilombola em 2019 (Figura 14).



Figura 14 - Pátio da Comunidade, onde foi realizado o Encontro de Pesquisadores/as.  
Fonte: Léo Daniel da Conceição Silva (2019)

Foram dois dias de evento, o primeiro dia foi no *campus* do IFTO em Araguatins, onde pude conhecer Maria de Fátima Batista Barros e prostrar um pouco com ela no pós-evento, enquanto ouvia suas narrativas em tom empolgado; no segundo dia a programação foi realizada no quilombo, lá pude conhecer o território, em rodas de conversa conheci também diversos estudos sobre esta comunidade e alguns dos pesquisadores/as.

Dentre esses estudos, destaco os que foram utilizados para a construção deste trabalho, a saber: A tese, *Identidade e Territorialidade da Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente na Região Do Bico Do Papagaio – Tocantins* (DOMINGUES-LOPES 2019).

As dissertações: *Comunidade Remanescente Quilombola Ilha de São Vicente/Tocantins: História de Lutas, Conquistas e Conflitos* (ALMEIDA, 2019); *Vozes Dissonantes na Literatura Oral de Araguatins - Tocantins: Memórias Quilombolas na Ilha de São Vicente* (SOUSA, 2019); *Memórias e Trajetórias Formativas de Jovens Universitários da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, em Araguatins/TO* (VITAL, 2019); *Impactos socioambientais e econômicos da Usina Hidrelétrica de Marabá-PA (2014-2016) na Comunidade da Ilha de São Vicente - TO* (CRUZ, 2017); *Estudos de levantamento da diversidade das espécies florestais da Comunidade de remanescente de quilombolas situado na Ilha São Vicente.* (ROCHA, 2017). E o documento: *Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola Ilha São Vicente* (DOMINGUES-LOPES, 2014).

Uma grande conquista para a visibilidade da comunidade foi a criação do site com as narrativas da comunidade. Essas narrativas foram ouvidas, transcritas e editadas, na realização das ações de um projeto de extensão do curso de Letras da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS), com a coordenação de pesquisa feita pela professora Dra. Luama Socio. O projeto completo está <https://www.historiasdailha.com/>, que tem o suporte de vídeos que estão linkados ao canal do Youtube: Katawixi.

### 3. NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE

Neste capítulo, apresento a análise das entrevistas feitas com as três mulheres quilombolas da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente, Helisana, Uana e Jorgelene. O título de cada uma das seções seguintes contém excertos das falas das entrevistadas.

Escolhi o livro *Bucala* por se tratar de uma história infantil que retrata de forma sensível vários aspectos referentes ao contexto de um quilombo, sobretudo por fazer alusão ao quilombo do Cabula<sup>21</sup>, que faz parte da história da cidade de Salvador – BA e pelo símbolo de luta e resistência que é. É escrito pelo poeta, contista e escritor soteropolitano Davi Nunes.

A escolha da poesia-*slam* “Calma senhor” (2018), se deu pela riqueza de temáticas presentes nela e por ser um modelo contemporâneo de se fazer poesia, neste caso, poesia falada. É uma mídia digital que possui o formato de vídeo, nele há uma poesia-*slam*, que toca em muitas questões enfrentadas por afro-brasileiros. É o grito de uma identidade e resistência oriunda dos poetas negros e poetisas negras esquecidos e marginalizados, não por serem violentos ou larápios, mas por estarem à margem da sociedade, à margem dos direitos básicos de um cidadão (RESTIER, SOUZA, 2019, p.16).

As obras servem também de reflexão para compreendermos a importância do letramento afrocentrado, tendo em vista que as identidades raciais são socialmente construídas e apre(e)ndidas e cabe à escola discutir a visão colonialista que diminui a importância, pluralidade e valor das identidades negras. Esse tipo de letramento ajuda a promover um sentimento de pertencimento entre o povo preto, proporcionando um espaço para que explorem sua própria identidade de forma positiva. Além disso, incentiva a valorização da diversidade em nossa sociedade, bem como a compreensão de como o racismo afetou os indivíduos ao longo da história.

#### 3.1 “Somos um arsenal de bombas” – Análise da poesia-*slam*

---

<sup>21</sup> Segundo estudos da etnolinguista Yeda Pessoa de Castro em seu livro “Falares africanos na Bahia” (2001) o topônimo Cabula /kimbula/ é uma palavra de origem banto da Língua Quicongo. A palavra está relacionada com o simbolismo cerimonial da comunidade africana do Congo-Angola, significando “Lugar de afastamento dos males”.

Ei senhor! Senhor, calma senhor!  
 Senhor, por favor, calma senhor!  
 Não atira!  
 Eu não sou bandido!  
 Eu sou artista, poeta, cantor!  
 E a dona Maria ainda sente dor  
 Toda vez que lava sem ser usado meu cobertor  
 Foi com ele que ela me enrolou depois que me encontrou  
 No testemunho o fardado disse que me desarmou  
 Não senhor! Eu ainda to armado até os dentes  
 Me tiraram a paciência, a consciência  
 Sua bala me deu deficiência  
 Mas eu ainda sou a linha de frente  
 "Olha ali! Aquele neguinho ali,  
 Disse que é cantor, ator, poeta, mc"  
 "Ah, se ele pagar de pá bate nele fi"  
 "Foi mal, não consegui  
 É que de Pepe e Nenem ele virou muito rápido Muhammad Ali"  
 E cuidado, chegado  
 O capital ele mente  
 Vem com as roupas mais caras pra gente  
 Pra que todos nos vistamos iguais  
 E não sejamos diferentes  
 Gol do Brasil! Gol do brasil!  
 Cê num viu?  
 Cê não viu?  
 Duvidaram mas ele conseguiu  
 Gol do Brasil!  
 Coronel Ustra, com a camisa 13  
 Fez um gol de bicicleta  
 Enquanto sodomizava uma mulher com um fuzil  
 Aí, vai pra pátria que pariu  
 E lá você para  
 Já que meu cabelo é bombril  
 Eu vou lavar essa vergonha na sua cara  
 E penetrar na sua mente com as minhas palavras  
 Até você gritar: Para!  
 Já que várias delas gritavam e não adiantava  
 Pá!  
 Pra iluminar vou tacar fogo na sua bancada religiosa da bala  
 Porque a minha metralhadora tá carregada  
 Como eu já disse: de palavra  
 Vou vir tipo Dandara  
 Porque... zumbir seria me corromper  
 Para jáo!  
 Não confunde a resposta do oprimido como opressão  
 O aviso é o toque de recolher  
 Se encolher dentro de casa  
 Mas se pá a revolução nem será televisionada  
 Só pra você entender o poder da quebrada  
 Pois é você quem se redime  
 Eu quero ver quando os menor se conscientizar  
 Usar a peça pra revolucionar  
 Aí sim vai ser um crime  
 AK, KB2, .40, .50  
 Até a Casé entendeu como é que o baile da favela do direita esquenta!  
 Bravo!  
 Foi tão bom assim de verdade?

Homem branco, rico e hétero  
 Bravo você vai ficar quando eu pegar o seu lugar na faculdade  
 Agora presta atenção,  
 A partir de hoje eu perdi a linha!  
 Aqui ninguém mais vai voltar  
 Nem pra senzala, nem pro armário e nem pra cozinha  
 O dia de hoje vai ser lembrado como revolução  
 Aê deputado!  
 Faz um feriado denominado 'carapuça'  
 E avisa pra esse bando de tiozão  
 Que quando meu povo entender o que é união  
 Eles não passarão!

Manos e Minas. Calma, senhor, não atira. Não sou bandido, sou artista, poeta, cantor...  
 Youtube, 23 out. 2018. Disponível em:  
 <<https://www.youtube.com/watch?v=AohbnYNvpq>> . Acesso em: 01 jun. 2021.

Iniciamos esta análise com uma fala que diz muito sobre ancestralidade, o processo de resistência e a influência de líderes matriarcais nesse processo de ressignificação e fortalecimento da identidade quilombola.

A primeira fala que apresento é de Helisana ao comentar sobre a recente partida de sua tia Fátima e como isso ainda mexe com toda a família:

Até hoje eu estou sem acreditar. Como ela viajava muito, a gente sentia saudade, mas nos apegávamos a sensação de que ela voltaria, mas.... agora temos que seguir adiante. Eu estou aqui com você, mas eu sinto que ela está aqui com a gente, a partir do momento que entendemos que ela não estará mais no corpo presente, nos apegamos a ela no nosso coração, agora ela é uma das nossas ancestrais. Ela foi muita sábia enquanto viva, e aprendi com ela sobre fazer a diferença onde eu estiver. Ela deixou uma munição muito grande, que jamais a comunidade será destruída [...] somos um arsenal de bombas, tanto reconhecer os nossos direitos, conhecer nosso lugar pelo caminho da educação. ... Eu vejo a educação como uma porta (Helisana, 19/08/2021).

Assim, saudamos a ancestralidade do quilombo Ilha de São Vicente e pedimos licença para caminhar pelos seus caminhos, saberes e memórias, em nome de Fátima Barros, essa mulher de luta e saberes, ícone de resistência pela educação de seu povo. Por isso, Helisana destaca ainda que sente a presença de Fátima, enquanto fazíamos a entrevista, o que trouxe uma atmosfera feérica para aquele momento. Diz que Fátima se juntou aos seus ancestrais mais cedo do que ela imaginava, e que se sente forte e corajosa devido ao abastecimento de sabedoria que Fátima sempre compartilhava com todos, e afirma que vê a educação, uma das pautas de luta de Fátima, como uma ferramenta emancipadora, pois a educação é

vista por Helisana como uma ‘porta’, um caminho para um universo de possibilidades e de conquistas.

### 3.1.1 “Você não se sente protegido de jeito nenhum” – A violência do estado

A primeira obra a ser analisada com as quilombolas foi o vídeo “Calma, Senhor, Não Atira. Não Sou Bandido, Sou Artista, Poeta, Cantor”, que é uma poesia declamada em Slam, primeiramente assisti ao vídeo com cada uma das interlocutoras e depois fizemos a discussão. O texto da poesia já inicia denunciando a violência policial que tem se tornado prática cada vez mais comum, sobretudo com pessoas negras<sup>22</sup>.

Ei senhor! Senhor, calma senhor!  
 Senhor, por favor, calma senhor!  
 Não atira!  
 Eu não sou bandido!  
 Eu sou artista, poeta, cantor!  
 E a dona Maria ainda sente dor  
 Toda vez que lava sem ser usado meu cobertor  
 Foi com ele que ela me enrolou depois que me encontrou  
 No testemunho o fardado disse que me desarmou  
 Não senhor! Eu ainda to armado até os dentes  
 Me tiraram a paciência, a consciência  
 Sua bala me deu deficiência  
 Mas eu ainda sou a linha de frente  
 (CALMA SENHOR, 2018).

O poema apresenta circunstâncias vivenciadas por pessoas abusadas impunemente pelos ‘fardados’, além de consequências desse embate “Sua bala me deu deficiência” (CALMA SENHOR, 2018). Isso me leva a perguntar inicialmente como é a visão das entrevistadas sobre esses representantes do Estado, e se eles trazem segurança ou a sensação de ameaça.

A esse respeito, Uana cita estatísticas que convergem com os resultados apresentados pelo Atlas da Violência 2020<sup>23</sup>, ela diz “o índice de mortalidade é maior

<sup>22</sup> Em 2017 a ONU lançou uma campanha no Brasil para alertar sobre a alarmante violência sofrida contra corpos negros, pois as estatísticas comprovam que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, a expectativa de vida dos negros são seis anos a menos que a dos brancos e 75% da população mais pobre é negra. Viver “num país antinegro” certamente “tem efeitos nocivos sobre as subjetividades negras” (RESTIER, SOUZA, 2019, p. 79).

<sup>23</sup> No Brasil, os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5% em uma década, de acordo com o Atlas da Violência 2020, já a taxa de homicídios de não negros (brancos, amarelos e indígenas) teve uma diminuição de 12,9%. Essas informações estão presentes no Atlas da Violência que é um portal que reúne, organiza e disponibiliza informações sobre violência no Brasil, bem como reúne publicações do Ipea sobre violência e segurança pública. Foi criado em 2016 e é gerido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com a colaboração do Fórum

com as pessoas negras” por isso ela se sente “bastante ameaçada tanto pelos policiais, quanto pelo poder público” (Uana, 20/08/2021) e Jorgelene destaca que:

É só o que você vê passando na televisão: é policial agredindo negro por mais que ele não esteja fazendo nadinha...[silêncio] A gente fica com medo, acho que todos nós [...] Você não se sente protegido de jeito nenhum, porque se eles [que estão sendo gravados] estão fazendo isso e os outros [que não estão sendo gravados] vão fazer o quê?” (Jorgelene, 20/08/2021, acréscimos nossos).

Nesse sentido, apesar da segurança pública ser um direito do cidadão e dever do Estado, a figura dos policiais brasileiros não suscita proteção, para uma considerável parcela da população, pois, como se pode comprovar pelos muitos casos já registrados, a abordagem deles é distinta dependendo da cor da pessoa e da localização onde mora. Sobre violência policial, é importante lembrar a morte brutal de George Floyd que foi estrangulado até a morte por um policial branco, em decorrência de uma suposta nota falsa de vinte dólares em um supermercado na cidade de Minneapolis – EUA, no dia 25 de maio de 2020.

“No testemunho o fardado disse que me desarmou.” (CALMA SENHOR, 2018). Nesse trecho o autor faz menção às chamadas “provas plantadas”, como são denominadas as evidências que são forjadas por policiais para, de forma mal-intencionada, eliminar possíveis rastros que os incriminem. E ciente disso Helisana relata que fora assediada por um policial e temeu por sua vida:

‘Moreninha bonita’, esses tipos de piadinhas recebidas do policial que era para estar me defendendo, me fazendo sentir segura, quando na verdade me fez sentir insegura. ‘Ai, meu Deus, se eu não sair daqui...’[Refere-se a um pensamento que lhe ocorreu no momento que sofreu assédio, na forma de importunação sexual, por um policial]. Há casos e casos, às vezes encontramos a exceção, mas a maioria...” (Helisana, 19/08/2021).

Além de se sentirem ameaçadas por serem mulheres, ser negra as torna mais suscetíveis a passar por situações como estas e se elas não podem se sentir seguras e livres, isso certamente é um problema do Estado.

### 3.1.2. “Vamos reunir todos os artefatos históricos’ – O despejo e o despertar

Seguindo o ritmo temático que a entrevista adotou, questiono-as acerca do despejo ocorrido em 2010<sup>24</sup>, no intuito de saber onde estavam, o que estavam fazendo e como foi para elas e para sua família este acontecimento.

O despejo, conforme relatado pela comunidade, foi realizado de forma violenta e traumática. Um oficial de Justiça acompanhado de vários policiais militares do destacamento de Araguatins foram deslocados de barcos para realizarem o despejo. Além dos atos de violência na retirada das famílias, houve também a violência simbólica, os quilombolas que foram despejados do território onde nasceram e viveram a vida toda, tiveram suas casas queimadas, casas parcialmente derrubadas, plantações destruídas e animais de criação subtraídos (DOMINGUES-LOPES 2014, p. 47).

Como as três quilombolas, sempre moraram em contexto urbano, elas não estavam na ilha no momento do despejo. A esse respeito, Helisana conta que o fato de não morar na ilha, causa estranheza e assusta muitos e complementa dizendo que “nenhum tipo de acessibilidade foi dado pra gente, a água encanada não tem, se a gente quiser água, a gente precisa levar da cidade, se não quiser pegar do rio, que muitas vezes é poluída” (Helisana, 19/08/2021).

É válido dizer que elas sempre moraram em contexto urbano por decisão dos pais que resolveram mudar para a cidade, pois a ilha era desprovida de energia elétrica, que chegou apenas em Maio de 2018, assim como água encanada e escola<sup>25</sup>, por isso, no entendimento deles, a vida seria mais fácil se eles morassem na cidade de Araguatins, então muitos decidiram pela mudança, porém sempre vão à ilha, porque querem preservar suas tradições, no entanto sem parar no tempo.

Sobre o despejo, Uana compartilha o quão doloroso foi ver o seu avô, Salvador Barros (*in memoriam*), ser despejado: “Quando ele foi despejado, a gente também sentiu essa dor com ele, apesar da gente já estar na cidade, a gente sentiu esse momento de tristeza” (Uana, 20/08/2021).

---

<sup>24</sup> Nesse despejo as casas e roças dos quilombolas foram queimadas, seus animais mortos; eles perderam tudo que tinham construído até então. Esse ocorrido foi relatado em alguns trabalhos científicos sobre a comunidade, entre eles na dissertação da professora do IFTO de Araguatins – TO, Cristina Almeida (2019): “[...] em 26 de outubro de 2010, com uma ordem de despejo expedida pelo juiz substituto da Comarca de Araguatins. De acordo com as narrativas de seu Salvador e sua esposa, Maria da Luz a execução do despejo foi realizada por um Oficial de Justiça e alguns policiais militares de Araguatins” (ALMEIDA<sup>2</sup>, 2019, p. 85).

<sup>25</sup> FONTE: Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate. – N. 20 (2014). Disponível em: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/brasil\\_sem\\_miseria/cadernos\\_de\\_estudos20.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/brasil_sem_miseria/cadernos_de_estudos20.pdf) Acesso em: 16 out. 2021.

A Jorgelene, que é a mais velha das três, no momento do despejo, morava em outra cidade, pois havia casado e morado onde o marido residia por causa do trabalho, sobre esse momento ela afirma:

Nessa época eu estava morando em Augustinópolis – TO, uma cidade vizinha, meu irmão que me contou o que estava acontecendo, porque ele é mais por dentro, ele sempre foi mais linha de frente. Foi uma situação muito difícil pra gente, sabe, pra gente lutar contra isso (Jorgelene, 20/08/2021).

Helisana é a mais nova das três entrevistadas e percebo que, enquanto ela me conta sua perspectiva sobre o despejo, sua fala pausada e sua face parecem exprimir que ela está ressignificando o que diz ao se ouvir, ressignifica pois o ocorrido quando ela era uma adolescente e agora reconstrói aquele momento ao me contar, trazendo sua perspectiva de mulher adulta sobre tal fato. Enquanto Helisana relata, percebe-se que seu relato se intercrusa com as memórias coletivas apreendidas no convívio com sua família, pois como Halbwachs (2006, p. 39) estabelece:

não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados e noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte da mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Dessa forma, Helisana, que era uma adolescente na época, tinha cerca de 12 anos de idade, relata quando o despejo aconteceu:

Eu era muito nova, não entendia muito, mas para mim aquilo foi o soar de um tambor, de alguma coisa que precisava despertar em mim. Vi meu pai e minha tia - Fátima, se despertando para abraçar aquela causa e não deixar aquilo acontecer. Vamos reunir todos os artefatos históricos, todas as coisas históricas, pessoas antigas e anciões e encontraram o livro que conta a história da cidade (Helisana, 19/08/2021).

Ela afirma que esse momento foi um tempo de despertar e ali toda a comunidade se viu levada a encontrar com sua verdadeira identidade:

Aquilo foi o início de um despertar e conhecer a minha ancestralidade, a história da família do meu pai, entender quem eu era mesmo. Que história é essa da comunidade? Foi aí que despertou o sentido d'eu entender que eu era uma quilombola (Helisana, 19/08/2021, grifo nosso).

Nesse processo de construção identitária, Hall (2006, p. 38) declara que a identidade está em constante mudança, pode-se ver que elas nasceram se entendendo de uma forma, o que se refez à medida que amadureciam e quando passaram pelo despejo que aconteceu no quilombo, novamente tiveram que se reencontrar/deparar com sua própria história para então, passarem a se olhar a partir de uma nova perspectiva.

Esse sentido pode ser apreendido do seguinte trecho da palestra de Fátima Barros Líder do Quilombo Ilha de São Vicente na época:

[...] em 2010, após o despejo que sofremos da Ilha, comecei a me descobrir enquanto mulher negra, enquanto resistência. A partir do momento em que eu parei de alisar o cabelo, quando eu decidi valorizar isso que eu sou, o meu fator identitário, eu senti que de alguma forma consegui me fortalecer muito mais, tanto espiritualmente quanto demarcando meu espaço também. Me permiti que a identidade aflorasse, e isso é muito mais que o cabelo, é muito mais que o turbante, apesar desses sinais servirem para a comunicação e assim conseguir dizer: “nós estamos aqui, nós existimos” (HISTÓRIAS DA ILHA, 2019).

Assim como acontece com a construção da identidade de gênero, raça, classe e identidades sexuais, assim aconteceu com os pertencentes a este quilombo, apesar de já terem nascido quilombolas, elas não se entendiam como quilombolas, mas se descobriram quilombolas a partir de um evento coletivo que trouxe transformação a todos da comunidade.

A professora Rita Domingues-Lopes (2019), que também foi a antropóloga responsável por fazer o Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território (RTID) da comunidade (2014), em sua tese de doutorado, comenta sobre esse conflito territorial como um momento de:

Acionamento dessa identidade [...] foi a partir do conflito gerado pela disputa de terra que levou ao despejo e a mobilização da comunidade pelo retorno à sua terra e fez vir à tona a história e identidade quilombola, levando aos idosos uma palavra nova que antes desconheciam. O novo contexto jurídico acionou um elemento oculto em suas histórias, mas as histórias estavam lá, nas memórias e lembranças dos mais velhos da comunidade (DOMINGUES-LOPES, 2019, p. 97).

Nesse sentido, foi um tempo “de mudança e de percepção sobre si mesmo, revelando e assumindo uma identidade quilombola” que até então estava adormecida (DOMINGUES-LOPES, 2019, p. 98). Para eles se entenderem de fato

como quilombolas, eles tiveram que passar por esse triste episódio para que pudessem se voltar para sua ancestralidade e caminhar a partir dali, agora em uma nova perspectiva, com um novo olhar. Helisana assinala que “foi o somido do tambor que a gente precisava ouvir, pra despertar e levar a gente pra dentro mesmo das outras atividades” (Helisana, 19/08/2021).

Esses conflitos territoriais são uma das grandes questões pertinentes ao cotidiano dos Quilombos, que se veem em constante combate contra madeireiros, pecuaristas, e enfrentam em seu território um desmatamento ocasionado pelas madeiras em conluio com os fazendeiros que utilizam a floresta desmatada para fazer campo de pasto. Entretanto, não são apenas esses os problemas, há outros embates que são comuns à maioria das comunidades quilombolas brasileiras, tais como:

As precariedades de políticas públicas, sobretudo aquelas voltadas para as áreas da saúde, alimentação, habitação, educação e saneamento básico; [...] a falta de incentivo financeiro quanto a fomento da produção agrícola e/ou extrativista; [...] as pautas de reivindicação dos movimentos organizativos e a falta de sensibilização política por parte das autoridades locais e/ou externas ao município quanto às demandas apresentadas pelos Quilombos junto a órgãos públicos (RANCIARO, 2016, p. 150).

O que se percebe é o caráter permissivo e passivo do Estado, sobretudo quando se olha para a lentidão no processo de reconhecimento e titulação dos territórios das comunidades quilombolas. Pois, a demora na titulação compromete a sustentabilidade e o desenvolvimento do próprio território, tendo em vista que o modo de vida tradicional quilombola está diretamente ligado à terra.

De acordo com os dados presentes no site Quilombolas Contra Racistas<sup>26</sup>, o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro distribuiu ofensas rotineiramente aos quilombolas, sendo inclusive processado em 2017 por ter dito: "Fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles", apesar da fala racista ele foi absolvido (RESENDE, 2020).

---

<sup>26</sup> O site Quilombolas Contra Racistas é um projeto da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) e a Terra de Direitos para monitoramento e denúncia dos discursos de ódio racial proferidos por autoridades públicas. O site faz esse monitoramento desde o ano de 2019, nele há a apresentação das falas racistas na mídia, o conceito do que é discurso racista, o discurso racista em números, discursos recorrentes, linha do tempo e o impacto nas vidas quilombolas. O endereço virtual é: <https://quilombolascontraracistas.org.br/>.

Vale destacar que o valor anual de cerca de meio bilhão de reais gastos com auxílio-moradia para os magistrados e para os integrantes do Ministério público é 26 vezes maior do que o orçamento anual destinado à titulação dos territórios quilombolas. Esse meio bilhão é duas vezes maior que a soma de 10 anos do orçamento federal destinado à titulação de territórios quilombolas. Evidentemente, isso demonstra que o governo brasileiro desde a Constituição não tem privilegiado os povos originários no seu orçamento (SCHRAMM, 2019).

Sobre a legalização das terras quilombolas, na análise de Schramm (2019), caso o governo continue nesse ritmo de titulação de territórios, levará 1.170 anos para que todas as comunidades até agora reconhecidas sejam tituladas. Ou seja, enquanto o período da legalização de escravização de pessoas durou 388 anos, será necessário ao menos cinco vezes esse tempo para reparar essa dívida histórica – para além de todos os outros impactos socioeconômicos

### 3.1.3 “Esse direito é nosso, porque negaram os estudos aos nossos antepassados”

– O acesso à educação

Homem branco, rico e hétero  
Bravo você vai ficar quando eu pegar o seu lugar na faculdade.  
(CALMA SENHOR, 2018).

O trecho acima, foi o balizador para as análises deste subitem e para a temática “acesso à educação”. E sobre esses impactos sociais, uma dívida histórica do estado brasileiro é o acesso à educação que sempre foi negado aos negros desde 1837<sup>27</sup>. E como forma de reparar essa lacuna foi sancionada a lei 12.711/12 regulamentando as cotas em universidades e institutos federais, o que foi uma grande conquista, gerada a partir de iniciativas construídas por universidades pelo Brasil, a instituição pública pioneira foi a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2003, sendo seguida pela Universidade de Brasília (UNB), em 2004.

É válido lembrar que as cotas chegaram na UNB após um estudante negro do programa de pós-graduação de Antropologia sofrer racismo institucional, sendo que ele foi o primeiro aluno negro a ingressar neste programa em 20 anos

---

<sup>27</sup> Primeira lei de educação: negros não podem ir à escola. Já, na primeira constituição federal, a de 1824, em seu artigo 6º estava determinado que o negro escravizado, o liberto e seus filhos não eram considerados cidadãos, portanto, não eram aptos a estudar, uma eterna lembrança da escravidão deixada aos ex-escravizados.

(VELOSO, 2018). Isso diz muito da visão da instituição à época e o episódio de racismo serviu para questionar as ínfimas oportunidades de acesso ao ensino superior concedida aos afro-brasileiros.

Dados esses fatos, questiono às entrevistadas sobre seu percurso de entrada na universidade, e suas experiências na academia como quilombola; e as respostas das três foram uníssonas ao afirmarem que foi um processo bastante complicado.

Elas são estudantes dos cursos de licenciatura em Computação (Helisana e Jorgelene) e licenciatura em Ciências Biológicas (Uana), estão terminando as últimas disciplinas dos cursos e já estão na conclusão de seus TCC's. Todas entraram por intermédio das ações afirmativas, e recebem bolsa-permanência no valor de R\$900 mensais e já ouviram inúmeras pilhérias por causa disso.

A fala de Jorgelene chama atenção, pois ela teve sua própria identidade questionada no ambiente acadêmico. “No começo eles não aceitavam que eu fosse quilombola, eu fui tratada com desprezo, fui criticada por receber bolsa, “Ah, só quilombola que recebe bolsa! Mas tu não é negra, teu cabelo é liso”<sup>28</sup> (Jorgelene, 20/08/2021). O poema Constatação de Elisa Lucinda conversa com esta fala de Jorgelene quando diz:

Pareço Cabo-verdiana  
pareço Antilhana  
pareço Martiniquenha  
pareço Jamaicana  
pareço Brasileira  
pareço Capixaba  
pareço Baiana  
pareço Cubana  
pareço Americana  
pareço Senegalesa  
em toda parte  
pareço  
com o mundo inteiro  
de meu povo  
pareço  
sempre o fundo de tudo  
a conga, o tambor  
é o que nos leva adelante  
pareço todos  
porque pareço semelhante.  
Constatação – Elisa Lucinda

A autora reforça esta pluralidade dos corpos negros brasileiros que são múltiplos em seus mais variados traços, fenótipos e com uma extensa variedade de

---

<sup>28</sup> Comentários proferidos por colegas da turma dela.

tonalidades, dos mais claros aos mais retintos. Acrescento ainda que socialmente, se vê que as pessoas negras de pele mais clara são mais aceitas na maioria dos espaços, por agradarem esteticamente a lógica branca instituída, o que não as deixam livres do racismo e suas consequências (SANTANA, 2021, p. 21). Isso se vê nesses comentários jocosos de colegas de turma de Jorgelene, contestando sua identidade e a colocando contra outros de seu próprio grupo.

Jorgelene conta que alisa seu cabelo há muitos anos, por preferência própria e não se sente menos negra por isso. “Tenho minha identidade como quilombola, nunca abaixei a cabeça” (Jorgelene, 20/08/2021). E sobre seu tom de pele, é válido fazer menção das circunstâncias históricas que corroboraram para que esse clareamento no tom da pele do brasileiro acontecesse, em decorrência de uma política pública de embranquecimento promovida pelo Estado, como forma de expurgar os males trazidos da origem africana (BERNARDINO, 2002, p. 256). Hoje o Brasil é um país pluriétnico, dotado de várias identidades negras, representadas fenotipicamente nos mais variados tons de pele, umas mais claras, outras mais escuras.

Helisana e Uana relembram as dificuldades enfrentadas para os estudantes que moram na ilha: “O aluno que vem do quilombo, vai de barco para a escola ou faculdade, não tem internet, passa por uma situação complicada, às vezes não têm o que comer. Se não for pescar no rio [...] não tem um peixe para comer.” Então, não há isonomia se um aluno que mora no quilombo e vive de acordo com as condições que Helisana aponta, for tratado da mesma forma que um aluno que mora na cidade. Por isso, deve ser garantida igualdade de condições para o acesso e para a permanência de todos os alunos no ensino regular e o programa Bolsa-permanência proporciona isso para elas.

Nesse cenário, Uana ressalta as desvantagens que o aluno quilombola possui e destaca o poder inclusivo das ações afirmativas:

Geralmente alguns colegas me questionavam porque eu ganhava essa bolsa, que direito era esse que só eu que ganhava, sempre a gente ouvia questionamentos sobre a bolsa. Alguns falavam que eram contra a bolsa e contra as cotas e eu respondia: ‘A partir do momento que você diz que é contra as cotas, você testifica que não quer me ver aqui, não quer que eu seja sua colega de classe.’ Ele<sup>29</sup> falava que era contra as cotas, que todo mundo tinha que lutar pelos mesmos direitos, ... que tinha que ter as

---

<sup>29</sup> “Ele” refere-se a um colega de sala de Uana, de acordo com ela, é filho de um fazendeiro da região.

mesmas normas para todos e eu falava para ele: ‘Você acha que a pessoa que mora lá no quilombo, que vem estudar aqui em Araguatins, tem as mesmas facilidades de ensino, de sair lá do quilombo? Ter que pegar barco, ter que ir a pé pra escola. Você acha que ele vai ter a mesma aprendizagem como uma pessoa que mora aqui na cidade? [...] Esse direito é nosso, porque negaram os estudos aos nossos antepassados, nós temos esse direito justamente por isso (Uana, 20/08/2021).

Uana, em tom mais combativo, expõe os insultos recebidos que, como ela destaca, são comentários que mostram o desejo pela não existência de pessoas como ela naquele espaço e isso a deixa bastante ofendida. O que o colega dela traz nesse comentário fundamentado no liberalismo, é o critério meritocrático como balizador para definir o que cada um pode ou não ter. É bastante problemático falar de mérito em um país tão desigual como o Brasil.

Uana, por sua vez, o exorta quando relata a rotina e o processo bem mais penoso dos que moram no quilombo para poder ter acesso e permanência nos estudos. Em outro momento ela fala: “Essa bolsa me mantém na faculdade, paga minhas despesas” (Uana, 20/08/2021). O que mostra que o ingresso na Academia é uma grande conquista, sim, mas conseguir manter-se é outro desafio, e as políticas públicas devem ser compatíveis com as mais variadas realidades dos discentes universitários, para enxergar essas disparidades e agir para que haja mais isonomia.

Sobre a bolsa, Helisana e Jorgelene destacaram o processo complicado para conseguir a bolsa “O acesso à Bolsa-permanência é muito difícil, eles complicam o máximo que podem. Se você não ficar no pé, você não consegue. É uma burocracia e tanto!” (Helisana, 19/08/2021). No que diz respeito à burocracia, Jorgelene declara:

Eu sofri pra entrar, quando resolvi entrar eles não quiseram aceitar por causa de uma documentação, que não necessitaria da documentação<sup>30</sup>, e eles exigiram que tivesse essa documentação. Tive que entrar na justiça. Entrei e ganhei, por que realmente não precisava (Jorgelene, 20/08/2021).

Jorgelene teve que ir à Defensoria Pública para conseguir que retirassem essa nova exigência do edital e conseguiu. Há um estudo que mostra que não foi só com elas que aconteceu isso, no IFTO de Gurupi também. O estudo buscou entender por que houve pouca procura pelas vagas das cotas no *campus* em questão, e foi descoberto que o motivo foi a dificuldade dos discentes em fornecer todos os

---

<sup>30</sup> Ela se refere a um outro documento que foi pedido, além da documentação oficial requerida para ingresso por meio de cotas.

documentos comprobatórios em tempo hábil, tornando o processo trabalhoso, e também a burocracia na comprovação documental (CUSTÓDIO, 2018, p. 12).

Helisana relata também que "... muita gente tem preconceito pelo fato de eu ser cotista" (Helisana, 19/08/2021), é como se a universidade não fosse para elas, pois desde a entrada enfrentaram dificuldades. E quando, enfim, acessam à Academia, que deveria ser um espaço democrático e plural, têm de lidar com situações ultrajantes que contestam a presença delas naquele espaço:

A gente sempre ouve por parte dos colegas esses questionamentos, muitos chegam com chacota dizendo: 'O que eu faço pra ser quilombola?'. Às vezes, eu até respondia: 'Você vai ter que morrer e nascer descendente de africano' (Uana, 20/08/2021).

No tom de voz dela na hora da entrevista, foi palpável o preterimento e desdém que ela recebeu e o quão desanimador deve ter sido iniciar a vida acadêmica com essas experiências. O que ela diz dialoga muito com o grito de Beatriz Nascimento no documentário *Ori: Eu sou (trans)Atlântica!*, para enfatizar que a história do povo preto brasileiro antecede a escravidão, nossos antepassados vem do continente Africano.

Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação numa história fragmentada.  
África e América e novamente Europa e África.  
Angola. Jagas. E os povos do Benin de onde veio minha mãe.  
Eu sou atlântica. (DE RAQUEL GERBER, 1989)

"Ori"<sup>31</sup> é um filme documentário dirigido pela socióloga e cineasta Raquel Gerber que aborda a história dos movimentos negros no Brasil durante o período de 1977 a 1988. A película se concentra na relação entre o Brasil e África e apresenta o quilombo como ideia central. Além disso, parte da história pessoal da ativista e poetisa Beatriz Nascimento é apresentada como um dos fios condutores do filme.

### 3.1.4 "Tentam me dar um *script* do que eu vou falar" - Preterimento<sup>32</sup>

"Olha ali! Aquele neguinho ali,

---

<sup>31</sup> Ao apresentar a participação de Beatriz Nascimento, o filme revela outra face de suas atividades, que incluem a poesia. Desta forma, "Ori" não apenas aborda questões históricas e sociais importantes, mas também apresenta uma visão mais ampla e profunda da vida e obra de ativistas como Beatriz Nascimento. Ao combinar elementos históricos, culturais e pessoais, o filme fornece uma visão única e impactante da luta dos negros pelos direitos e igualdade no Brasil.

<sup>32</sup> No sentido de ser deprezado, menosprezado, não ser considerado importante.

Disse que é cantor, ator, poeta, mc"  
 "Ah, se ele pagar de pá bate nele fi" [...]  
 E penetrar na sua mente com as minhas palavras  
 Até você gritar: Para!  
 Já que várias delas gritavam e não adiantava [...]  
 Duvidaram, mas ele conseguiu! [...]  
 (CALMA SENHOR, 2018).

Na sequência pergunto se elas já se sentiram subestimadas ou preteridas em algum momento na Universidade, em resposta, tanto Uana quanto Jorgelene, disseram que só se sentiram assim, quando chegaram na Academia: "O momento que eu entrei no IFTO foi quando mais me senti subestimada. Antes disso não." (Jorgelene, 20/08/2021).

Nesse cenário, Helisana expõe uma situação na qual ela se sentia muito mal, pois tentaram regular suas palavras:

Amo participar de palestras voltadas para a temática negra ou sobre educação, que é o que eu me identifico, sempre que tem oportunidade no grupo de estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, eu digo: "Eu quero participar, me coloquem", é o que eu fui treinada desde pequena a fazer. Porém, muitas das vezes, vêm no meu PV<sup>33</sup> e tentam me dar um *script* do que eu vou falar. 'Tem como você não falar isso?'<sup>34</sup>, 'Tem como você ficar desse jeito?' \*\* (Helisana, 19/08/2021).

Ela continua dizendo que isso tem sido um dos fatores que mais a desmotiva a participar de alguns estudos e pesquisas, pois essas investidas em controlar o seu discurso são atitudes que evidenciam que ainda seu contexto acadêmico está em processo de decolonização. Por fim, vê-se que elas enfrentaram problemas no acesso, na permanência e no convívio na academia, Helisana também relata ter sofrido essa violência e/ou tentativa de silenciamento.

Por todo o exposto, é imprescindível que se repense as práticas que estão sendo reproduzidas nos corredores das universidades, que muitas vezes refletem o racismo institucional e escolar presentes em muitas instituições de ensino do Brasil, herança dos colonizadores e do período escravocrata. Esse racismo institucional pretere as subjetividades negras, um dos fatores que explica a crescente evasão de estudantes negros das instituições de ensino.

<sup>33</sup> Refere-se a "privado", sigla muito usada nas interações online e indica uma conversa iniciada em particular.

<sup>34</sup> Exemplos de mensagens recebidas no privado, possivelmente dos moderadores dos grupos que participa.

### 3.2 Bucala – Análise do livro

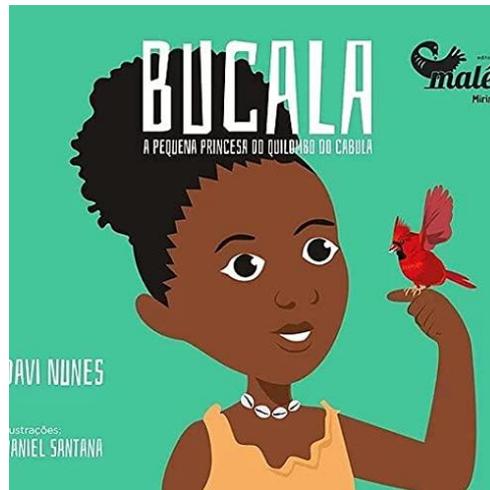


Figura 15 – Capa da obra Bucala – A pequena princesa do Quilombo do Cabula (NUNES, 2019)  
Fonte: Google.

Após esse diálogo sobre o poema, partimos para a análise da obra Bucala – A pequena princesa do Quilombo do Cabula (NUNES, 2019). Esta obra, é uma mídia física, trata-se de um livro de literatura infantil, Bucala – a pequena princesa do Quilombo do Cabula (2019). O livro é escrito por Davi Nunes e ilustrado por Daniel Santana, ambos soteropolitanos. A obra conta a história da princesa quilombola Bucala - uma linda menina negra com “cabelo crespo, com formato de coroa de rainha” (NUNES, 2019).

No livro, Bucala é uma criança negra retinta, com belos cabelos crespos, usa como adereço um colar de conchas do mar bem junto de seu pescoço e está trajada com um belo vestido laranja abaixo de seu joelho. Os demais personagens que compõem a história são sua mãe, seu pai, um griô e a deusa das águas doces.

É um livro de narrativa curta, com uma história breve e com uma relação estreita entre discurso X imagem. Nela, o texto e a imagem dialogam com fluidez, contribuindo assim para a boa compreensão da narrativa (FARIA, 2004, p. 39).

Com base na leitura e interpretação dessa obra, a primeira temática que abordamos na entrevista é sobre os griôs, logo depois falamos sobre identidade negra, identidade quilombola, os algozes e espiritualidade.

### 3.2.1 “A gente tá sempre aprendendo com eles” – Os griôs<sup>35</sup>

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.  
Tierno Bokar Salif

Na cultura oeste africana, os griôs/*griottes* são conhecidos por serem cantores, contadores de histórias<sup>36</sup>, músicos e historiadores orais da África Ocidental. Eles são treinados desde cedo para se destacarem como oradores, letristas e músicos. O griot mantém registros de todos os nascimentos, mortes, casamentos ao longo das gerações da aldeia ou de uma família. São os mestres das tradições orais, desempenham um papel fundamental na sociedade ocidental africana (HAMPATÉ BÂ, 2010).

Os griôs estão presentes na cultura de alguns dos países que ficam na parte oeste<sup>37</sup> do continente africano, desde a Mauritânia mais ao norte até Nigéria mais ao sul, (Ver Figura 16) e estão presentes dentro de vários povos espalhados por esses países entre eles os povos Mande, Fula, Hausa, Songhai, Wolof entre outros.

---

<sup>35</sup> Forma aportuguesada para *griot* termo franco-africano, a forma feminina é *griotte*, termos criados na época colonial para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes das quais, em geral, está a serviço (DOMINGUES-LOPES, 2014, p. 121).

<sup>36</sup> Contador de história seria a melhor acepção em português brasileiro, para a palavra *Griot*, pois na cultura quilombola contemporânea os griôs são geralmente pessoas mais velhas da comunidade, que contam de suas memórias e repassam ensinamentos apreendidos durante a vida e saberes de seus pais e avós.

<sup>37</sup> Os 16 países do oeste africano que são considerados parte da África Ocidental: Benim, Burquina Fasso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.



Figura 16 - Países da África Ocidental, no oeste africano.  
Fonte: Google Maps.

Amadou Hampaté Bâ<sup>38</sup>, um especialista em tradição oral africana vindo de Mali, tornou-se uma referência importante e uma das maiores autoridades no assunto da ampliação e conservação do universo dos Djelies, não somente na África, mas também em várias regiões do mundo ocidental. Ele compartilha conosco: “Em África, quando morre um ancião arde uma biblioteca, desaparece uma biblioteca inteira sem que as chamas acabem com o papel...” (MARTINS, 2021, p. 406-407).

Por intermédio dos griôs, há o resgate da tradição oral, da contação de histórias, como forma de valorizar e perpetuar as tradições e a cultura africana, através da memória, com o passar do tempo e com as mudanças que se aconteceram nas sociedades africanas, as maneiras de contar as histórias e mesmo alguns de seus episódios foram sendo alterados/adaptados, de maneira a adequar as narrativas tradicionais (DA LUZ, 2013) ao mundo contemporâneo.

<sup>38</sup> Amadou Hampaté Bâ (1900-1991) foi um escritor, contador de histórias e defensor da cultura africana. Ele nasceu em Bandiagara, Mali e passou a maior parte da sua vida estudando e preservando a tradição oral africana. Ele é conhecido por suas obras, incluindo "Amkoullel, l'Enfant Peul" (Amkoullel, o menino Peul) e "L'École des griots" (A escola dos griots), que exploram a cultura e a história da África Ocidental. Além disso, Hampaté Bâ também foi um ativista social e político, lutando pela independência e pela preservação da cultura africana. Sua obra e ativismo o tornaram uma figura importante na história da cultura africana e um símbolo da luta pelos direitos culturais dos povos africanos.



Figura 17 - Personagem Bem-preto-de-barbichinha-bem-branca  
Fonte: Nunes, 2019.

Para o início da discussão sobre o livro, pergunto qual foi o aspecto no livro que mais chamou a atenção e todas responderam a mesma coisa: A ilustração da página quinze (Figura 17), a qual exhibe o personagem Bem-preto-de-barbichinha-bem-branca, o griô da história, um senhor de pele retinta, com barba e cabelos bem grisalhos, todo vestido de cor branca, sentando sob um tronco cortado de uma árvore, à sombra de outra, em um local bem arborizado, segurando um graveto de madeira em sua mão direita, que possivelmente ele usa como apoio, e em sua mão esquerda um cachimbo.

Todas disseram que a figura dele inspira sabedoria, beleza e respeito, isso mostra a admiração que os mais velhos possuem nesta comunidade quilombola. Acerca disso, Amadou Hampaté Bâ (2010, p. 175) conta que:

Agora podemos compreender melhor em que contexto mágico - religioso e social se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral, especialmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de ancestrais ou de pessoas idosas. O que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: "Aprendi com meu mestre", "Aprendi com meu pai", "Foi o que suguei no seio de minha mãe" (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 175).

Esse respeito pela palavra estende-se àquele que é o portador dessa herança ancestral: o griô, que no contexto da Ilha de São Vicente, são os mais velhos da comunidade, conhecidos por conversarem bastante e de serem contadores de história. Algumas dessas histórias estão catalogadas em vídeo e por escrito, em um portal online denominado Histórias da Ilha (2019), desenvolvido pela Faculdade de

Letras da Universidade Estadual do Tocantins, *Campus Araguatins*, com a coordenação de pesquisa da professora dra. Luama Socio.

Logo em seguida, as indago sobre quem foram os griôs da comunidade com quem elas mais aprenderam, Helisana elencou apenas mulheres como suas *griottes*: “Minha avó Vicência Barros, mãe da tia Fátima (*in memorian*); Maria Barros e Domingas Barros” (Helisana, 19/08/2021). Jorgelene conta que considera como griô “Tio Pedro e tio Salvador, pois eles falavam como eram as coisas no passado. Minha madrinha Domingas, e atualmente a Fátima (*in memorian*) e o Jorlando, os que mais passavam tudo pra gente” (Jorgelene, 20/08/2021). Uana considera seu pai como um griô entre outros:

[...] Ele é um patriarca da nossa comunidade, de sete irmãos ele é o único que está vivo. Os primos dele: tio Virgílio, tia Maria Helena e tia Maria das Luz, esposa do Tio Salvador, eu os tenho como griôs também. A gente tá sempre aprendendo com eles (Uana, 20/08/2021, grifo nosso).

Logo depois conta que nos momentos que eles costumam sair para fazer trilha pela mata e nas rodas de conversa há muito aprendizado.

Na ilha a gente aprende muitas coisas com os mais velhos. Os mais velhos gostam muito mesmo de conversar e a gente faz muitas rodas de conversa, eles falam das plantações que fazem de acordo com a lua, [...] a fase certa da lua para plantar tal legume. Até remédio para verme, eles dão de acordo com a fase da lua (Uana, 20/08/2021).

Esses saberes apreendidos por intermédio da observação da lua estão materializados nas práticas presentes das vivências dos quilombolas desta comunidade (DE LIMA, 2016, p. 105,). Uana destaca que os “mais velhos” compartilham esses conhecimentos e Helisana complementa dizendo que seu pai “sabe o tempo das luas” (Helisana, 19/08/2021).

Observamos aqui o andamento dos saberes sendo repassados dos avós de Uana para o pai de Helisana, e agora esses saberes estão sobre elas. Jorgelene, por sua vez, foca no conhecimento do cuidado com a terra obtido por intermédio de seus pais: “Minha mãe sempre gostou de plantar” (Jorgelene, 20/08/2021).

Sobre os aprendizados, pude observar que cada uma coleciona alguns saberes adquiridos nesse convívio com os griôs. Uana: “Eu aprendi a fazer abano<sup>39</sup>, com

---

<sup>39</sup> O abano (leque) é feito com folhas da palmeira do babaçu.

meu pai aprendi a pescar, pegar jacumã<sup>40</sup>. [...] Minha mãe me ensinou crochê, fazer carvão, a plantar” (Uana, 20/08/2021). E compartilha uma tradição de sua família:

É impressionante o pessoal do meu pai, eles têm uma tradição de que ao nascer uma criança eles plantam uma árvore para aquela criança que nasce. No quilombo, há uns 10 anos, a gente tinha uma das árvores mais antigas, que era um pé de caju, que foi plantado para algum dos irmãos dele. Quando eu era adolescente, nós tínhamos uns três pés de laranja no quintal, e os pés de laranjas tinham nomes. Era um meu, um da minha irmã mais velha e um da minha irmã caçula. E eu tenho essa mania também de dar nome para as plantas. Eu tenho duas plantas com o nome dos meus dois filhos (Uana, 20/08/2021).

Essa tradição de nomear as árvores/plantas é uma prática que vem de seus avós e hoje faz parte da vida dela e deseja passar esses símbolos para seus filhos.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2006, p. 37-8).

Helisana comenta que aprendeu a pescar com seu pai e Jorgelene aprendeu a cuidar dos cabelos e cozinhar desde muito cedo, aos 9 anos de idade “Com 9 anos eu já fazia comida, com 12 anos eu comecei a trabalhar, 13 anos trabalhei em residência” (Jorgelene, 20/08/2021).

Esse trecho retrata a realidade brasileira pobre, na qual as crianças desde cedo já tem de trabalhar para ajudar no sustento de casa. Jorgelene, por ser uma das filhas mais velhas, tinha a responsabilidade desde criança de ser o apoio de seus pais, pois em outro momento da entrevista ela afirma que a sua mãe saía cedo para lavar roupas e a deixava para cuidar de seus irmãos mais novos.

### 3.2.2 “Eu era mais aceita, recebia muitos elogios” – Identidade negra

Se por um lado, minhas identidades dependem de outras para dar conta de suas existências e criar condições para que existam, por outro, elas entrelaçam o individual e o social em histórias que perpassam a complementaridade entre o eu e o outro, envolvidos nos contextos vivenciais (CARVALHO, 2016, p. 37).

---

<sup>40</sup> Ela explica que ‘pegar jacumã’ é ser o guia (piloto) da canoa.

O livro escrito pelo autor soteropolitano Davi Nunes, aborda várias temáticas do cotidiano de uma criança negra rodeada de amor e curiosidade sobre sua história ancestral. Cabula<sup>41</sup> é uma analogia ao quilombo do Cabula localizado na capital baiana, que hoje compreende os bairros Pernambués, Engomadeira e Narandiba, antigamente era uma localidade com bastante mata fechada, ótimo lugar para esconderijo de escravizados fugitivos (FREITAS; MOTA, 2014, p. 3).



Figura 18 – A mãe de Bucala, trançando seu cabelo.  
Fonte: Nunes, 2019.

O Cabula enfrentou bastante perseguição, inclusive do estado da Bahia, até que em 1808 foi oficialmente desintegrado (VIEIRA, 2020). O livro mostra a felicidade de uma criança negra, a liberdade para tentar, experimentar, provar, mesmo em um local tido como marginal. A figura central Bucala, possui vários elementos que a fazem negra: cabelo crespo, cor da pele e cultura ancestral, para as crianças negras isso desenha seu imaginário, melhora sua autoestima, o que é bom para as crianças brancas também, para naturalizarem crianças negras vivendo uma infância feliz, com abundância de vida.

---

<sup>41</sup> Palavra que tem origem no idioma banto falado entre os países do Congo e Angola e que significa mistério, culto religioso secreto, atribuído à área em virtude dos quilombos aí existentes. “Além de ser verbo, é nome próprio, personativo feminino e também o nome de um ritmo religioso muito tocado, cantado e dançado, daí o bairro tomar o nome do ritmo frequente naquela área, sendo suas matas utilizadas pelos sacerdotes *quincongos* (SANTOS, 2010, p. 210, apud FREITAS e MOTA, 2014, p. 3).



Figura 19 – Lacabu, mãe de Bucala, colocando missangas em seu cabelo.  
Fonte: Nunes, 2019.

A primeira temática que escolhi relaciona-se ao estético e a maternagem. No livro, mostra dois momentos em que a mãe de Bucala, a personagem Lacabu<sup>42</sup>, uma mulher retinta, cabelo crespo, vestido amarelo e adereços dourados no pescoço, no braço e na orelha, cuida do cabelo da filha:

Sua mãe se chamava Lacabu e, quase toda manhãzinha, aconchegava a princesa entre as pernas - ela trançava o seu cabelo, com carinho, para formar a majestade de um reinado em sua cabeça. [...] sentindo os dedos macios de sua mãe Lacabu, colocando as mais belas missangas em sua coroa crespa de princesa” (NUNES, 2019, p. 3, 28).

No primeiro momento, a mãe trança o cabelo de Bucala e no segundo põe miçangas enquanto conversa e troca experiências com sua filha. Nesta narrativa a princesa é crespa e seu cabelo é como uma coroa, uma forma lúdica de abordar a estética capilar crespa, tão criticada e tratada socialmente de maneira jocosa e pelas indústrias de cosméticos que passaram a investir desde que isso tornou-se uma demanda, uma necessidade de um público, que agora exigia produtos para os variados tipos de cabelo crespo e cacheado.

O cabelo faz parte do perfil estético que compreende a identidade negra. Cada indivíduo tem uma relação muito particular com o seu cabelo, esta

<sup>42</sup> O nome da mãe de Bucala também é formado pelas mesmas sílabas de seu nome, La - Ca - Bu

relação é única, e se dá, através das suas experiências vividas desde a infância até a sua vida adulta (CLEMENTE, 2011, p. 6).

E falar sobre o cabelo do negro, que por tanto tempo foi subjugado das formas violentas, é falar também do projeto colonizador que através do racismo, da alienação e do complexo de inferioridade, imputou aos negros a destituição da consciência de sua beleza. A representação estética do povo afro-brasileiro das formas mais degradantes possíveis, certamente afetou as subjetividades desse povo.

O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam um lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias (GOMES<sub>2</sub>, 2003, p. 82).

O cabelo recobre a cabeça, o Ori<sup>43</sup>. E nela há o axé, a força vital. É nessa parte do corpo que o ser humano tem o centro de tudo, onde guarda o cérebro e também as emoções. Onde há a maior parte dos sentidos: A visão, o olfato, o paladar, o tato, a audição. É pela cabeça que uma pessoa é reconhecida ou não.

Não à toa, não deixamos qualquer pessoa tocar no nosso cabelo. O indivíduo ao receber cafuné, geralmente, é de uma pessoa querida de quem se gosta. E por que isso acontece? Quando se diz que cabelo é força, se está dizendo que o cabelo é também fonte de preconceito e de racismo. Em algumas sociedades, como a brasileira, talvez até mais do que o tom de pele.

A estética negra é um ato político. O estético, para o negro, é indissociável do político, porque, a partir do momento em que o corpo é um instrumento da estigmatização, da exclusão, o corpo também pode ser um instrumento da inclusão, da força, da representação. Esses movimentos culturais, e estéticos, e musicais, e políticos que ocorreram nos anos 1960, '70 e '80 acabaram resgatando texturas - textura crespa -, resgatando penteados – *black power*, *dreadlocks*, tranças africanas, tranças nagô. O corpo negro é Instrumento de comunicação.

Trago para essa discussão a personagem Mila, do livro “Esse Cabelo” (2017) da escritora portuguesa Djamilia Pereira de Almeida, vencedora do prêmio Oceanos de 2019, juntamente com os relatos das três quilombolas, sujeitos dessa pesquisa.

---

<sup>43</sup> ORI: Na tradição dos orixás, denominação da cabeça humana como sede do conhecimento e do espírito. Também, forma de consciência presente em toda a natureza, inclusive em animais e plantas, guiada por uma força específica que é o orixá (LOPES, 2011, p. 911).

Mila, é uma criança nascida na angolana, que cresceu em Portugal e sofreu muito preconceito por causa de seu cabelo, ela chega a dizer que:

O modo de os outros tratarem o meu cabelo simbolizou sempre a confusão doméstica entre o afecto e o preconceito, o que vem desculpando a minha falta de jeito para cuidar dele. Trato-o como faria uma angolana mais que falsa ou uma portuguesinha, pensarão os da casa (DE ALMEIDA, 2017, p. 47).

Ela não sabia o que fazer com o cabelo, pois não fora ensinada sobre isso, e inclusive não gostava dele, pois aprendeu a odiá-lo e essa é a realidade de muitas meninas brasileiras inclusive das três entrevistadas. A esse respeito, Hall (2006, p. 39) assevera que:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Todas elas alisavam/alisam o cabelo desde muito novas, utilizando dos mais variados procedimentos estéticos para esse procedimento. Helisana fez relaxamento no cabelo aos 9 anos de idade, após convencer seus pais que queria alisar:

E passei muitos anos fazendo alisamento no meu cabelo, alisamento permanente. No começo eu me sentia realizada, maravilhosa, tenho muitas fotos, muitos registros, por que eu realmente gostava. [...] Eu era mais aceita, recebia muitos elogios (Helisana, 19/08/2021).

Ela recebia essa aprovação social nessas tentativas de apagamento do cabelo crespo, pois o cabelo liso agrada mais a estética branca e eurocêntrica que dominou durante anos o olhar e gosto do brasileiro. Acontece o mesmo com Mila que relata que nasceu "com um grau distinto de paranoia, para o meu cabelo e ao mesmo tempo para uma ideia de mulher (DE ALMEIDA, 2017, p. 25).

A sua própria afirmação identitária era afetada por essa violência estética que recebia devido à reprovação social do seu cabelo. Helisana conta que achou muito importante ver no livro de Bucala os pais da criança afirmando sempre o quão bela a menina era, isso a lembrou quando estava em processo de transição e seus pais deram muito apoio e foi o que a fez continuar.

Helisana conta que deixou de alisar o cabelo em decorrência de um corte químico em várias partes do cabelo, após uma pintura mal sucedida: “Descobri no Youtube sobre a Transição Capilar, resolvi fazer, mas recebi muitas críticas [...] Me senti muito mal, feia, a autoestima baixa” (Helisana, 19/08/2021). Ela é evangélica e conta que quando estava na transição capilar, na qual teve que cortar o cabelo bem curto, foi tratada de forma indiferente onde congregava: “Não ganhava mais nenhuma oportunidade para pregar ou cantar [...] Tudo isso serviu pra me fazer amadurecer” (Helisana, 19/08/2021).

Apesar da grande dificuldade que foi esse processo, isso serviu como motivação para irmãs e tias de Helisana também passarem pela Transição Capilar. Na entrevista, ela estava de cabelo escovado devido um recente ensaio fotográfico que tinha feito para registrar fotos do barrigão de cinco meses de seu esperado filho, Gabriel.

De acordo com as falas delas, podemos refletir sobre o processo de construção da identidade negra, que elas como quilombolas, também tiveram que viver, por intermédio da Transição Capilar e fizeram deste ato um posicionamento político e de empoderamento, principalmente no que diz respeito à ressignificação de suas identidades como mulheres negras.

### 3.2.3 “Eu sou filha de um descendente direto de africano escravizado.” – Identidade quilombola

No começo da entrevista, Helisana contou o quão emocionada estava por ser mãe de primeira viagem aos 24 anos: “Agora já consigo saber um pouco mais quem eu sou, a mulher que eu sou, independentemente de estar com cabelo liso ou cacheado, eu sou a mesma pessoa, a minha identidade não muda” (Helisana, 19/08/2021).

É válido destacar a volubilidade da identidade apresentada por Hall, quando diz que

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram

expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2004, p. 38).

Ele prefere 'identificação' à 'identidade', por entender o movimento transitório e mutável da construção identitária. Uana, que está passando pela Transição Capilar, compartilha com voz enfática, enquanto segura suas tranças:

Nunca neguei a minha identidade por alisar meu cabelo. Eu ouvia: 'Ah, tu é uma negra que fica alisando o cabelo.' E eu: 'Sim, eu aliso meu cabelo, mas eu sou negra porque tá no meu sangue, eu sou filha de um descendente direto de africano escravizado. [...] Eu fiquei uma boa parte do meu tempo alisando meu cabelo, fazendo selagem. Agora eu estou num processo de transição, [...] vou me livrar da química, tem algumas químicas ainda na ponta (Uana, 20/08/2021).

Muito orgulhosa de suas origens, Uana responde que sua ascendência a faz negra independentemente de seu cabelo liso ou cacheado, e aproveitando essa deixa eu a questiono em qual momento ela se entendeu como uma quilombola e ela partilha que:

Apesar do despejo ter sido uma coisa bem ruim para minha família, foi com esse momento ruim que a gente descobriu que a ilha era um quilombo. Foi uma coisa ruim e ao mesmo tempo boa. [...] Por que até então, eu não sabia o que era um quilombola para te falar a verdade, aí depois do despejo do meu Tio Salvador, que a gente veio a se reconhecer (Uana, 20/08/2021).

O conflito territorial, que sempre existira, trouxe consigo um golpe, mascarado de despejo, que compeliu os quilombolas da comunidade ao retorno de sua memória coletiva (HALBWACHS, 2006) e conseqüentemente à sua história e identidade coletivas, para que não perdessem seu território.

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 2006, p. 51).

Neste momento a memória é imprescindível para a reconstituição do passado, seja o passado individual e/ou coletivo, sendo considerada um recurso fundamental para a apreensão da identidade e da história, pois:

Se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, descolar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho. (...) A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas (p. 53).

Após o despejo, houve uma alteração no processo de construção identitária da comunidade, pois todos são levados a repensar suas próprias jornadas e compreender-se agora, analisando suas vivências a partir de novas perspectivas. Assim, “Para a pesquisadora Anne Muxel, o trabalho da memória atua na construção da identidade do sujeito, é o ‘trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade’ [...]” (CANDAU, 2012, p. 16). E vinculo a este diálogo a visão de Maria Antonieta Antonacci sobre o conceito de 'Memórias ancoradas em corpos negros', pois ela analisa como memórias e experiências estão ligadas a corpos físicos e como isso pode ser visto de forma diferente entre diferentes etnias e culturas no decorrer do tempo.

[...] memórias ancoradas em experiências dos que só têm no corpo e em suas formas de comunicação heranças de seus antepassados e marcas de suas histórias. Em contínuos desterros, sem construídas séries documentais, vivendo e transmitindo heranças em performances, recursos linguísticos e artísticos, povos africanos pluralizam nosso alcance de acervos históricos, monumentos e patrimônios audiovisuais, situando a necessária arqueologia de saberes orais, a ser enunciada e valorizada (Antonacci, 2013, p. 17).

Antonacci examina as implicações desse conceito para os corpos pretos e como estas moldam suas identidades e suas perspectivas do mundo ao seu redor. Essas memórias podem ser usadas para empoderar pessoas negras ou, alternativamente, usadas como uma ferramenta de opressão.

E agora não se busca a reprodução do passado, pois “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: ‘a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo [...]’ (CANDAU, 2012, p. 9). Essa junção das diferentes memórias reconstrói o passado a partir das experiências e os benefícios dessa reconstrução do passado ficam expressos na fala de Uana:

É bom demais a gente saber da nossa origem. Eu sei da minha origem paterna lá dos meus tataravós até meus avós. Já da parte da minha mãe, eu não sei. Eu sei a linhagem da minha origem paterna todinha até a minha geração. Eu sou a quinta geração (Uana, 20/08/2021).

Jorgelene conta que desde sempre já sabia em seu íntimo que ela e sua família eram diferentes, nas palavras dela: “Eu já sabia dentro de mim, meu pai sempre contava histórias, então eu já me sentia negra” (Jorgelene, 20/08/2021). Jorgelene recebia oralmente de seu pai as narrativas ancestrais de sua família, e as carrega consigo.

Essa relação de troca entre pai e filha se conecta com a figura do pai de Bucala, o Calabu<sup>44</sup> - um homem negro retinto, cabelos crespos, de calça marrom e camiseta verde. O livro apresenta Calabu destacando o momento diário que ele tinha com sua filha, no qual ele a segurava pela cintura, a erguia ao alto “para brincar com as constelações e para beijar a formosa deusa celeste - a lua prateada” (NUNES, 2019, p. 7).

Enquanto as mães, sem dúvida, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de seus filhos, os pais não ficam atrás. Para uma menina, seu pai é uma referência confiável, é apoio e orientação em sua vida, alguém a quem ela recorre quando precisa de apoio e proteção. Inclusive, a figura do pai presente e emocionalmente disponível é de grande importância na estruturação psíquica e no desenvolvimento social e cognitivo da criança.

3.2.4 “Sinto sempre aquela sensação de que estou sendo olhada, que posso ser atacada.” – Os algozes

---

<sup>44</sup> O nome do pai de Bucala também é formado pelas mesmas sílabas de seu nome, Ca - La - Bu.



Figura 20 – Escravocrata representado no livro.  
Fonte: Nunes, 2019.



Figura 21 – Capitães-do-mato representados no livro.  
Fonte: Nunes, 2019.

A próxima temática, abordada a partir do livro, está relacionada aos algozes históricos dos povos quilombolas: “Dos homens que tinham em toda a sua pele tatuado um nome feio: Escravocratas”<sup>45</sup> (NUNES, 2019, p. 9) e os homens que “tinham um nome com o gosto acre da maldade escrito na testa - capitães do mato”<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Pessoas que possuíam escravizados; defensores da escravidão.

<sup>46</sup> A partir do século XVII, com o desenvolvimento do Quilombo dos Palmares, capitães-do-mato, os pobres e livres que caçavam escravizados fugitivos, tornaram-se cada vez mais populares no país. Além de caçar escravizados, os capitães também eram instruídos a destruir qualquer quilombo que

(NUNES, 2019, p. 18-20). A partir disso, indago-as acerca dos escravocratas e capitães do mato da atualidade e prontamente Helisana responde:

Os nossos escravocratas de hoje em dia são os fazendeiros, os policiais e os governantes. [...] Sinto sempre aquela sensação de que estou sendo olhada, que posso ser atacada. [...] A forma deles silenciarem a gente é com a ameaça constante da morte (Helisana, 19/08/2021).

A fala de Helisana ilustra o estado de vulnerabilidade que os quilombolas passam, fruto do enfraquecimento<sup>47</sup> das políticas públicas que asseguram os direitos territoriais quilombolas e isso os expõe a constantes episódios de violência, maximizados pelo racismo institucional (MELITO, 2018).

Para Jorgelene os fazendeiros também são uma ameaça: “Eles querem tirar a gente do território que é nosso. Não temos a segurança que deveríamos ter. Imagina viver com isso!?” (Jorgelene, 20/08/2021).

A falta de titulação e a ausência dos órgãos de segurança e fiscalização ambiental do Estado provocam o agravamento dos conflitos entre comunidades quilombolas e agentes degradadores do meio ambiente, como os criadores de gado, produtores de soja e os pescadores predatórios (TERRA DE DIREITOS, 2011, p. 12).

A titularidade do território quilombola garante a segurança e o bem-estar que os quilombolas necessitam para o acesso livre à terra e à cultura, economia solidária e sustentabilidade ambiental, por que a terra é o recurso capaz de viabilizar a produção e a liberdade econômica da comunidade. No entanto, esses territórios são alvo de interesse desses outros grupos sociais que são ameaças.

---

encontrassem. Apesar de ser uma profissão de baixo status, essa atividade era muito procurada por homens livres, negros e não negros que buscavam prêmios e outros benefícios para garantir seu sustento e de sua família. Temos essa definição no Dicionário Escolar Afro-brasileiro: “Capitão-do-mato: Individuo empregado pelos senhores rurais com o propósito de capturar, a laço ou tiro, escravizados (sic) fugidos” (DOMINGUES-LOPES, 2014, p. 58).

<sup>47</sup> E isso não é política atual, se observamos que desde a Constituição Federal de 1988, apenas 137 terras quilombolas foram tituladas no Brasil, em 33 anos, isso reflete a capacidade administrativa frágil da máquina estatal quanto a essa questão. Os resultados do monitoramento dos processos de regularização de territórios quilombolas e das titulações efetivadas pelo governo federal e estadual estão no Observatório de Terras Quilombolas da Comissão Pró-Índio de São Paulo disponíveis em: <[https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/?terra\\_nome=&situacao=269&ano\\_de=&ano\\_ate=&orgao\\_exp=0](https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/?terra_nome=&situacao=269&ano_de=&ano_ate=&orgao_exp=0)>. Acesso em: 27 out. 2021.

Para se referir aos algozes do quilombismo, Uana aponta duas personalidades políticas negras que têm distribuído constantes ataques ao patrimônio histórico e cultural da população negra:

Na verdade, a gente nunca se livrou dos capitães do mato, um exemplo disso é o presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, aquele homem nega todo tempo a existência do racismo. Fernando Holiday é [outro, ele é] um vereador de um município de São Paulo, e tem vários outros [como ele]. Eles negam o processo de dominação e exploração dos negros no Brasil e se posicionam [, por exemplo,] contra a política de cotas, dizendo que é uma política de vitimização dos negros, são meritocratas! O Presidente é uma pessoa bem racista, é outro escravocrata, ele é tudo de -ista: racista, machista, fascista... (Uana, 20/08/2021, acréscimos nossos).

No momento da entrevista para essa pesquisa, Sérgio Camargo ainda era presidente da Fundação Cultural Palmares<sup>48</sup>, porém em 11 de outubro de 2021 foi afastado do cargo devido denúncias de assédio sexual e perseguição ideológica a servidores da Fundação. Desde que assumiu o cargo, em 27 de novembro de 2019, tem ferido a Constituição Federal em sua gestão, por violações aos direitos humanos (MENDES, 2021).

Camargo foi gravado em 2020 atacando<sup>49</sup> um dos maiores líderes quilombolas, Zumbi dos Palmares, além de proferir ofensas contra o movimento negro, inclusive querendo retirar nomes de personalidades negras<sup>50</sup> do site da instituição e extinguir a celebração do dia da Consciência Negra. Desde sua entrada, tem colecionado episódios constrangedores, subvertido valores com um revisionismo histórico néscio, desestruturando a instituição, certamente obedecendo à política de extermínio do governo atual.

O vereador Fernando Holiday, atualmente do partido Novo – SP, foi outro citado por Uana, ele é negro, mas seus projetos são contrários aos recortes sociais

<sup>48</sup> A Fundação Cultural Palmares foi criada em 1988, oriunda do Centro de Estudos Afro-brasileiros, uma entidade criada em Brasília. Inicialmente a Fundação era vinculada ao Ministério da Cultura, sendo o primeiro órgão federal criado para promover, preservar e disseminar a cultura afro-brasileira. Atualmente faz parte do Ministério do Turismo. A fundação em seu regulamento tem o papel de “garantir assistência jurídica, em todos os graus, aos remanescentes das comunidades dos quilombos tituladas na defesa da posse e integridade de seus territórios contra esbulhos, turbações e utilização por terceiros”.

<sup>49</sup> GOMES, Pedro Henrique. Crítico de Zumbi dos Palmares, Sérgio Camargo chefiará comitê gestor da área onde fica memorial. Brasília. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/30/critico-de-zumbi-dos-palmares-sergio-camargo-chefiara-comite-gestor-da-area-onde-fica-memorial.ghtml>>. Acesso em: 26 out. 2021.

<sup>50</sup> Nomes importantes que ficariam de fora da lista com a mudança: Elza Soares, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Sandra de Sá, Martinho da Vila, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Leci Brandão, Marina Silva e Benedita de Jesus.

que está incluído. Ele já se opôs às cotas raciais em concursos públicos dando os argumentos mais obtusos e desprovidos de consciência histórica, o que lhe rendeu bastante críticas, entre outras polêmicas; o que mostra que não basta ser negro é preciso ter consciência sociorracial.

Eles são personagens políticas negras em papéis políticos que deveriam priorizar as pautas de seu povo, porém não estão honrando com suas raízes, na verdade com sua ancestralidade, e tendo em visto tantas necessidades do povo negro brasileiro atualmente, eles deveriam estar lutando para solucionar essas demandas sociais e não sendo contrários.

### 3.2.5 “Quando tomo banho nas águas do rio me sinto abraçada” – Espiritualidade



Figura 22 – Bucala em seu quilombo.  
Fonte: Nunes, 2019.

Em um outro momento da obra, Bucala está em um grande campo aberto em seu quilombo, com um pequeno pássaro de reluzentes penas vermelhas em suas mãos, o sol bem brilhante no céu e o autor descreve que “A natureza coroava todo o povo do quilombo do Cabula com a energia mais pura do universo, o axé<sup>51</sup> [...]” (NUNES, 2019, p. 11). Então pergunto a elas, o que lhes vem à mente, quando ouvem a palavra Axé e como elas praticam sua religiosidade. A fala de Uana traz uma reflexão:

<sup>51</sup> AXÉ - Termo de origem iorubá que significa a força que permite a realização da vida, que assegura a existência, que possibilita os acontecimentos e as transformações (LOPES, 2014, p. 35).

É diferente espiritualidade e religião. A espiritualidade é seguir uma autoridade interna, onde nós sabemos o que faz bem para nós e para os outros, por exemplo, é ser gentil com todos os seres, desde as pessoas até os animais, plantas. É falar e praticar a verdade, é cercar-se de boas intenções e pensamentos positivos. Essa nossa intuição vem do nosso interior, vem do divino, que é Deus (Uana, 20/08/2021).

Gentileza, respeito ao próximo e otimismo são valores que Uana transmite nessa fala, na qual ela define a cosmologia quilombola de forma orgânica, que vem de uma mulher com família parte evangélica e parte católica, sendo ela e seus pais católicos, assim como Jorgelene que é católica, mas muito interessada nas representações nas religiões de Matriz Africana “Aprendi muitas danças e cantos com Fátima” (Jorgelene, 20/08/2021).

Helisana é evangélica e sempre se sentiu conectada com a natureza, e a considera como uma entidade dotada de segredos e magia, ela diz: “Quando tomo banho nas águas do rio me sinto abraçada”. Helisana compartilha que percebe as expectativas das pessoas de fora da comunidade quando chegam no quilombo esperando encontrar o culto a orixás e pessoas de religiões afro-brasileiras, “Boa parte dos quilombolas da comunidade não moram na ilha e não são de religião de Matriz Africana. Isso é algo que assusta quem vem de fora (Uana, 19/08/2021).

A cultura afro-brasileira tem, entre suas características centrais, valores e princípios que demarcam elementos indispensáveis para a construção de modelos de desenvolvimento adequados às especificidades e necessidades das comunidades quilombolas. Dentre essas características, podemos destacar a centralidade na comunidade; o respeito à tradição; o alto nível de espiritualidade e o envolvimento ético; a harmonia com a natureza; a natureza social da identidade individual; a veneração dos ancestrais e a unidade do ser (KARENGA, 2003, s/p).

Não só isso diferencia a comunidade das demais, mas fatores como as características que mostram hábitos culturais indígenas no modo de fazer suas casas, a alimentação por intermédio do rio, a administração de pequenas roças, entre outros modos de sobrevivência indígenas.

Pode-se perceber que essas características demonstram modos de ser e de atuar no mundo. Determinam os modos de interagir com ele e de visualizá-lo, atuando também sobre as relações sociais, as relações com o meio ambiente e as relações com o metafísico, ou seja, com a própria existência (DOS SANTOS LACERDA; DA SILVA, 2018, p. 310).

Trata-se de um quilombo urbano afro-indígena, o que corresponde à realidade de outras comunidades quilombolas da região do Bico do Papagaio, possivelmente devido à proximidade com a zona urbana e a grande povoação indígena na região norte do estado do Tocantins. Dentre as comunidades quilombolas da região, estão os Carrapiché, Ciríaco e os Prachata, todas no município de Esperantina -TO.

### 3.2.6 “Fátima presente, Fátima semente!” - Maria de Fátima Batista Barros

“Ela era amor, era generosidade, era sorriso, era luz, era furacão e brisa”  
Helisana Barros<sup>52</sup>



Figura 23 – Fátima Barros

Fonte: Histórias da Ilha

A filha de Vicência Barros e Cantídio Barros, vinda do encontro de quebradeiras de coco e agricultores, de povos africanos, originários Apinajés e Araras, Maria de Fátima Batista Barros, lutou e defendeu sua ancestralidade principalmente no que diz respeito à questão do território e memória de seu povo.

Quilombola da Comunidade Ilha de São Vicente, foi a primeira de sua família a ingressar no ensino superior, onde concluiu a graduação e a pós-graduação. Foi voz ativa na militância junto a Articulação Nacional de Quilombos (ANQ), na

---

<sup>52</sup> Em entrevista à Ludmila Almeida (2021) no [www.favelaempauta.com](http://www.favelaempauta.com).

Comissão Povos do Cerrado do Conselho Regional do Tocantins, no grupo Carolinas Leitoras, de Marabá (PA), do Coletivo Dandaras do Mato, além de coordenadora do Coletivo de Jovens lideranças da Ilha de São Vicente (ALMEIDA<sup>3</sup>, 2021).

Fátima Barros pôde compartilhar um pouco de seus saberes durante uma aula da disciplina de Memória e Regionalidade, ministrada em agosto de 2020, à minha turma de mestrado, em um dado momento de sua fala, ela ratifica o porquê de muitas mulheres serem a voz e o rosto das lutas quilombolas e o porquê de serem as principais interlocutoras das narrativas de seu povo:

Grandes lideranças femininas quilombolas não são um fenômeno recente, mas sim um processo de memória histórica da luta quilombola, é a partir das mulheres sim. Somos nós que damos o tom da luta sempre, mas somos apagadas pelo patriarcado, por essa forma de pensar o mundo a partir do sujeito homem. Nós sempre estivemos nas trincheiras de luta e a partir das narrativas quilombolas femininas se deu a construção das identidades e das memórias do nosso território. Entretanto quem tem o direito de falar? Quem pode falar? As mulheres não podem, pois tem sua voz refutada, inclusive dentro dos nossos próprios territórios quilombolas. Me perguntam: 'Por que só você que fala?' Por que eu me importo muito, dou minha vida todo dia pra luta quilombola, toda minha energia foi canalizada para isso, minha vida foi entregue pra isso, pois é compromisso com meus antepassados, uma dívida de sangue, de honra de uma memória, de uma ancestralidade que me cobra todo dia. Eu ainda não sou livre para abandonar a luta quilombola, a gente vive a luta, a gente sofre essa luta, mas a gente também é guerra, a gente provoca também a guerra. Eu não trago o conflito, eu trago a possibilidade do debate, da voz dos que nunca foram ouvidos. Temos o nosso lugar de falar e reivindicamos nossos direitos a partir desse lugar, faremos nossa voz uma ferramenta de emancipação (BARROS, FÁTIMA, 2020).

Na maioria das culturas, seja no Brasil ou em muitos países africanos, essa prática oral de contação de histórias é realizada por mulheres, que são as responsáveis pela transmissão dos saberes ancestrais. No entanto, mesmo ocupando esse papel fundamental na manutenção de determinadas culturas, as mulheres são subalternizadas na representação social, impossibilitadas de ocupar a posição de contadoras de histórias devido ao viés sexista da literatura.

A autora indiana Gayatri Spivak em sua obra *Pode o subalterno falar?* (2010), contesta essa construção ideológica de gênero que mantém a dominação masculina: “Se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67). Essa “colonialidade do

poder” promove essa “violência epistêmica”, que aniquila sistemas transeculares de conhecimento dos povos colonizados (QUIJANO, 1999).

Fátima foi uma mulher que plantava e reafirmava identidade. À época da entrevista, com as sujeitas de pesquisa deste trabalho, havia cerca de quatro meses que Fátima tinha falecido e todas as entrevistadas resolveram deixar uma mensagem e contar algumas lembranças e/ou ensinamentos apreendidos na caminhada com Fátima. Jorgelene compartilha emocionada que:

A morte de Fátima pra mim foi como se me tirassem um pedaço! Ela que me deu todo apoio do mundo, sempre que eu precisava a Fátima estava ao meu lado, mesmo quando estava viajando. Para mim foi uma perda enorme! Se eu disser que não dói, eu estarei mentindo. [Ela] me ensinou a lutar sempre, a brigar mesmo pelos nossos direitos. Falar dela é fácil e ao mesmo tempo complicado porque dói (Maria de Fátima, 20/08/2021, acréscimo nosso).

Uana, por sua vez, destaca que Fátima era uma mulher que adorava compartilhar tudo que aprendia, e a denomina como “Mulher-acervo”, pois “A gente estava em constante aprendizado quando estava na presença dela. Fátima presente, Fátima semente!” (Fátima, 19/08/2021).

Helisana relembra o quão pesada era a rotina de sua tia Fátima, como liderança quilombola regional: “É uma luta bem difícil, pois ela vivia sendo ameaçada, me mandava mensagens, as vezes chorando, dizendo que estava preocupada, que estava recebendo ameaças, ela vivia muito sobressaltada.” Depois conclui: “Ela foi a representação do que nós queremos ser. Hoje a luta que fazemos é em prol de tudo aquilo que ela deixou e ela deixou muitos projetos. A gente vai continuar essa luta em nome dela e em nomes dos nossos, que já foram (Dandara, 19/08/2021).

Fátima dedicou sua história a reivindicar o direito à vida e ao território, entretanto, teve sua jornada de luta interrompida na manhã do dia 6 de março de 2021, aos 48 anos, após mais de 20 dias internada devido o Covid-19. Tornou-se uma semente e uma denúncia notória acerca da ineficácia das políticas públicas, no que diz respeito à garantia de vida, para as populações quilombolas na pandemia de Covid-19 no Brasil.

Em sua homenagem, a Universidade Federal do Tocantins (UFT), por intermédio do Observatório Feminista da UFT e com o apoio da prefeitura da cidade de Porto Nacional – TO, instalaram uma placa com o nome de Fátima em uma das

ruas da cidade que está situada na região central do estado do Tocantins, a 52 km da capital do Estado e a cerca de 700km de Araguatins.



Figura 24 - Placa de Rua Fátima Barros  
Fonte: G1-TO.

#### 4. RELATO METODOLÓGICO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-TECNOLÓGICA

A construção deste PTT foi tempo de aprendizados e também momento para autorreflexão. Aprendizados, pois a tarefa de elaborar um material técnico-pedagógico por si já é um desafio, sobretudo no que diz respeito a temática afro-diaspórica e antirracista, que mesmo com 20 anos da lei 10.639, o estudo da cultura e história afro-brasileira ainda não é trabalhado de forma transversal na sala de aula. Entendendo que em um país racista a educação deve ser antirracista constantemente, não é mais opcional trabalhar a questão racial em sala, mas sim, obrigatório.

Eu, como professor de línguas no ensino fundamental maior, não vejo durante o ano-letivo no ambiente escolar temáticas e práticas antirracistas eficazes serem trabalhadas em sala e fora delas. O que se vê é que em 20 de Novembro a instituição de ensino prepara alguma dinâmica coletiva para que haja reflexão sobre isto. Entretanto, durante todos os outros meses de aula, nada mais é discutido.

Por este e tantos outros fatores, que digo que a escrita deste PTT: Narrativas que Educam para a Ancestralidade: Propostas para Aulas de Literatura, foi também um momento de autorreflexão, sobre minha prática pedagógica: o que eu gostaria de encontrar em uma sequência que fosse de acordo com a realidade das escolas da região do Bico do Papagaio, por exemplo, e também como eu gostaria que fosse organizado e objetivo este livro, para que o professor tenha um material de fácil compreensão e bastante intuitivo.

Refleti também sobre a forma de ser e fazer escola, de acordo com minhas experiências de 11 anos como professor na região e 1 ano no estado da Bahia. Enquanto o escrevia, lembrava das bibliotecas pelas quais já passei, e todas tinham em comum o fato de serem depósitos de livros e lugares nada convidativos. Lembrei também que minha primeira experiência como professor na rede pública municipal de Imperatriz começou com aulas em bibliotecas, quando fiz o acompanhamento pedagógico de alunos do ensino fundamental menor e maior, pelo programa Mais Educação.

Posto isto, relembro que este PTT surgiu durante a pesquisa de campo, em um momento durante as entrevistas com uma das quilombolas, que me apresentou uma obra de literatura infantojuvenil escrita por si e com ilustrações feitas à mão por seu cunhado. O título da obra: Estuda, Zé! (Figura 24).

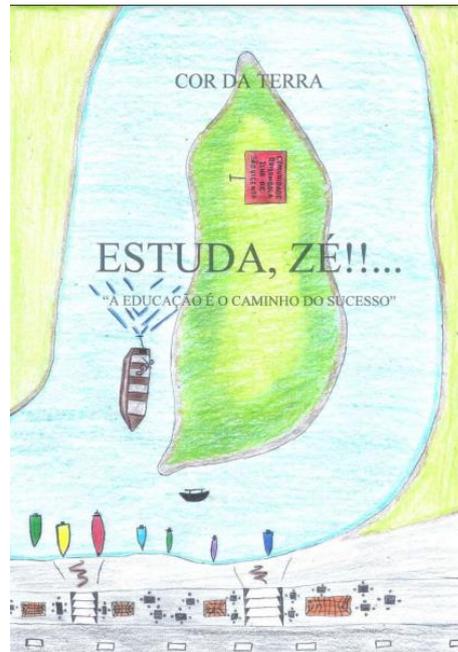


Figura 25 – Capa da primeira versão  
Fonte: O autor

Li a obra e achei uma preciosidade devida tamanha riqueza cultural contada de maneira lúdica, regional e leve. Decidimos então, que eu faria a revisão e edição da obra, e então produzimos a segunda versão, agora com ilustrações feitas em um aplicativo de celular (Figura 25).

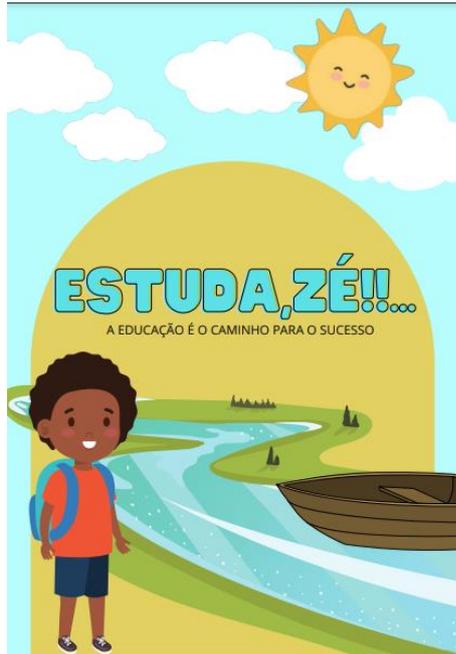


Figura 26 – Capa da segunda versão  
Fonte: O autor

A obra conta a história de duas crianças quilombolas, Maria e Zé e por intermédio da rotina destas crianças, são apresentadas as ricas vivências destes quilombolas. Uma das principais mensagens é ressaltar a importância de estudar e o livro mostra três ferramentas para manter-se 'sabido' como: ler livros, ser um bom aluno na escola e dedicar tempo para ouvir seus grãos. A obra se passa no quilombo Ilha de São Vicente e contém os hábitos e saberes destes quilombolas da região.

A proposta deste produto, fruto desta pesquisa, é destinada ao ensino de literatura afro-brasileira em turmas de 6o ao 9o ano do ensino fundamental, por intermédio das sequências didáticas que trabalham de forma organizada e interconectada (ZABALA, 1998, s/p) a obra *Estuda, Zé!* de Helisana Barros.

São sequências didáticas para aulas de 50 minutos, cada sequência tem uma temática geral e os conteúdos específicos, além dos objetivos, metodologia e avaliação delimitados. Nas referências há hiperlinks para cada conteúdo. Quanto aos procedimentos metodológicos, há uma divisão em Preparação, Execução, Revisão e Avaliação, já com a respectiva estimativa de tempo. A respeito das temáticas gerais, foram definidas quatro: 1) África - antes e depois do escravismo português; 2) Os Quilombos, ontem e hoje; 3) Costumes, comida e saberes da Ilha de São Vicente; 4) Colorismo e linguagem regional.

Nas próximas páginas estão as sequências didáticas construídas para serem trabalhadas nas aulas de língua portuguesa:

**NARRATIVAS  
QUE EDUCAM PARA A  
ANCESTRALIDADE:  
Propostas para aulas de  
Literatura.**

**Jeffrey Marley da Silva Miranda  
Lilian Castelo Branco de Lima**

**NARRATIVAS  
QUE EDUCAM PARA A  
ANCESTRALIDADE:  
Propostas para aulas de  
Literatura.**

**Jeffrey Marley da Silva Miranda  
Lilian Castelo Branco de Lima**

**1ª edição:  
2023**





# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	.....	<b>5</b>
<b>Leitura e Literatura na Escola</b>	.....	<b>5</b>
<b>Literatura Afro-Brasileira: Quilombos no Currículo Escolar</b>	.....	<b>9</b>
<b>Sala de Aula Invertida (Sai)</b>	.....	<b>12</b>
<b>A ESCRITORA</b>	.....	<b>15</b>
<b>A OBRA ‘ESTUDA, ZÉ!’</b>	.....	<b>17</b>
<b>SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ESTUDO DA OBRA ESTUDA ZÉ!!...</b>	.....	<b>19</b>
<b>Sequência Didática 1: Temática Geral: África - Antes e Depois do Escravidismo Português</b>	.....	<b>20</b>
<b>Sequência Didática 2: Temática Geral: Os Quilombos Ontem e Hoje</b>	.....	<b>24</b>
<b>Sequência Didática 3: Cultura, Culinária e Saberes da Ilha de São Vicente</b>	.....	<b>28</b>
<b>Sequência Didática 4: Colorismo e Linguagem Regional Utilizada</b>	.....	<b>32</b>

## **OS AUTORES**

### **Jeffrey Marley da Silva Miranda**

**Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL (2022). Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2014). Atualmente é Professor de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação de Axixá do Tocantins - TO, atuando no Ensino Fundamental II.**

### **Lilian Castelo Branco de Lima**

**Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2017). Possui Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2011) e graduação em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2001). Atualmente é professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão/UEMASUL e do Ensino Médio do Estado do Maranhão.**

# APRESENTAÇÃO

## Leitura e literatura na escola

Ou a literatura dá um sentido ao mundo, ou ela não tem sentido nenhum e o mesmo se pode dizer de nossas aulas (LAJOLO, 2004, p.13)<sup>53</sup>.

Caro(a) professor(a),

Este material educacional foi produzido a partir da pesquisa de mestrado - NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE: literatura, memória e identidade na percepção de quilombolas da Ilha de São Vicente – realizada por Jeffrey Marley da Silva Miranda, sob orientação da Prof. Dra. Lilian Castelo Branco de Lima. A pesquisa foi desenvolvida no Mestrado em Letras – pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL – Imperatriz/MA.

Neste livro há uma seleção de sequências didáticas para serem aplicadas em turmas de 6o ao 9o ano nas aulas de Língua Portuguesa ao se trabalhar o livro *Estuda Zé!* em 20 horas. As sequências didáticas são um sistema organizado e interconectado de atividades que são projetadas para permitir que os educadores transmitam conhecimento de maneira eficaz e sistemática (ZABALA, 1998).<sup>54</sup> Essas sequências são especialmente úteis ao ensinar um conteúdo complexo que pode ser difícil para os alunos compreenderem se for ensinado de uma só vez. A sequência didática é composta por uma série de intenções pedagógicas que são cuidadosamente planejadas, com cada etapa construída e interrelacionada com a anterior (OLIVEIRA, 2013). Além disso, é planejada de forma a garantir que qualquer preparação técnica necessária seja devidamente considerada.

O objetivo principal é fornecer uma progressão lógica de aprendizado que permita aos alunos desenvolver sua compreensão do assunto escolhido, desde o básico até os aspectos mais complexos. Desta forma, os docentes podem obter uma compreensão abrangente do material.

---

<sup>53</sup> LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. Editora Ática, 1993.

<sup>54</sup> De acordo com Zabala (1998), toda prática pedagógica exige uma organização metodológica para a sua execução.

Eu, como professor do Ensino Fundamental Maior a mais de 10 anos na rede pública tive a oportunidade de lecionar em estados do Norte e Nordeste do Brasil, como Tocantins, Maranhão e Bahia. Nestas experiências pude observar problemas comuns nas instituições por onde passei, desde de problemas de infraestrutura à problemas de formação docente e preparação adequada dos discentes para a leitura. As bibliotecas muitas vezes não têm estrutura adequada para apoiar os alunos em suas atividades literárias, e muitos alunos não leem por falta de motivação ou recursos. Além disso, os professores muitas vezes não têm tempo suficiente para ler, planejar e preparar atividades personalizadas para suas turmas, devido à pesada carga de trabalho que enfrentam e se forem mulheres complica ainda mais, pois muitas delas são mantenedoras de seus lares (BATISTA; LIMA, 2021) (MARCONDES, 2013)<sup>55</sup>.

Entendendo que até o século XIX, a cultura era privilégio da elite social, apenas após o século XX que houve a democratização da leitura e do ensino. A literatura é um bem imaterial que ajuda no exercício da liberdade (PERRONE-MOISÉS, 2019<sup>56</sup>, p. 27).

A democratização da leitura e do ensino no século XX foi um desenvolvimento incrivelmente significativo em termos de ampliação do conhecimento e da compreensão cultural. Antes desse período, a cultura era um privilégio da elite social com a maioria das pessoas sem acesso ao mesmo nível de conhecimento. A literatura, um bem exclusivamente incorpóreo, desempenhou um papel importante nessa democratização ao fornecer um meio para as massas obterem acesso ao conhecimento e à educação. A literatura trouxe a oportunidade de os indivíduos exercerem sua liberdade de maneiras não disponíveis anteriormente.

Além disso, a literatura forneceu um caminho para os indivíduos obterem uma visão do mundo ao seu redor, auxiliando no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico. Como tal, a literatura teve um impacto profundo e duradouro na maneira como os indivíduos interagem na sociedade.

---

55 BATISTA, Natielly da Silva; LIMA, Carlos Eduardo da Silva. Especial Ayabás: mulheres negras chefes de família. Orientador: Robson da Silva Braga. 2021. 34 f. TCC (Graduação em Jornalismo) - Curso de Graduação em Jornalismo, Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

MARCONDES, Mariana Mazzini Organizadora et al. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. 2013.

56 PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. Editora Companhia das Letras, 2016.

Quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê, Lajolo (2004, p.13) se refere ao fato de a falta de acesso à pluralidade cultural literária de seu país, privar os alunos da oportunidade de obterem uma maior compreensão do mundo. E essa falta de compreensão pode ter um impacto negativo, pois a leitura não só permite a aquisição de conhecimentos e a melhoria das competências de compreensão escrita, como também proporciona ao indivíduo o acesso a uma série de recursos culturais e educativos.

Da mesma forma, falar, ouvir e ver servem para expandir a consciência, a compreensão e a apreciação do mundo. Sem essas atividades, a capacidade de interagir e apreciar o mundo mais em sua forma mais ampla é reduzida. Assim, um indivíduo que não lê, mal fala, mal ouve e mal vê está perdendo oportunidades de compreender e apreciar melhor o mundo ao seu redor.

A leitura é um desafio complexo no mundo de hoje, onde somos constantemente bombardeados com distrações de nossos telefones celulares, computadores e outros dispositivos. Isso exige uma necessidade de adaptação à realidade social em constante mudança, como encontrar métodos alternativos de leitura de livros tradicionais de papel. Um desses métodos é o uso de telas, de dispositivos móveis como ferramentas de leitura; esses dispositivos têm a vantagem de serem altamente portáteis, tornando-os ideais para leitura em movimento.

Além disso, as telas móveis podem fornecer uma variedade de recursos que podem ajudar a aprimorar a experiência de leitura, como a capacidade de salvar, pesquisar e fazer anotações em texto, bem como acesso a diversos conteúdos multimídia. Isso pode fornecer uma experiência de leitura mais envolvente, permitindo que os leitores se envolvam ainda mais com seu material.

É preciso refletir sobre a estrutura do sistema educacional na esfera pública, para que se articulem meios de se trabalhar efetivamente a literatura em sala. Desde uma frutífera formação continuada aos professores, que de acordo com as minhas experiências como professor na rede pública, observei que elas eram de fato infrutíferas pois não correspondiam as reais necessidades da sala de aula, que poderiam ser conhecidas, em sua pluralidade, se o dialogo nas estâncias educacionais de fato acontecesse e quando se desse fossem tomadas medidas efetivas de melhorias.

A questão de infraestrutura escolar é certamente um outro fator responsável pelo não estímulo a leitura, tendo em vista, que muitas das bibliotecas das escolas

públicas não são estruturadas, não possuem bibliotecário, são ambientes não muito convidativos e com escassez de recursos (CAMPELLO, CALDEIRA, ALVARENGA, SOARES, 2012)<sup>57</sup>. Essa falta de cuidado com a coisa pública pode ser atribuída a vários fatores diferentes, como recursos limitados, restrições orçamentárias e falta de vontade política. Como consequência se tem à diminuição do desempenho do aluno, maiores taxas de evasão e uma diminuição geral na qualidade da educação fornecida aos alunos. Portanto, é fundamental que as escolas públicas recebam investimentos adequados as plurirealidades.

As escolas particulares, por sua vez, preocupam-se bastante com a infraestrutura da escola. Afinal, as condições do prédio, do terreno e dos recursos disponíveis para alunos, pais e professores indicam o nível de comprometimento e cuidado da gestão da escola. Consequentemente, a infraestrutura de escolas privadas deve ser capaz de fornecer efetivamente os recursos necessários, tanto físicos quanto educacionais, para garantir que os alunos recebam a educação da mais alta qualidade possível.

Refletir sobre as problemáticas relacionadas a como se dá a leitura no sistema educacional brasileiro significa avaliar a infraestrutura atual e buscar áreas e formas de melhoria para fornecer o ambiente de aprendizado mais eficaz e envolvente. (BARROCO, 2004)<sup>58</sup>

---

57 Campello, B. S., Caldeira, P. da T., Alvarenga, M., & Soares, L. V. de O. (2012). Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos?. *Biblioteca Escolar Em Revista*, 1(1), 1-29. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2012.106555>

58 BARROCO, José Alves. As bibliotecas escolares e a formação de leitores. 2004. Tese de Doutorado.

## Literatura afro-brasileira: Quilombos no currículo escolar

[...] A branca sambando rebola  
 A nega sambando faz ginga  
 A banca rezando é devota  
 A nega rezando faz mandinga  
 A branca escrevendo explica  
 A nega falando ensina

Eu vi essa branca no shopping  
 Eu vi essa nega na feira  
 A branca olhando é charmosa  
 A nega olhando faceira  
 Da branca eu sinto saudades  
 Da nega eu sinto banzeira'

Nego Bispo<sup>59</sup>

A literatura afro-brasileira é uma forma de literatura específica do Brasil e tem sido produzida por escritores afrodescendentes. Ele reflete a história e a cultura únicas da diáspora africana no país e oferece uma visão profunda da experiência africana no Brasil. Essa literatura existe há séculos, mas sua popularidade cresceu nas últimas décadas, à medida que o país se tornou cada vez mais diversificado e as vozes dos afro-brasileiros foram ouvidas mais amplamente.<sup>60</sup>

A literatura afro-brasileira geralmente assume a forma de contos, poesias e romances, e geralmente se concentra em temas como história, identidade, família e raça. É uma forma poderosa de expressão literária que fornece um espaço importante para pessoas de origem africana compartilharem suas histórias e

---

59 ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, o NÊGO BISPO, Líder quilombola pertencente a uma comunidade rural do Piauí, Bispo foi professor da disciplina Encontro de Saberes na UnB em 2012 e 2013 e pertence à rede de mestres docentes do Instituto. Possui ensino fundamental completo e faz parte da primeira geração da família da sua mãe que teve acesso à alfabetização.

60 O surgimento da literatura de autoria negra no Brasil remonta a meados do século XIX, porém, nas últimas décadas, tem havido um crescente interesse acadêmico por essa área crítica da literatura. Foi somente nas últimas três a quatro décadas que estudos críticos foram conduzidos para examinar e analisar as várias facetas dessa rica e importante tradição literária. Para mais informações: ZIN, Rafael Balseiro. LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA NO BRASIL: CONDIÇÕES E POSSIBILIDADES DE EMERGÊNCIA DE UM NOVO CAMPO DE ESTUDOS. Caderno Seminal, v. 29, n. 29, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/download/30978/23754>.

perspectivas (GOMES, 2019).<sup>61</sup> O impacto de sua escrita é sentido em todas as respectivas narrativas culturais e sociais do país. À medida que o campo da literatura de autoria negra brasileira continua a ser explorado, estudiosos críticos estão descobrindo a imensa contribuição dessa tradição diversificada e ancestral.

A literatura afro-brasileira serve como uma ferramenta poderosa para interromper o status quo, unindo política, cultura e outros aspectos do poder social. Para identificar e compreender adequadamente essa literatura, alguns elementos devem ser levados em consideração. De acordo com a pesquisa de DE ASSIS DUARTE; FONSECA; DE GODOY (2011)<sup>62</sup> na literatura afro-brasileira, em primeiro lugar, o discurso textual deve conter uma voz autoral afro-brasileira explícita ou implícita. Em segundo lugar, a literatura deve incluir temas e tópicos centrados na experiência afro-brasileira. Finalmente, a linguagem deve ser marcada por um tom afro-brasileiro, ou seja, a linguagem deve ser enquadrada de forma a refletir a experiência única do povo afro-brasileiro. A literatura afro-brasileira, portanto, é um ponto de vista único para ver o mundo, permitindo compreender as experiências daqueles que viveram as várias formas de luta, discriminação e marginalização no Brasil.

E este livro foca na análise de uma obra que retrata a dinâmica de um quilombo em contexto urbano da região do Bico do Papagaio, que corresponde ao Norte do Estado de Tocantins, Sul do Pará, e Sudoeste do Maranhão, está localizada na confluência dos rios Araguaia e Tocantins. É conhecida por sua imensa diversidade social sendo composta por uma miríade de povos, entre eles os indígenas, pequenos agricultores, colonos, pescadores, extrativistas, garimpeiros e artesãos, todos interligados e formando uma paisagem cultural única. Um dos marcos que atravessam a história desta região é a Guerrilha do Araguaia, ocorrida entre 1972 e 1975 no norte do atual Tocantins, no sul e sudeste do Pará e no oeste do Maranhão. (RAMOS, 2019).

Neste cenário, encontra-se a Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente, que representa um poderoso lembrete de um momento marcante da

---

<sup>61</sup> GOMES, Manoel Messias. Africanidade: contemporaneidade, cultura e educação. Revista Educação Pública, v. 19, nº 28, 5 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/28/africanidade-contemporaneidade-cultura-e-educacao>

<sup>62</sup> DE ASSIS DUARTE, Eduardo; FONSECA, Maria Nazareth Soares; DE GODOY, Maria Carolina. Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Editora UFMG, 2011.

história brasileira. Quilombos eram comunidades de escravizados africanos que escaparam de seus captores e buscavam refúgio nas florestas profundas do Brasil. A formação de quilombos foi particularmente importante durante os tempos da colonização portuguesa do Brasil, quando o comércio de escravos era desenfreado. O Quilombo de Palmares, localizado no atual município de União dos Palmares, Estado de Alagoas, surgiu no início da colonização e foi desmantelado, segundo a historiografia oficial, no ano 1695 (DOS SANTOS, 2015, p. 63).<sup>63</sup>

Essas comunidades eram refúgios para os escravizados, proporcionando-lhes a liberdade de criar seus próprios estilos de vida e cultura, muitas vezes caracterizados pela preservação e celebração das tradições africanas. Os quilombos do Brasil há muito são um símbolo importante das lutas dos escravizados africanos, e as quase 6 mil<sup>64</sup> comunidades remanescentes ainda hoje carregam o mesmo significado.

Os quilombos tiveram grande importância ao longo da história por representarem a força coletiva da população afro-brasileira frente à opressão. Eles não são apenas um lembrete da resiliência e do poder da população afro-brasileira, mas também fornecem uma visão única da história do país. Os quilombos oferecem uma compreensão de como os afro-brasileiros conseguiram sobreviver apesar das desumanas condições de suas experiências. Os quilombos não são apenas de grande importância histórica, mas também de grande importância cultural e social.

Por isso é preciso que haja institucionalmente a inclusão da literatura afro-brasileira em sala de aula, o que é uma tarefa desafiadora devido a uma série de fatores. Em primeiro lugar, há uma falta significativa de materiais didáticos apropriados. Isso se deve em grande parte ao fato de haver uma escassez de autores negros representados no sistema educacional tradicional.

Além disso, não é incomum que os professores não tenham o treinamento e o conhecimento antirracista necessários para integrar adequadamente a literatura afro-brasileira em seus planos de aula. Assim, é fundamental que haja um aumento da disponibilidade e acessibilidade de materiais didáticos, bem como o compromisso

---

<sup>63</sup> DOS SANTOS, Antônio Bispo. Colonização, quilombos, modos e significados. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa–INCTI. Universidade de Brasília–UnB. Brasília, 2015.

<sup>64</sup> Mais de 6 mil comunidades que esperam ser certificadas e tituladas em todo território nacional (CONAQ, 2022).

de fornecer aos professores as informações e recursos necessários para melhor facilitar a inserção dessa literatura na sala de aula.

Em sala de aula, uma educação antirracista deve incluir a temática das comunidades quilombolas como forma de fomentar a tolerância e o respeito. As comunidades quilombolas são uma parte única e importante da cultura e história afro-brasileira, e suas histórias devem ser compartilhadas para compreender-se a verdadeira pluralidade de suas experiências. Ensinar sobre os quilombolas pode ajudar a dissipar mitos e estereótipos.

Como pesquisadores, somos privilegiados e honrados por ter a oportunidade de poder difundir as narrativas desta comunidade para o mundo e esta obra é fruto deste ensejo.

## Sala de Aula Invertida (SAI)

A abordagem da Sala de Aula Invertida (SAI), em inglês: *flipped<sup>65</sup> classroom*, tornou-se cada vez mais popular nos últimos anos como um meio de melhorar o aprendizado e a retenção do aluno. Na década de 1990, o conceito de SAI começou a ser explorado, principalmente por pesquisadores das universidades americanas de Harvard e Yale. Em 2000, J. Wesley Baker aprofundou esse conceito com suas pesquisas e estudos inovadores<sup>66</sup> e então esse modelo foi adotado por algumas das mais prestigiadas e renomadas universidades dos Estados Unidos, como Harvard, Stanford, MIT e Duke.

O modelo de Sala de Aula Invertida (SAI) tem crescido em popularidade na América Latina, principalmente em países como Argentina, México, Colômbia, Peru e Chile, onde o conceito já foi adotado por diversas instituições de ensino. O modelo, que exige que os alunos revisem o material da aula antes da aula real, foi adotado por muitos educadores da região como um meio eficaz de fornecer aos alunos instrução mais personalizada em sala de aula.

No Brasil, a SAI é mais prevalente em instituições de ensino superior; no entanto, sua implementação ainda é consideravelmente subdesenvolvida quando

---

<sup>65</sup> Como verbo: sacudir. Como substantivo: sacudidela, arremesso, gemada, estalido, turbulência. Como adjetivo: irreverente, insolente, petulante.

<sup>66</sup> Baker, J. W. (2000). [The "Classroom Flip": Using Web course management tools to become the Guide by the Side.](#) In J. A. Chambers (Ed.), *Selected papers from the 11th International Conference on College Teaching and Learning*, pp. 9-17. Jacksonville, FL: Florida Community College at Jacksonville.

comparada a outros países latino-americanos. Isso pode ser atribuído ao fato de que o modelo requer um certo nível de infraestrutura tecnológica e treinamento de professores para ser implementado com sucesso em sala de aula. A SAI é um modelo de ensino híbrido e um dos tipos de Metodologia Ativa (MA).

Esse modelo tem várias vantagens, incluindo maior retenção de aprendizado, pois os alunos podem se envolver mais profundamente com o material por meio de seu próprio estudo independente. Além disso, a abordagem da SAI empodera o aluno como protagonista de seu próprio aprendizado, proporcionando-lhe a oportunidade de explorar o material à sua maneira (BERGMANN; SAMS, 2018<sup>67</sup>).

Ao inverter o modelo tradicional de sala de aula e fazer com que os alunos explorem o material fora da sala de aula, os instrutores podem usar o tempo de aula para abordar tópicos específicos, permitindo um ambiente de aprendizado mais interativo e envolvente. O modelo SAI pode ser uma ferramenta poderosa para escolas públicas que buscam incorporar uma abordagem de aprendizado mais personalizada.

Uma pesquisa<sup>68</sup> feita em um contexto escolar público de São Luís – Maranhão, nordeste brasileiro, (JUNIOR; MENDES; SILVA, 2016) mostrou que entre as principais vantagens da SAI com o auxílio das tecnologias digitais foram a oportunidade do conhecimento prévio a se estudar, e a flexibilidade de acesso ao conteúdo. O melhor aproveitamento do tempo em sala de aula e a maior participação-interação entre professor-aluno foram outros benefícios apontados.

O estudo de Felcher (2021)<sup>69</sup> em uma escola pública no Rio Grande do Sul, mostrou que no ensino de matemática a utilização do modelo SAI, foi muito significativo aos alunos daquela instituição, pelo fato de ter sido uma atividade diferenciada com o uso de aplicativos do celular.

A introdução da plataforma Google Forms na disciplina de língua portuguesa em escolas públicas de São Paulo, sudeste brasileiro, proporcionou um novo nível de autonomia e engajamento para os alunos, bem como tendo significativo impacto

---

<sup>67</sup> BERGMANN, J.; SAMS, A. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro, LTC, 2018.

<sup>68</sup> JUNIOR, João Batista Bottentuit; MENDES, A. G. L. M.; SILVA, N. M. Sala de aula invertida e tecnologias digitais: uma experiência numa escola pública em São Luís-MA. Revista Tecnologias na Educação, n. v. 18, p. 1-14, 2016.

<sup>69</sup> FELCHER, Carla Denize Ott et al. O uso da sala de aula invertida para ensinar polígonos. Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v. 12, n. 1, p. 1-18, 2021.

nos indicadores das avaliações externas realizadas pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. (SILVA; PESCE; VALERIO NETTO, 2018).<sup>70</sup>

Para garantir uma implementação bem-sucedida, é importante reservar um tempo para planejar e preparar todas as partes interessadas antes de começar. Os primeiros passos para a aplicação da SAI em um ambiente de escola pública são os seguintes: primeiro, é essencial alocar tempo suficiente para estudo e planejamento. Isso envolve pesquisar o modelo e determinar a melhor forma de implementá-lo na escola específica.

Em segundo lugar, os professores devem ser treinados para entender o modelo, seus benefícios e as novas responsabilidades que assumirão como mentores. Em terceiro lugar, os alunos devem estar preparados para se apropriarem de sua aprendizagem e serem participantes ativos no processo e isso se dá com a compreensão que ele é o sujeito da sua aprendizagem. Em quarto lugar, os professores precisam entender as necessidades e os interesses de seus alunos. Ao fazer isso, eles podem criar conteúdo relevante e envolvente para os alunos, além de garantir que o material seja acessível e compreensível para todos. Além disso, os professores devem avaliar periodicamente a compreensão de seus alunos sobre o material, aplicando testes e fornecendo feedback.

---

<sup>70</sup> SILVA, M. I. O. da; PESCE, L.; VALERIO NETTO, A. Aplicação de sala de aula invertida para o aprendizado de língua portuguesa no ensino médio de escola pública. **Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 100–119, 2018. DOI: 10.20396/tsc.v5i1.14728. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tsc/article/view/14728>. Acesso em: 13 dez. 2022.

## A ESCRITORA

Eu sou Helisana Barros dos Santos Monteiro, remanescente quilombola, tenho 25 anos. Meu sobrenome 'Barros' vem do meu pai que é remanescente quilombola da Ilha de São Vicente, ele vem de uma linhagem dos Barros; 'Santos' vem da minha mãe, a família dela veio do sul do Brasil; E 'Monteiro' é do meu marido. Esses três sobrenomes pra mim são muito importantes e por isso eu sempre os ressalto.



Desde pequena fui incentivada à leitura e a entrar na Universidade, e isso fez toda a diferença na minha vida! Ao conversar com a minha avó paterna, Vicência Barros, eu vejo nela a sede quando fala que queria ter tido a oportunidade de estudar, vejo esta mesma sede nas minhas tias-avós e meus tios-avôs. Sempre estudei em escola pública e ao terminar o ensino médio consegui a aprovação no curso de Licenciatura em Computação, no Instituto Federal do Tocantins (IFTO).

Por intermédio das ações afirmativas eu entro na Universidade por cotas direcionadas à quilombolas e pude ter acesso ao programa de Bolsa Permanência, um programa que desde 2013 ajuda estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica, das instituições federais de ensino superior do país. Esses jovens que entram e não tem apoio financeiro para estudar acabam por desistirem, por não terem condições de se dedicar apenas aos estudos. Através da minha entrada eu consegui motivar outros jovens de minha comunidade a também cursarem uma universidade e hoje vejo as mudanças que eles obtiveram em suas vidas por terem se dedicado aos estudos.

Muita coisa mudou em minha comunidade após a entrada dos membros da comunidade na Academia, a comunidade foi crescendo e amadurecendo sociopoliticamente. E mudanças começaram a acontecer, como a criação de uma

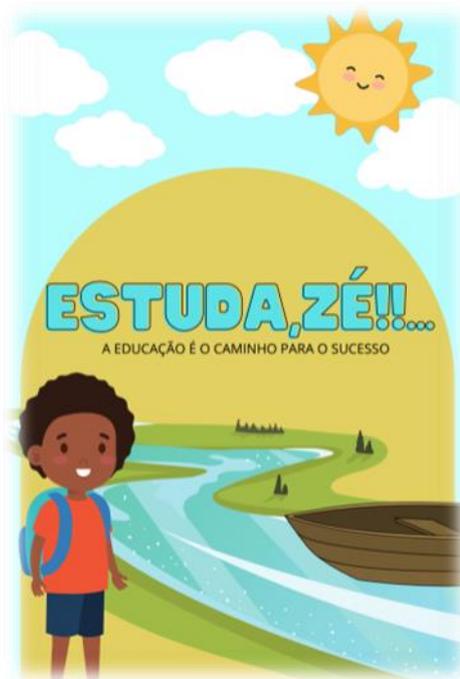
Associação da comunidade, pois até então, éramos uma comunidade quilombola e nem sabíamos. Naquele território nos reconhecíamos apenas como uma família que ali muito tempo estava, a partir da criação da nossa associação, nos articulamos para exigir o que é nosso por direito: como Escola Quilombola em nosso território, energia elétrica, água tratada, acesso ao sistema de saúde e o direito garantido de ir e vir, entre outras questões. Entender a sua origem faz você se enxergar em um novo lugar e desejar alcançar os espaços que lhe foram negados.

Em minha vida, eu passei por vários processos no entendimento de quem eu era, escolhi durante toda a infância e adolescência alisar o meu cabelo, para sentir-me aceita na escola, e escondi minha identidade de remanescente de escravizados por sentir vergonha. Quando deixei o meu cabelo voltar ao seu estado natural era como se eu estivesse voltando a ser quem eu sou, e poder falar da minha família de suas memórias e ancestralidade é algo que me orgulha muito e me motiva a seguir em frente.

## A OBRA ‘ESTUDA, ZÉ!’

Bem-vindo ao fascinante mundo das comunidades quilombolas localizadas na região do Bico do Papagaio! Estuda, Zé! é a primeira obra escrita de Helisana Barros, em sua primeira edição continha ilustrações feitas à mão, já nesta 2ª edição ele ganha as ilustrações feitas digitalmente por intermédio de um aplicativo de celular.

A Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente é apenas um exemplo da diversidade de vida encontrada no Brasil. Essa comunidade é formada por afrodescendentes que sofreram séculos de escravização, mas que ainda conseguiram preservar sua cultura e tradições, apesar das adversidades.



A educação é a chave do sucesso, e para Zé – uma criança negra da comunidade quilombola Ilha de Vicente, – não seria diferente. Apesar de ter crescido numa comunidade marginalizada, o Zé soube reconhecer o valor do trabalho árduo, da dedicação e da educação na sua vida.

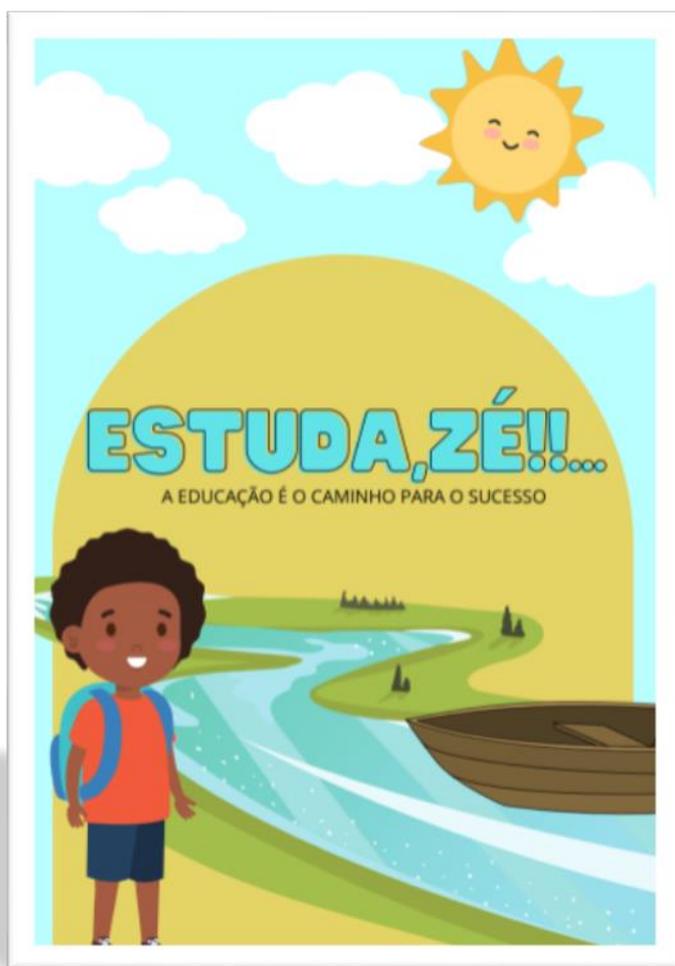
Graças ao apoio inabalável de sua família e de uma mentora incrível - Maria, Zé conseguiu entender a importância de estudar e como isso poderia melhorar sua vida. A mentora do Zé serviu-lhe como fonte de inspiração e apoio. A história de Zé nos lembra que a educação é um direito humano fundamental e que, com os recursos e oportunidades certas, qualquer um pode ter sucesso.

Este livro chama a atenção para uma fuga dos estereótipos e do pragmatismo, destacando a importância da literatura. À medida que as crianças se desenvolvem, procuram maneiras de expressar sua imaginação e sentimentos. É por isso que a literatura é tão importante pois dá-lhes a oportunidade de descobrir e explorar diferentes pontos de vista, de moldar as suas próprias identidades e de compreender o mundo.

Este livro oferece às crianças um caminho para escapar dos estreitos limites da realidade e explorar o poder da imaginação. Muito mais do que apenas entretenimento, a literatura pode expandir a visão de mundo de uma criança e incentivá-la a se aventurar em lugares onde talvez não tivesse oportunidade para isso fazer.

Quando uma criança lê livros afrocentrados, ela consegue se visualizar como protagonista da história. Isso ajuda a criar um sentimento de orgulho e identidade, e também pode ajudá-los a se sentirem mais conectados à sua cultura. Ler histórias que apresentam personagens que se parecem com seus pais e familiares pode ser especialmente benéfico.

**SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS  
PARA O ESTUDO DA OBRA  
ESTUDA ZÉ!!...**



## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1:**

### **TEMÁTICA GERAL: ÁFRICA - ANTES E DEPOIS DO ESCRAVISMO PORTUGUÊS**

Esta parte é introdutória e necessária por entender que os alunos precisam desta base histórica sobre a ancestralidade africana e suas influências no Brasil, para que quando estiverem analisando a obra *Estuda Zé!!*, o façam entendendo esta perspectiva histórica, que institucionalmente foi omitida no currículo e discussão escolar. A educação escolar antirracista deve pontuar as problemáticas históricas para que se entenda o contexto atual, e que os eventos e circunstâncias do passado criaram o racismo sistêmico e a desigualdade sociocultural que há hoje no Brasil.

Assim, nesta fase estudaremos sobre estudaremos sobre como o mundo e o continente africano se encontra até 1530, os motivos que levaram os portugueses em 1444 a começar a adquirir escravizados negros no Sudão, com a exploração da costa da África e a colonização das Américas. E estudar sobre a Cultura Ancestral Africana, sua História e Conhecimento Oral dará aos alunos uma visão maior sobre a riqueza multicultural dos povos africanos que vieram para o Brasil.

Examinaremos o sistema de navios negreiros que foi responsável pelo transporte de milhões de pessoas do continente africano para as Américas, bem como o sistema escravista que foi concebido para manter os escravizados em posição de servidão. Adicionalmente, consideraremos o quilombismo, que foi uma forma de resistência praticada por escravizados fugitivos que buscavam estabelecer comunidades livres e se opor às forças opressoras do sistema escravista. Por fim, analisaremos o processo de Abolição da Escravatura, que foi o ato de acabar oficialmente com a escravização do povo negro no Brasil e suas variadas etapas.

Ao aprender sobre as contribuições únicas da cultura africana para os vários aspectos da cultura brasileira, podemos obter uma apreciação mais completa da diversidade cultural brasileira e do papel integral da cultura africana dentro dela. Sua influência é visível na arte, música, comida, religião, moda, engenharia, linguagem e costumes, e etc. Na arte, por exemplo, a arte africana é caracterizada por suas cores vibrantes, formas e padrões ousados e representações simbólicas da cultura

africana. A música africana é caracterizada por uma grande variedade de ritmos, melodias e instrumentos que são frequentemente usados para transmitir mensagens de celebração, protesto e luta.

## PLANEJAMENTO

<p>TEMPO ESTIMADO</p> 	<p>5 horas/aula de 50 minutos</p>
<p>CONTEÚDOS</p> 	<p>Cultura Africana Ancestral, História Oral, Saberes, Navio Negreiro, Sistema escravista, Quilombismo, Abolição Da Escravatura, Legado Cultural Africano e sua influência na Arte, Música, Comida, Religião, Moda, Engenharia, Língua e Costumes.</p>
<p>OBJETIVOS</p> 	<p>Obter uma maior compreensão da longa e complexa história do povo africano e sua experiência coletiva até sua chegada ao Brasil.</p>
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> 	<p>Para a execução desta aula, o professor deve dividir a turma antecipadamente em grupos para que eles possam fazer a pesquisa e uma breve apresentação expositiva das temáticas presentes nos conteúdos acima. Após essa exposição, será feito um debate utilizando a técnica GV-GO, para estimular a argumentação e a síntese das contribuições individuais.</p>
<p>AVALIAÇÃO</p> 	<p>Observação das contribuições individuais de cada aluno e seu posicionamento crítico (ou não) sobre os temas apresentados e sobre as opiniões dos colegas. E responder ao questionário (Sintetizador).</p>
<p>REFERÊNCIAS</p> 	<p><a href="#">Como Eram As Sociedades Da África Subsaariana Antes Da Chegada Dos Europeus</a> , <a href="#">África Pré-Colonial</a> , <a href="#">Fim Do Tráfico De Escravos Africanos</a> , <a href="#">Cultura Afro - Brasileira</a> , <a href="#">Evolução Histórica da CULTURA AFRO-BRASILEIRA</a> , <a href="#">navio-negreiro</a> .</p> <p>Vídeo: <a href="#">Congado: Legado Cultural Africano No Brasil</a>,</p>



## Como desenvolver

### 1 – PREPARAÇÃO (1 AULA)

O professor deve distribuir cuidadosamente de forma heterogênea seus alunos em grupos separados, atribuindo a cada grupo a responsabilidade de realizar pesquisas preliminares sobre o assunto em questão, elaborando posteriormente um conjunto de slides que servem para ilustrar e elucidar suas pesquisas<sup>71</sup>. O professor divide no decorrer das 4 aulas, duas temáticas por aula, para que haja tempo de explanação das duas temáticas e mais tempo para debate.

### 2 – EXECUÇÃO (2 AULAS)

Cada grupo apresenta por cerca de 15 minutos (o que corresponde ao tempo de preparar material de apresentação e desmontar), e os 20 minutos restantes destinam-se para a discussão utilizando a técnica GV-GO.

Sugestão de divisão de temáticas:

- 
- 1- Cultura Africana Ancestral

---

  - 2- História oral e Saberes africanos

---

  - 3- Navio Negreiro

---

---

<sup>71</sup> Ao permitir que seus alunos explorem o assunto dessa maneira, o professor é capaz de promover um ambiente de investigação e aprendizado independente, permitindo que eles obtenham maiores percepções sobre o assunto. Além disso, esta abordagem de ensino também serve para equipar os alunos com habilidades necessárias para serem capazes de pesquisar de forma autônoma e apresentar um tópico de forma eficaz no futuro.

- 
- 4- Sistema escravista
- 
- 5- Quilombismo
- 
- 6- Abolição da Escravatura
- 
- 7- Legado Cultural Africano e sua influência na Arte, Música, Comida, Religião, Moda, Engenharia, Língua e Costumes.
- 

Após essa exposição, será feito um debate utilizando a técnica de estudo de texto GV-GO (GV = grupo de verbalização; GO = grupo de observação), para estimular a argumentação e a síntese das contribuições individuais (ANASTASIOU; ALVES, 2004)<sup>72</sup>. Neste exercício, dois grupos serão formados - um círculo interno (GV) e um círculo externo (GO). O GV irá debater o tema em questão, enquanto o GO irá observar e tomar notas. Decorrido o tempo estipulado, o moderador (que pode ser o professor ou outro aluno encarregado) ordenará a inversão dos dois círculos, deslocando assim o círculo interno para fora e o círculo externo para dentro. Após o término das discussões, o moderador poderá apresentar um resumo do assunto debatido - este resumo pode ser chamado de "sintetizador". Este sintetizador fornecerá uma visão geral da discussão, permitindo que todos os participantes obtenham uma melhor compreensão do tópico (SANTOS; BAZANI; SANTOS, 2021)<sup>73</sup>.

### **3 – REVISÃO (1 AULA)**

Após as apresentações, o professor solicita aos alunos a produção escrita do sintetizador de cada grupo juntamente com 10 questões elaboradas. Esta síntese deve incluir quaisquer informações, referência ou opiniões que tenham sido compartilhadas com a classe.

### **4 – AVALIAÇÃO (1 AULA)**

---

<sup>72</sup>ANASTASIOU, L.G.C., ALVES, LP. Processo de Ensino na Universidade Pressupostos para as Estratégias de trabalho em aula. Joinville, 5 ed.67-98p. Santa Catarina-SC. 2004

<sup>73</sup> SANTOS, G.C., BAZANI, C.L., SANTOS, D.L.J.S. Grupo de Verbalização e Grupo de Observação: Percepção de Alunos de Ciências Contábeis. Revista Mineira de Contabilidade, v. 22, n. 1, art. 7, p. 96 -108, janeiro/abril. 2021.Disponivelem: <https://revista.crcmg.org.br/rmc>. Acesso em: 14 março 2022.

Cada grupo recebe um sintetizador de outro grupo da sala, para fazer a resolução das questões. Quando estas estiverem respondidas devem entregar ao grupo responsável pela apresentação, para que façam a pré-correção. Concluída a pré-correção, a síntese será então repassada ao professor para avaliação final e nota.

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2:**

### **TEMÁTICA GERAL: OS QUILOMBOS ONTEM E HOJE**

Nessa etapa de aprendizagem, o professor trabalha com os alunos o entendimento do que são as comunidades quilombolas remanescentes, termo usado para descrever os descendentes diretos dos escravizados africanos que residem em território que anteriormente era conhecido como Quilombo. É importante não apenas entender a história das comunidades quilombolas, mas também estar ciente de seus atuais confrontos territoriais.

Esses embates se devem ao fato de muitas dessas comunidades estarem localizadas em áreas desejadas pelo agronegócio, especulação imobiliária e pelo próprio poder público. Muitas vezes, as comunidades quilombolas carecem de recursos e apoio para defender seus territórios, levando ao seu deslocamento. É fundamental que os alunos entendam este contexto que os remanescentes estão inseridos.

Nesta fase é momento adequado para apresentar as comunidades da região do Bico do Papagaio utilizando informações visuais e textuais; especialmente da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente. Isso envolve orientar os alunos a obter um conhecimento mais abrangente das histórias, culturas e costumes das comunidades da região.

Além disso, o professor deve também ajudar os alunos a identificar os significados das várias práticas tradicionais e heranças culturais destas comunidades, a saber há quatro comunidades quilombolas na região do Bico do Papagaio: Ilha de São Vicente, Carrapiché, Prachata e Ciríaco.

## PLANEJAMENTO

<p>TEMPO ESTIMADO</p> 	5 horas/aula de 50 minutos
<p>CONTEÚDOS</p> 	As Comunidades Quilombolas Remanescentes, seus embates territoriais, os quilombos na região do Bico do Papagaio e a Comunidade Ilha de São Vicente.
<p>OBJETIVOS</p> 	Conhecerem comunidades quilombolas da região do bico do papagaio para desmitificar, aprender,
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> 	Os alunos são divididos em 4 grupos, cada grupo fica responsável por assistir a um curto documentário de até 15 minutos sobre uma comunidade quilombola do Tocantins e Maranhão; e responder a um questionário previamente construído pelo professor com perguntas sobre o documentário assistido pelo grupo.
<p>AVALIAÇÃO</p> 	Produção escrita e resolução de questionários.
<p>REFERÊNCIAS</p> 	<p><a href="#">Prosa e História Comunidade Ilha de São Vicente - To</a></p> <p><a href="#">Rota do Sal Kalunga - Quilombo Kalunga Documentário</a></p> <p><a href="#">JALAPÃO - Quilombo Mumbuca e o Capim Dourado</a></p> <p><a href="#">Guardiões de Santa Rosa/</a></p>



## Como desenvolver

### 1 – PREPARAÇÃO (1 AULA)

Os alunos são divididos em 4 grupos, cada grupo fica responsável por assistir a um curto documentário de até 15 minutos sobre uma comunidade quilombola do Tocantins e Maranhão; e responder a um questionário previamente construído pelo professor com perguntas sobre o documentário assistido pelo grupo.

Sugestão de documentários:

---

Prosa e História Comunidade Ilha de São Vicente - To<sup>74</sup>

---

Rota do Sal Kalunga - Quilombo Kalunga Documentário<sup>75</sup>

---

JALAPÃO - Quilombo Mumbuca e o Capim Dourado

---

Guardiões de Santa Rosa<sup>76</sup>

---

### 2 – EXECUÇÃO (2 AULAS)

Após cada grupo concluir a resolução dos questionários, o professor orienta-os a redigirem digitalmente uma síntese individual do documentário que assistiram com até dez *screenshots* de partes consideradas relevantes pelo aluno.

Quando todos os textos forem entregues, será feita uma seleção dos melhores e estes textos serão agora destinados a outros grupos para fazerem a leitura e por meio desta leitura, responderem ao mesmo questionário que os alunos que assistiram responderam. Isto é, o grupo A que assistiu o documentário A1,

---

<sup>74</sup> Prosa e História Comunidade Ilha de São Vicente – To. Disponível em: <https://youtu.be/BKoxmqXtD6M>

<sup>75</sup> Assistir aos 20 minutos iniciais deste documentário sobre a expedição à remo pelos rios Paranã e Tocantins, partindo das terras quilombolas Kalunga, na região da Chapada dos Veadeiros - GO, até Belém do Pará.

<sup>76</sup> Na comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos, no interior do Maranhão, líderes comunitários lutam para preservar as tradições e memórias de seu povo.

responderá questões escritas sobre este A1 e entregará ao professor, em seguida fará um texto-síntese sobre A1. Logo depois haverá uma troca. O grupo A receberá o texto-síntese, por exemplo, do grupo B, juntamente com as questões que o grupo B teve que responder sobre o documentário B1 que assistiram. E vice-versa.

### **3 – REVISÃO (1 AULA)**

Isso servirá para os alunos exercitarem a capacidade de categorizar e sintetizar informações para um específico público-alvo, que neste caso serão seus colegas de sala.

Após esta troca acontecer entre todos os grupos, e eles tiverem lido os outros três textos, e respondido seus respectivos questionários, será feita a exibição do documentário que mais apeteceu aos alunos.

### **4 – AVALIAÇÃO (1 AULA)**

A produção escrita individual dos textos-sínteses, a resolução dos questionários.

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3:**

### **CULTURA, CULINÁRIA E SABERES DA ILHA DE SÃO VICENTE**

As escolas são instituições vitais da sociedade, pois servem como um local de diversidade e convivência. Dessa forma, eles desempenham um papel importante na formação de cidadãos e na sua capacidade de se engajar na educação antirracista. Ao abraçar a diversidade e promover um ambiente de respeito e compreensão, as escolas criam um espaço seguro para os indivíduos aprenderem e crescerem.

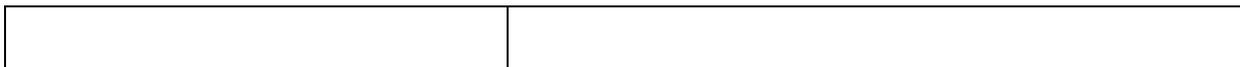
Isso é alcançado por meio do desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas e comunicação eficaz, necessárias para o diálogo e a colaboração bem-sucedidos. Além disso, as escolas são responsáveis pela promoção da educação antirracista, que envolve ensinar os alunos a reconhecer e desafiar o racismo sistêmico e seus efeitos perniciosos na sociedade.

A inclusão de pautas afirmativas no currículo escolar é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de competências interculturais entre alunos de diferentes origens étnicas. Esta abordagem promove a ampliação do debate sobre a diversidade e incentiva o reconhecimento de sua identidade, autoaceitação e o resgate cultural da ancestralidade.

No livro são mencionadas algumas comidas e bebidas como: Suco de acerola, Peixe, arroz, farofa com ovo, cuscuz com leite e na sequência vamos questionar aos alunos se na rotina semanal deles há este tipo de comida que é abordado na história.

## PLANEJAMENTO

 <b>TEMPO ESTIMADO</b>	5 horas/aula
 <b>CONTEÚDOS</b>	Comidas típicas do Bico do Papagaio de origem afro-brasileira.  Aspectos culturais da comunidade quilombola Ilha de São Vicente
 <b>OBJETIVOS</b>	Conhecer as comidas da região que são de influência africana  Revisar o gênero textual Receita
 <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	Leitura do livro até a página 16  Slides com imagens dos pratos típicos da região  Receitas de comidas impressa para recorte
 <b>AVALIAÇÃO</b>	Observação no desenvolvimento das atividades e conclusão das atividades feitas.
 <b>REFERÊNCIAS</b>	<a href="#">Comidas de rua: patrimônio, cultura e identidade local no norte do Tocantins</a>  <a href="#">Comida quilombola: conheça as características</a>  <a href="#">Receita – um gênero discursivo</a>  <a href="#">Histórias para alimentar a alma brasileira</a>



## Como desenvolver

### 1 – PREPARAÇÃO (1 AULA)

O professor prepara e organiza um documento no *power point* com as imagens das comidas e bebidas que foram citadas no livro, como: Suco de acerola, Peixe, arroz, farofa com ovo, cuscuz com leite, assim como comidas nacionalmente conhecidas como de influência africana para as menos conhecidas.

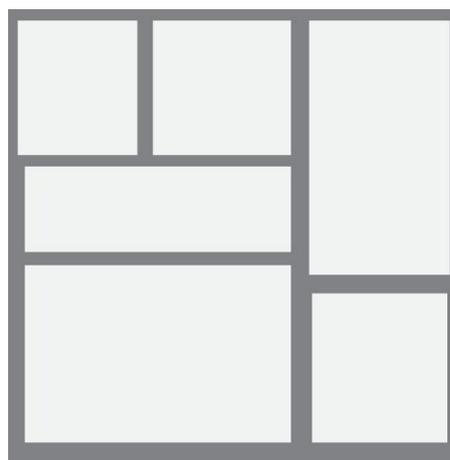
### 2 – EXECUÇÃO (3 AULAS)

No início da aula, os alunos são questionados sobre qual é o típico café da manhã em suas casas, quem os prepara, quais elementos utilizam, se estes elementos são comprados ou produzidos pela própria família, os alunos são provocados também a cerca de como quais produtos que eles ingerem podem ser plantados em casa e como se dá este processo.

Após, esse aquecimento, o professor introduz a temática de forma mais concisa, agora apresentando a riqueza cultural que a culinária de um país apresenta e as influências da negra africana escravizada no Brasil colonial na culinária. O professor elenca os pratos de influência africana nacionalmente conhecidos para os mais desconhecidos, e os exibe nos slides.

Após isso os alunos iniciam a leitura do livro juntamente com o professor da página 4 até a página 16. Discutem sobre os aspectos que mostram a identidade e rotina deste povo e então, são questionados sobre a temática alimentação no livro. São levados a procurar no livro os trechos que contém, comida e bebida.

Após elencar estes dados, o professor exibe a imagem destas comidas, juntamente com suas receitas. E os alunos recebem em grupo algumas das



receitas com a seção Modo de preparo dividida em passos, recortados um a um e embaralhados para o grupo colocar o passo a passo da receita em ordem. Para uma aula posterior, o grupo fica responsável pela produção daquele prato e trazer na próxima aula para deleite de todos.

### **3 – REVISÃO (1 AULA)**

Na aula onde os alunos trazem os pratos típicos presentes no livro, eles são levados a identificarem os elementos que foram utilizados na produção de cada prato e devem fazer o registro por escrito.

### **4 – AVALIAÇÃO**

Deverá ser participativa, levando em conta os aspectos qualitativos e quantitativos do aluno, no desenvolvimento das atividades em grupo e na resolução das atividades propostas.

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4:**

### **COLORISMO e LINGUAGEM REGIONAL UTILIZADA**

O termo colorismo foi introduzido pela primeira vez em 1982, com o lançamento do livro *If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?* de Alice Walker. No livro, a autora descreve o colorismo como uma forma de hierarquizar e diferenciar as várias tonalidades da pele negra, desde a mais clara até a mais escura. Esta classificação tem como objetivo contribuir para a inclusão ou exclusão de indivíduos na sociedade, dependendo de seu tom de pele.

O fenômeno do colorismo é um tipo de preconceito que ocorre entre pessoas da mesma etnia que são tratadas de forma diferente com base na tonalidade de sua pele. Isso significa que, geralmente, quanto mais próxima da etnia branca for a tonalidade da pele de um afrodescendente, menor será o nível de preconceito que eles vão sofrer. Por outro lado, quanto mais afrodescendente for a aparência de alguém, mais discriminada ela será.

Esta aula também foca no uso do regionalismo nesta literatura e entende este regionalismo como uma forma de expressar a cultura local de maneira única e autêntica. Ao incorporar a linguagem e os elementos da cultura local nesta obra, a autora cria um ambiente envolvente e familiar para os leitores. Ao usar a linguagem regional, a autora também cria uma narrativa rica e única que transcende a realidade local, capaz de atrair novos entendimentos.

## PLANEJAMENTO

 <b>TEMPO ESTIMADO</b>	5 horas/aula
 <b>CONTEÚDOS</b>	Colorismo Racismo e identidade na escola e Linguagem Regional na obra
 <b>OBJETIVOS</b>	Conhecer a terminologia ‘Colorismo’ Identificar aspectos regionais
 <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	Leitura do livro da página 17 em diante. Slides com imagens de pessoas negras com várias tonalidades.
 <b>AVALIAÇÃO</b>	O processo de avaliação ocorrerá mediante a participação dos alunos em todas as etapas do trabalho.
 <b>REFERÊNCIAS</b>	<a href="#">Colorismo – O que é e como trabalhar o tema na escola?</a>  <a href="#">Colorismo: o que é, como funciona</a>  <a href="#">Letramento acadêmico indígena e quilombola: uma política linguística afirmativa voltada à interculturalidade crítica</a>  <a href="#">VOZES DO SILÊNCIO: LINGUAGEM QUILOMBOLA E PRECONCEITO</a>

	<p><u>LINGUÍSTICO-RACIAL EM RIO DE CONTAS NA BAHIA</u></p> <p><u>Cafundó: língua e memória quilombolas</u></p>
--	--



## Como desenvolver

### 1 – PREPARAÇÃO

O professor faz num quadro uma tabela para os alunos preencherem com os hábitos da comunidade que estão presentes na vida deles.

### 2 – EXECUÇÃO (3 AULAS)

O professor solicita que os alunos voltem ao começo da obra em busca de hábitos que são comuns na localidade, como tomar banho no rio (p. 7 e 16), contato direto com a natureza (p. 10 e 14), cooperação entre os vizinhos (p. 12), meios de locomoção (p. 4, 7 e 13). Após isto feito, o professor retoma a leitura do livro com os alunos a partir da página 17 e agora eles tem que fazer sozinhos essa procura por estes aspectos culturais e copiar no caderno para depois socializar com seus colegas o que conseguiu obter a partir da leitura.

Na página 19 precisamente será vista a temática colorismo quando um dos colegas de Maria e Zé faz um comentário provocativo. A partir desta página os alunos devem ser levados a refletir criticamente sobre esta provocação e sobre o colorismo.

Discute-se também a linguagem e terminologias utilizadas pelas pessoas mais velhas do quilombo, o que elas significam e outras formas de se dizer aquilo em outras regiões brasileiras.

### 3 – REVISÃO (2 AULA)

Cada aluno deverá fazer uma redação contando os 10 aspectos mais importantes do livro e o que eles acrescentariam no discurso final de Zé.

### 4 – AVALIAÇÃO

O processo de avaliação ocorrerá mediante a participação dos alunos em todas as etapas do trabalho.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fogo!... Queimaram Palmares, nasceu Canudos.  
Fogo!... Queimaram Canudos, nasceu Caldeirões.  
Fogo!... Queimaram Caldeirões, nasceu Pau de Colher.  
Fogo!... Queimaram Pau de Colher...  
E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando (Nego Bispo, 2021).

Para a construção desta pesquisa tive que inevitavelmente revisitar minhas memórias, repensar sobre minha ancestralidade, refletir sobre minha identidade que é fruto de um processo que não começou agora, mas vem de longe. Na etapa das leituras sobre a história da região que eu morei grande parte da minha vida, pude revisitar fatos que até então me pareciam alheios, entretanto se entrecruzam com minha ancestralidade. A fascinante oportunidade de caminhar e aprender com os remanescentes quilombolas da Ilha de São Vicente foi um decurso que me instruiu e reconstruiu como homem negro e como ser humano, foi uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Estou agradecido por ter tido essa experiência enriquecedora.

Refleti sobre o fato de que o Quilombo é lugar de resistência e luta e não é apenas uma palavra com uma simples acepção, mas uma palavra que carrega uma história rica e complexa em si, e esta história é fundamental para compreendermos a cultura e a sociedade brasileiras. Ao valorizarmos e conhecermos essa história, estamos perpetuando a memória e o legado desses povos e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, pois não há como haver justiça social com a existência do racismo na estrutura social.

Com isso, no primeiro capítulo, revejo o contexto histórico dos Quilombos brasileiros, que foram um eficaz elemento de desgaste do regime servil (MOURA, 1988) que dominou o Brasil por cerca de quatrocentos anos, e que gerou esse sentimento revolucionário conceituado por Abdias Nascimento (2002) de quilombismo. Neste capítulo apresentei também os variados tipos de Quilombos existentes, que se diferenciavam de acordo com as alianças e necessidades que possuíam.

Além disso, rememoramos a trajetória de lutas dos Quilombos em meio a regimes presidenciais facínoras e autoritários; e sua importância como guardiões dos saberes tradicionais que sustentam os brasis plurais atuais. E essas trajetórias

de lutas se cruzam com as minhas narrativas como homem negro, nordestino e LGBTQIAPN+ que foram apresentadas de forma bem sucinta, de forma a exemplificar as questões em comum vivenciadas por nós, população negra no Brasil.

No capítulo seguinte apresento três contextos históricos que se inter cruzam na confluência das águas dos rios Araguaia e Tocantins: o contexto histórico da Ilha de São Vicente, da cidade de Araguatins e da região Bico do Papagaio. Seria infactível apresentar o histórico da comunidade Ilha de São Vicente sem interligá-lo com os acontecimentos que se deram na região do Bico do Papagaio a partir da década de 70, um momento de progresso regional embebido de eventos sangrentos que transcorreram na região, sobretudo por embates relacionados a questões territoriais.

Revisitado este passado da região, apresento então os modos de viver e os hábitos da comunidade na atualidade, e isso é mostrado de forma visual por intermédio de ilustrações retiradas do documentário “Prosa e história Comunidade Ilha de São Vicente – TO - 2018”; Além de discorrer sobre os conflitos, lutas e conquistas atuais da comunidade.

No segundo capítulo, há o caminho percorrido para a obtenção dos dados desta pesquisa e como se deu a construção desta dissertação, que se iniciou desde a feitura do projeto de pesquisa, no qual para conhecer mais sobre a comunidade, eu decidi ir a Araguatins – TO afim de conhecer com meus próprios olhos a comunidade e a partir de então iniciar a revisão de literatura. Com a ideia central da proposta deste trabalho encontrada, constrói-se o objetivo geral e os objetivos específicos trazendo os resultados concretos do que pretende-se alcançar com esta pesquisa.

Descrevo o passo a passo de todos os procedimentos metodológicos utilizados desde a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, até a forma da análise dos dados obtidos nas entrevistas. Neste capítulo traço o perfil das entrevistadas, no qual observo que de forma não predefinida anteriormente, as escolhidas para esta pesquisa são mulheres de gerações e experiências diferentes apesar de serem da mesma comunidade.

No quarto e último capítulo, primeiramente procuro descrever as duas obras escolhidas para serem usadas como ferramenta nas entrevistas, e então inter cruzo as concepções trazidas pelas quilombolas à respeito das obras analisadas e de seus

depoimentos sobre suas vivências, no que tange a preservação dos saberes ancestrais que carregam consigo.

Neste último capítulo também está inserido a produção técnico tecnológica, a construção da produção técnico-tecnológica foi um grande desafio, mas também foi um momento em que pude refletir sobre minha trajetória como professor em escolas da rede pública da região do Bico do Papagaio há mais de uma década. Infelizmente, a situação das bibliotecas é precária e o descaso na rede pública de ensino é algo normalizado. A falta de infraestrutura é um reflexo disso.

Diante disso, sinto a necessidade de ajudar professores a trazer uma discussão efetiva sobre os Quilombos da região em sala de aula, por acreditar que será algo enriquecedor tanto para os professores como para os alunos, que aprenderão sobre a história dos Quilombos, que são intrinsecamente ligadas à história da região, além disso os estudantes terão a oportunidade de conhecer, estudar e discutir acerca dos saberes e tradições quilombolas. Essa é certamente uma oportunidade valiosa de aprender sobre a cultura local e expandir seus horizontes.

As discussões levantadas nesta pesquisa não se encerram aqui, e esse trabalho almeja mostrar a importância e o poder das narrativas na transmissão de cultura, costumes e história. Sinto-me honrado por, de alguma forma, semear conhecimento e saberes ancestrais nas mentes daqueles que tiverem acesso direta ou indiretamente a este trabalho. Que a paz quilombola, que Beatriz Nascimento (2018) conceitua, seja algo alcançada o quanto antes, com o fim dos conflitos territoriais, que diariamente tiram a paz e atrapalham a organização social do povo quilombola e titulação dos territórios.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** / Verena Alberti. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALMEIDA<sub>1</sub>, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 (Femininos Plurais/ coordenação de Djamilla Ribeiro)

ALMEIDA<sub>2</sub>, Cristina de Sousa Fonseca. **Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente/Tocantins: história de lutas, conquistas e conflitos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari, UNIVATES, 2019.

ALMEIDA<sub>3</sub>, Ludmilla. **Fátima Barros, Presente!** [S.l.], 2021. Disponível em: <https://favelaempauta.com/fatima-barros-presente/>. Acesso em: 20 de set. 2022.

ALMEIDA<sub>4</sub>, Ruteia Lima et al. A formação regional do bico do papagaio: regionalização e polarização. 2010. 125f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2013.

ARAÚJO, Eduardo; DA SILVA, Givânia Maria. Racismo e violência contra Quilombos no Brasil. **Confluências| Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 21, n. 2, p. 196-208, 2019.

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, p. 247-273, 2002.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Lei nº 12.987, de 2 de junho de 2014. Dispõe sobre a criação do Dia Nacional de Uana de Benguela e da Mulher Negra. Brasília, DF:

CÂMARA DOS DEPUTADOS, 3 de jun. 2014a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L12987.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12987.htm). Acesso em: 31 out. 2021.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Herli de Sousa. **No chão quilombola os rebentos narram suas percepções acerca da escola de infância da comunidade Cajueiro I em Alcântara/MA**. 2016. 248f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

CHIAVENATO, Júlio José. **O Negro no Brasil: da senzala à abolição**. São Paulo: Moderna, 1999

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Tranças Afro—a cultura do cabelo subalterno**. Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação, v. 1, n. 1, 2011.

DA CONCEIÇÃO SILVA, Léo Daniel; SOCIO, Luama. Discursos, Narrativas E Poemas Quilombolas Do Tocantins. **Revista Extensão**, v. 5, n. 1, p. 40-46, 2021a.

DA SILVA, Jean Bezerra; DOS SANTOS FILHO, Alexandre Silva. Cultura Quilombola: A Comunidade Qubicilombola Ilha São Vicente E Das Intenções Da Política De Assistência Social. **Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 3, 2018.

DE ALMEIDA, Djaimilia Pereira. **Esse cabelo**. Lisboa: Leya, 2015.

DE LIMA, Lilian Castelo Branco. **Maricota Apinajé: uma mulher-patrimônio em tramas de saberes**. 2016. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

DE RAQUEL GERBER, ÔRÍ Direção. Roteiro de Beatriz Nascimento. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989.

DESIDÉRIO, Plábio Marcos Martins; SOUZA, Juno Brasil Custódio. TERRITORIALIDADES E (DES) TERRITORIALIZAÇÕES. **Revista Temporis [ação]**(ISSN 2317-5516), v. 20, n. 02, p. 19-19, 2020.

DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia. **Relatório antropológico de reconhecimento e delimitação do território da Comunidade Quilombola Ilha de São Vicente**, Araguatins – Tocantins. Palmas: INCRA/SR 26-TO, 2014.

DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia. **Identidade e territorialidade na comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente na região do Bico do Papagaio –Tocantins**. 2019. 302p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Recife, 2019.

DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia. **Identidade e territorialidade na comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente–Tocantins**. 2020.7

DOS SANTOS LACERDA, Roberto; DA SILVA, Gicélia Mendes. Desafios para a construção do conceito afrocentrado de desenvolvimento em comunidades quilombolas no Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 45, 2018.

DUARTE, Leônidas Gonçalves. **De São Vicente a Araguatins**. Marabá: J.C. Rocha Editor, 1970.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FREITAS, Breno B. de S. MOTA, Flávio Oliveira. **Uma busca pela identidade cultural de origem quilombola na região do Cabula em Salvador-Bahia**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, VII., 2014 Vitória-ES.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 106-115, 2014.

GALEANO, Eduardo H, **As veias abertas da América Latina** / Eduardo Galeano; tradução de Sergio Faraco. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GOMES<sub>1</sub>, Flávio dos Santos. **De olho em Zumbi dos Palmares: história, símbolos e memória social**/ Flávio dos Santos Gomes; coordenação Lilia Moritz Schwarcz e Lúcia Garcia. – 1ª ed. – São Paulo: Claro Enigma, 2011.

GOMES<sub>1</sub>. Quilombos/Remanescentes de Quilombos. In: **Dicionário da Escravidão e liberdade**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A.: 2018

GOMES<sub>2</sub>, Nilma Lino. Nota do artigo: **Cultura Negra e Educação**. Revista Brasileira e educação. Agosto, 2003

GOMES<sub>2</sub>, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. Portal Geledés: Instituto Da Mulher Negra, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-lei-10-63903-2/>. Acesso em: 13 jun. 2019.

HALBWACHS, M. (1990). **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. In: **História Geral da África I**. ZERBO, J.K. (Org.). Brasília: MEC/Unesco, 2010.

KARENKA, M. Afrocentricity and multicultural education. In: Mazama, A. (Org.). **The afrocentric paradigm**. Trenton, N.J: Africa World Press, 73-94, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.

LEVY, Herbert Costa. Comunidade Quilombola Ilha De São Vicente: Um Território Em Reconstrução. **Revista Zabelê-Discentes Ppgant/Ufpi**, V. 3, N. 1, P. 142-155, 2022.

LIMA, Luiz Costa; JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor textos de estética da recepção**. 2002.

LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro. [recurso eletrônico] - 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2014.

LUCINDA, Elisa. Eu te amo e suas estréias. Editora Record, 2021.

MANOS E MINAS. **Calma, senhor, não atira. Não sou bandido, sou artista, poeta, cantor...** Youtube, 23 out. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AohbnYNvpo>> . Acesso em: 01 jun. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira; MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Nem só útero, nem só sexo: o corpo e a condição feminina na literatura de Buchi Emecheta. **Afro-Ásia**, n. 64, p. 400-430, 2021.

MIRANDA, Cynthia Mara. SANTOS, Gleys lally Ramos dos. Mulheres do Bico do Papagaio: questões de gênero e desenvolvimento regional nos municípios de São Miguel e Axixá. In: **RELEM – Revista Eletrônica Mutações**. ago-dez. UFAM, ICSEZ. 2014. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufam.edu.br/relem/article/view/720/pdf>>. Acesso em: 28 out. 2021

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo**. 2. Ed. Brasília/Rio: Fundação Cultural Palmares, 2002.

NÉMETH, Peter Santos. O feitio da canoa caiçara de um só tronco: A cultura imaterial de uma nação, em 25 linhas. **Dossiê para instrução de processo de registro de bem cultural de natureza imaterial junto ao IPHAN**. São Paulo: IPHAN, 2011.

NUNES, Davi. **Bucala: A pequena princesa do Quilombo do Cabula**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

OLIVEIRA, Fernando Bueno; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros. **Revista Geo, UEG, Anápolis**, v. 4, n. 2, p. 257-275, 2015.

PINTO, A. R. et al. Quilombos do Brasil: segurança alimentar e nutricional em territórios titulados. **Cadernos de Estudos: Desenvolvimento Social em Debate**, v. 20, p. 1-212, 2014.

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUADROS, Tamires Dias. Os territórios quilombolas urbanos entre normas jurídicas e sociais. **Revista Contraponto** - Edição Especial VIII Seminário Discente (2019) v. 7, n. 2, 2020

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina**. Dispositio, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

RANCIARO, Maria Magela. **Os cadeados não se abriram de primeira: processos de construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Andirá (Município de Barreirinha – Amazonas)**. 2016. 233p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Manaus, 2016.

SANTANA, Tiago Evangelista. **Políticas étnico raciais e discriminação: reflexões sobre o colorismo no Brasil**. Orientadora: Daniela de Melo Crosara. 2021. 26 f. TCC (Graduação) – Curso de Direito, Faculdade de Direito, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/32323/1/Pol%c3%adticas%c3%89tnicoRaciais.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.

SILVA, Moises Pereira da. **Padre Josimo Moraes Tavares e a atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) nos conflitos agrários do Araguaia-Tocantins**. 2011. 175f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart, Marcos Ferreira Feitosa, André Ferreira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história/** Laura Olivieri Carneiro de Souza. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

TERRA DE DIREITOS. **O MOVIMENTO QUILOMBOLA NO OESTE DO PARÁ**. [S.l.] 2011. Disponível em: <https://www.forumjustica.com.br/wp-content/uploads/2015/10/cartilha-QUILOMBOLAS-montada-1.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

TYSON, Lois. **Critical theory today: A user-friendly guide**. Routledge, 2014.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de, **Diálogos contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 77-93

## SITES

ALBUQUERQUE, Gg. **A música e o feminismo das mulheres griots da África.** [S.l.] 2020. Disponível em: <<https://volumemorto.com.br/griots-mulheres/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

CAMPELO, Lilian. **Bancada ruralista arma mais uma ofensiva contra povos tradicionais.** Belém, 2018. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/terra-de-direitos-na-midia/bancada-ruralista-arma-mais-uma-ofensiva-contr-povos-tradicionais/22884>. Acesso em 14 dez. 2021.

CONAQ. **Quilombo: território de insurgência.** [S.l.] 2020. Disponível em: <<http://conaq.org.br/quilombo-territorio-de-insurgencia/>> Acesso em: 8 ago. 2021

DA LUZ, Natalia. **“Somos mediadores da sociedade e utilizamos a palavra como o principal instrumento”, diz griot.** [S.l.] 2013. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/somos-mediadores-da-sociedade-e-utilizamos-a-palavra-como-o-principal-instrumento-diz-griot> >. Acesso em 01 nov. 2021.

EDUCA IBGE. Matérias especiais - **QUILOMBOLAS NO BRASIL** [S.l.] [2021?]. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>>. Acesso em: 10 out. 2021.

FALCÃO, Ísis. **Ação da DPE/RS garante água potável a mais de 500 famílias quilombolas.** [S.l.] 2021. Disponível em: <<https://www.defensoria.rs.def.br/acao-da-dpe-rs-garante-agua-potavel-a-mais-de-500-familias-quilombolas>> Acesso em: 12 out. 2021.

FOLHA DO JALAPÃO. **Líder quilombola do Tocantins morre após ficar mais de 20 dias internada com a Covid-19.** [S.l.] 2021. Disponível em: <<https://folhadojalapao.com.br/lider-quilombola-do-tocantins-morre-apos-ficar-mais-de-20-dias-internada-com-a-covid-19/>>. Acesso em 20 out. 2021.

HISTÓRIAS DA ILHA. 2019. Disponível em: <https://www.historiasdailha.com>. Acesso em: 28 de jul. de 2021.

IBGE. **Microrregiões do Tocantins.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/>> . Acesso em: 28 out. 2021.

JENKINS, Henry. Reconsidering Digital Immigrants.... **Henry Jenkins**, 2007. Disponível em: <[http://henryjenkins.org/blog/2007/12/reconsidering\\_digital\\_immigran.html?rq=digital%20natives](http://henryjenkins.org/blog/2007/12/reconsidering_digital_immigran.html?rq=digital%20natives)>. Acesso em: 03 de mar. de 2021

MELITO, Leandro. **Número de assassinatos de quilombolas em 2017 foi o maior em dez anos.** Brasília, 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-09/numero-de-assassinatos-de-quilombolas-em-2017-foi-o-maior-em-dez>>. Acesso em: 26 out. 2021.

MENDES, Guilherme. **Justiça tira Sergio Camargo da gestão de funcionários da Fundação Palmares.** [S.l.] 2021. <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/justica-tira-sergio-camargo-da-gestao-de-funcionarios-da-fundacao-palmares/>>. Acesso em: 26 out. 2021.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Povos e Comunidades Tradicionais** [S.l.] [2018?]. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em 14 dez. 2021.

ORTEGA, Anna. **Ailton Krenak: “A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho”.** [S.l.] 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>>. Acesso em: 27 out. 2021.

RACISMO AMBIENTAL. **Dona Raimunda, quebradeira de coco babaçu e liderança no Tocantins, morre em casa aos 78 anos.** [S.l.] 2018. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2018/11/08/dona-raimunda-quebradeira-de-coco-babacu-e-lideranca-no-tocantins-morre-em-casa-aos-78-anos/>>. Acesso em 28 out. 2021.

RAMOS, Jefferson E. M. **Guerrilha do Araguaia.** [S.l.] 2019. Disponível em: [https://www.historiado brasil.net/resumos/guerrilha\\_araguaia.htm](https://www.historiado brasil.net/resumos/guerrilha_araguaia.htm). Acesso em 13 de set. 2022

RESENDE, Thiago. **Sob Bolsonaro, reconhecimento de quilombolas cai ao menor patamar da história.** Brasília, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/06/23/sob-bolsonaro-reconhecimento-de-quilombolas-cai-ao-menor-patamar-da-historia.htm>. Acesso em: 29 de mar. 2022.

VELOSO, Serena. **Aprovação das cotas raciais na UnB completa 15 anos.** [S.l.]. 2018. Disponível em: <<https://www.noticias.unb.br/76-institucional/2319-aprovacao-das-cotas-raciais-na-unb-completa-15-anos.>>. Acesso em: 17 out. 2021

VERDÉLIO, Andreia. **Sem orçamento, Censo não será realizado em 2021.** Brasília, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-04/sem-orcamento-censo-nao-sera-realizado-em-2021>. Acesso em: 11 out. 2022.

VIEIRA, Kauê. **Davi Nunes: Palavras de vida ao quilombo do Cabula da princesa Bucala.** [S.l.] [2020?]. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/davi-nunes-palavras-de-vida-ao-quilombo-cabula-da-princesa-bucala/?s=cabula&x=0&y=0&pesquisar=pesquisar>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

# APÊNDICE

**APÊNDICE A – TEXTO CALMA, SENHOR, NÃO ATIRA. NÃO SOU BANDIDO,  
SOU ARTISTA, POETA, CANTOR...**

Ei senhor! Senhor, calma senhor!  
Senhor, por favor, calma senhor!  
Não atira!  
Eu não sou bandido!  
Eu sou artista, poeta, cantor!  
E a dona Maria ainda sente dor  
Toda vez que lava sem ser usado meu cobertor  
Foi com ele que ela me enrolou depois que me encontrou  
No testemunho o fardado disse que me desarmou  
Não senhor! Eu ainda to armado até os dentes  
Me tiraram a paciência, a consciência  
Sua bala me deu deficiência  
Mas eu ainda sou a linha de frente  
"Olha ali! Aquele neguinho ali,  
Disse que é cantor, ator, poeta, mc"  
"Ah, se ele pagar de pá bate nele fi"  
"Foi mal, não consegui  
É que de Pepe e Nenem ele virou muito rápido Muhammad Ali"  
E cuidado, chegado  
O capital ele mente  
Vem com as roupas mais caras pra gente  
Pra que todos nos vistamos iguais  
E não sejamos diferentes  
Gol do Brasil! Gol do brasil!  
Cê num viu?  
Cê não viu?  
Duvidaram mas ele conseguiu  
Gol do Brasil!  
Coronel Ustra, com a camisa 13  
Fez um gol de bicicleta

Enquanto sodomizava uma mulher com um fuzil  
Aí, vai pra pátria que pariu  
E lá você para  
Já que meu cabelo é bombril  
Eu vou lavar essa vergonha na sua cara  
E penetrar na sua mente com as minhas palavras  
Até você gritar: Para!  
Já que várias delas gritavam e não adiantava  
Pá!  
Pra iluminar vou tacar fogo na sua bancada religiosa da bala  
Porque a minha metralhadora tá carregada  
Como eu já disse: de palavra  
Vou vir tipo Dandara  
Porque... zumbir seria me corromper  
Para jáo!  
Não confunde a resposta do oprimido como opressão  
O aviso é o toque de recolher  
Se encolher dentro de casa  
Mas se pá a revolução nem será televisionada  
Só pra você entender o poder da quebrada  
Pois é você quem se redime  
Eu quero ver quando os menor se conscientizar  
Usar a peça pra revolucionar  
Aí sim vai ser um crime  
AK, KB2, .40, .50  
Até a Casé entendeu como é que o baile da favela do direita esquentar!  
Bravo!  
Foi tão bom assim de verdade?  
Homem branco, rico e hétero  
Bravo você vai ficar quando eu pegar o seu lugar na faculdade  
Agora presta atenção,  
A partir de hoje eu perdi a linha!  
Aqui ninguém mais vai voltar

Nem pra senzala, nem pro armário e nem pra cozinha  
O dia de hoje vai ser lembrado como revolução  
Aê deputado!  
Faz um feriado denominado 'carapuça'  
E avisa pra esse bando de tiozão  
Que quando meu povo entender o que é união  
Eles não passarão!

Manos e Minas. Calma, senhor, não atira. Não sou bandido, sou artista, poeta, cantor...  
Youtube, 23 out. 2018. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=AohbnYNvpq>> . Acesso em: 01 jun. 2021.

## APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

OBRA 1: Bucala – A pequena princesa do Quilombo do Cabula.

FONTE: NUNES, Davi. **Bucala: A pequena princesa do Quilombo do Cabula**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

TEMÁTICA	EXCERTO	PERGUNTA
Cuidado com a imagem pessoal, maternagem, auto estima negra.	<p>“Sua mãe se chamava Lacabu e, quase toda manhãzinha, aconchegava a princesa entre as pernas - ela trançava o seu cabelo, com carinho, para formar a majestade de um reinado em sua cabeça.” (P.3)</p> <p>“...sentindo os dedos macios de sua mãe Lacabu, colocando as mais belas missangas.” (P.)</p>	<p>1. Quais suas lembranças sobre esses momentos de cuidado?</p> <p>2. 😞 Nos últimos anos no Brasil houve uma mudança na perspectiva que se tinha da beleza negra. Essa mudança se estendeu ao setor de cosméticos, cabelos, até a presença de mais negros nas propagandas começaram a evidenciar isso. Qual sua opinião sobre isto?</p> <p>3. Como foi para você se entender como pessoa descendente de ex-escravizados, quilombola?</p> <p>Quando você se entendeu como quilombola? O que iniciou esse processo? Teve alguém que foi responsável por isso?</p>
Relação com a natureza, com os seres celestiais	<p>“...Levava a pequena ao céu para brincar com as constelações e para beijar a formosa deusa <u>celeste</u> - a lua prateada.</p>	<p>4. Essa relação com a natureza, com os seres celestiais foi uma vivência sua? Em que medida?</p> <p>Com quem você aprendeu a contemplar a natureza, os planetas, os seres celestiais? Isso era um ensinamento... .</p>
Algozes	<p>“dos homens que tinham em toda a sua pele tatuado um nome feio: Escravocratas.”</p> <p>“ capitães do mato. homens perigosos. gosto acre da maldade”</p>	<p>5. 🦋🌿🔪 Os escravocratas e os capitães-do-mato foram historicamente ameaças aos Quilombos. Na sua opinião, esse sentimento de ameaça ainda perdura?</p> <p>A Quem são os escravocratas e capitães do mato da atualidade?</p>
Espiritualidade	<p>“A natureza coroava todo o povo do</p>	<p>7. 🙏🏠(Como) você pratica a sua espiritualidade?</p>

	quilombo do Cabula com a energia mais pura do universo, o axé”	A Isso foi algo aprendido? Com quem?
Relação com os animais.	“montando uma onça suçuarana,” “Depois saía voando, segurando-se nas asas do Pássaro-preto...”]	8. 🐶🐵🏠🐔🐷🐘🐮 Como era essa relação no seu quilombo?
Griô, saberes ancestrais	“o ancião Bem-preto-de-barbicha-bem-branca” .... “Contava casos dos grandes reinos africanos, histórias de rainhas e reis poderosos, que foram passadas de ancestral para ancestral”	9. 🏠🏠 Para você quem representa a imagem de griô 🏠 na sua história? É mais de um? Quem são? A Quais as contribuições deles na sua vida? B Você recorda de algum momento específico de aprendizado com este(s) griô?  10. Recentemente uma das grandes representantes da Comunidade faleceu devido complicações da Covid. Como foi para você(s) essa perda? Você(s) queriam deixar alguma mensagem sobre este fato?
Preservação da natureza	“uma árvore de mais de duzentos anos, deitou-se, abriu o ouvido e adormeceu com o canto de um canarinho muito bonito.	
		12. 📖📕📗 Qual ilustração ou aspecto do design do livro chamou mais sua atenção? Por quê?

**OBRA 2: Calma, senhor, não atira. Não sou bandido, sou artista, poeta, cantor...**

FONTE: Manos e Minas. **Calma, senhor, não atira. Não sou bandido, sou artista, poeta, cantor...** Youtube, 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AohbnYNvpo> . Acesso em: 01 jun. 2021.

TEMÁTICA	EXCERTO	PERGUNTA
Violência policial	<p>" Ei, senhor! Calma, senhor! Senhor, por favor! Calma, senhor, não atira! Eu não sou bandido. Eu sou artista, poeta, cantor. E a Dona Maria ainda sente dor / toda vez que lava sem ser usado o meu cobertor "</p> <p>"...No testemunho, o fardado disse que me desarmou. "</p> <p>"...Sua bala me deu deficiência, mas eu ainda sou a linha de frente."</p>	<p>Como pessoa negra, você se sente ameaçado ou protegido pela polícia? Em 2010 o seu quilombo foi atacado por grileiros que atearam fogos nas roças de vocês. Como foi para vocês após esse ocorrido?</p>
Privilégio branco	<p>"homem branco, rico e hétero. Você vai ficar quando eu pegar o seu lugar na faculdade "</p>	<p>Como foi seu processo de entrada na universidade? A Você entrou por intermédio das ações afirmativas? B É bolsista? Sofreu alguma retaliação por isso na universidade ?</p> <p>Já foi questionado alguma vez sobre a veracidade de sua identidade como quilombola por discentes, docentes? Como foi para você?</p>

Política extremista	"Para iluminar, vou tacar fogo na sua bancada religiosa, da bala. "	O processo de reconhecimento da terra do quilombo Ilha de São Vicente está finalizado? Como tem sido esse tempo sem a titulação?
Subestimação das pessoas negras	"Duvidaram, mas ele conseguiu! " " Olha ele ali, aquele neguin, disse que é cantor, ator, poeta, MC. Ah, se ele pagar de pá, bate nele, fi.	você já se sentiu menosprezado ou subestimado por ser quilombola negro? onde?
Poder, força e resiliência	" Não, senhor, eu ainda estou armado até os dentes. "  " Mas se pá a revolução nem será televisionada, só pra você entender o poder da quebrada "  "eu quero ver quando os menor se conscientizar, usar a peça pra revolucionar. Aí sim, vai ser um crime! "  "ninguém mais vai voltar a entrar em senzala, nem pro armário, nem para cozinha"  " não confunde a resposta do oprimido como opressão. "  "e penetrar sua mente com as minhas palavras até você gritar: Para! Já que várias delas gritavam e não adiantava "	

# **ANEXOS**

**Territórios Quilombolas**

# Passo a Passo da Titulação de Território Quilombola

**#1 AUTODEFINIÇÃO QUILOMBOLA**  
A comunidade quilombola, assim como qualquer outro grupo social, tem direito à autodefinição. Para regularizar seu território, o grupo deve apresentar ao Inbra a Certidão de Autorreconhecimento, emitida pela Fundação Cultural Palmares.

**#2 ELABORAÇÃO DO RTID**  
A primeira etapa da regularização fundiária quilombola consiste na elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), visando o levantamento de informações cartográficas, fundiárias, agronômicas, ecológicas, geográficas, socioeconômicas, históricas, etnoográficas e antropológicas, obtidas em campo e junto a instituições públicas e privadas. O RTID tem como objetivo identificar os limites das terras das comunidades remanescentes de quilombos.

**#3 PUBLICAÇÃO DO RTID**  
Os interessados terão o prazo de 90 dias, após a publicação e as notificações, para contestarem o RTID junto à Superintendência Regional do Inbra, juntando as provas pertinentes. Do julgamento das contestações caberá recurso único ao Conselho Diretor do Inbra Sede, no prazo de 30 dias a contar

provas pertinentes. Do julgamento das contestações caberá recurso único ao Conselho Diretor do Incra Sede, no prazo de 30 dias a contar da notificação.



#### **PORTARIA DE RECONHECIMENTO**

A fase de identificação do território encerra-se com a publicação de portaria do Presidente do Incra que reconhece os limites do território quilombola no Diário Oficial da União e dos estados.



#### **DECRETO DE DESAPROPRIAÇÃO**

Nos casos em que há imóveis privados (títulos ou posses) incidentes no território, é necessária a publicação de Decreto Presidencial de Desapropriação por Interesse Social (Presidência da República). Os imóveis desapropriados serão vistoriados e avaliados conforme os preços de mercado, pagando-se sempre previamente e em dinheiro a terra nua, no caso dos títulos válidos, e as benfeitorias.



#### **TITULAÇÃO**

O Presidente do INCRA realizará a titulação mediante a outorga de título coletivo, imprescritível e pró-indiviso à comunidade, em nome de sua associação legalmente constituída, sem nenhum ônus financeiro. É proibida a venda e penhora do território.



<b>UEMASUL</b>	<b>JEFFREY MARLEY DA SILVA MIRANDA</b> <b>NARRATIVAS QUE EDUCAM PARA A ANCESTRALIDADE:</b> literatura, memória e identidade na percepção de quilombolas da Ilha de São Vicente.	<b>2023</b>
----------------	--	-------------